uma canção póstuma para paul celan  
onde vieres também tu a sussurrar nas valas, nem que faminta esteja a tua voz  
e se teus olhos os vir de madrugada, perdidos pelos campos, em sítios que estremecem — eu regresso — «eu  
até nas ondas do meio-dia, na linha calma das cerejas, se te vejo, margarete — eu « escureço — «e escureço  
como o cabelo com o tom escuro dos violinos me escurece, como  
escurece o vento nos bosques frios em que morremos, escurecem as alamedas  
escurece o leite negro que bebemos e bebemos.  
onde vieres também tu pelo adordo sublime do infortúnio, nem que franzido seja o teu sangue  
e se teus lábios os vir ao entardecer, à hora mágica, lendo os poemas da galícia — eu regresso — «eu  
até nos combóios que cavam um túmulo pelos ares, se te vejo, sulamith — eu «escureço — «e escureço  
como o entardecer nas horas mais pequenas me escurece, como  
escurecem as rugas pelos rostos, escurecem os poemas  
escurece o leite negro que bebemos e bebemos.

----------------------------------------

cabeça, tronco e membros  
a camisa branca estendida na corda  
do quintal é uma nuvem. há pouco,  
quando a fui pendurar, ainda chovia.  
agora, que o vento sopra forte dentro  
dela, vejo de repente o teu tronco a  
vesti-la. porém, se estendo os braços  
para ele, só encontro o vazio. triste,  
tento dizer-me que é apenas uma  
camisa; mas, sem querer, volto  
para casa com a nuvem na cabeça.

----------------------------------------

carta ao pai  
agora que o senhor  
mais assemelha pedaço  
de carne com dois olhos  
dirigidos ao teto escuro  
no leito em que provável  
só não há-de morrer só  
porque nem a própria  
saliva poderá engolir  
por si na companhia  
somente desta sonda  
que o alimenta  
me pergunto se ainda  
em validade a proibição  
da mãe em confessar  
ao senhor os hábitos  
amorosos das mucosas  
que são minhas  
e se deveras me amaria  
tanto menos soubesse  
quanta fricção já tiveram  
que não lhes cabia  
biológica ou religiosa  
-mente e se também  
pediria para sua filhoa  
a morte que desejou  
a tantos de minha laia  
quando surgiam na tela  
da glboo da record  
da manchete do sbt  
que sempre constituíram  
seu cordão umbilical  
com a tradição  
e se deveras faria  
sobrevir a eles  
grande destruição  
pela violência  
com que urrava  
seus xingamentos  
típicos de macho  
nascido no interior  
desse pais de machos  
interiores e quebrados  
em seus orgulhos falhos  
de crer que o pai  
é o que abarrota  
geladeiras e não deixa  
que falte à mesa  
o alimento que nutre  
as mesmas mucosas  
em que corre  
o seu sangre  
mas não seu deus  
e ora neste leito partido  
o cérebro em veias  
como riachos insistentes  
em correr  
fora das margens  
se o senhor  
soubesse o dolo  
com que manchei  
a mesa  
de todos os patriarcas  
ainda pergunto-me  
se me receberia  
com a mansidão  
que aceita na testa  
o beijo desta sua filhoa  
que nada mais é  
que a sua imagem  
e semelhança invertidas  
tal espelho  
que refletisse opostos  
de gênero e religião  
ou o desenho  
animado na infância  
de uma sala de justiça  
onde numa tela  
podia-se observar  
um mundo ao avesso  
e se o pai e o pai  
odeiam deveras  
o gerado nas normas  
da biologia e religião  
mais tarde porém geridos  
na transgressão das leis  
que o pai e o pai  
impõem-nos na ciência  
de sermos todos falhos  
nessa terra onde procriar  
é tão frequente  
que gere prazer  
nenhum e olho  
o senhor  
com essas pupilas  
que talvez jamais  
reflitam o pai  
mas ora veem o pai  
eu  
mesmo pedaço  
de carne  
com dois olhos  
peço perdão  
em silêncio  
pois sequer posso  
dizer que não  
mais há tempo  
e mesmo assim  
e porém  
e no entanto  
e contudo  
pelo medo adversativo  
de talvez abalar  
uma sistema rudimentar  
de alicerces  
sob a casa  
sob o quarto  
sob esta cama  
de hospital  
emprestada  
escolho  
uma vez mais  
o silêncio

----------------------------------------

mediterrâneo i  
não há lugares, nunca houve, nem mesmo antigos.  
há o que olhamos neles, a sua marca de pó de tijolo que os faz sumir.  
só assim conseguimos chegar. só brandamente, para lembrarmos.  
não para tocar as colunas liláses ou fazer a travessia no veleiro das tangerinas.  
só vagamente andamos. não caminhamos, debaixo do sol.  
os pés dos nómadas não enegrecem com as areias e as águas de pequenos portos.  
são os ulmeiros que nos protegem e não os seus terraços.  
a marca de pó fere-nos numa gota desmaiada,  
podemos entretê-la mesmo entre os dedos que não petrefica.  
nada mudou desde o primeiro queixume; foi  
com os olhos que partimos na linha do mediterrâneo  
e são as oliveiras o seu diurno limite.

----------------------------------------

1.  
esta perturbação inicial, garfo  
que não encaixa na boca  
e a comida cai, num prato  
assustado; o copo  
d’água vai de encontro  
ao dente. a garganta  
estende as palmas  
de vontade.  
2.  
o algodão úmido  
na testa eriça-me  
o quebranto; o soluço  
acelera o ritmo.  
visto o casaco alheio  
e me perco no cheiro,  
um instante,  
um instante.  
o flagrante  
do dono  
perturba-me  
o sono.  
3.  
timidez  
de pés  
em casa  
estranha,  
que ao  
ensaio  
da distribuição nova  
do peso descobrem  
a levitação.  
4.  
o chão é um convite  
recorrente, constante;  
algo em nós espera  
o reencontro. até que  
o vento nos disperse  
aos quatro cantos.

----------------------------------------

a viagem de alexandre à índia  
andaste de um ao outro lado da terra na vida interminável,  
tiveste degredos, piedosos cíumes, a fé desvanescida,  
amantes paradas na lavoura, roubando-te o rosto amado.  
viste vestígios de que foste a sombra de ninguém,  
olhos sem pudor, do reflexo dos ferros no tropel,  
franjas do domínio pueril de alexandre, olhando gaugamela.  
partiste num porto de transição para o levante,  
com vazios para trás, todo o tempo a poder ver,  
e ao primeiro inverno, pelos cardeais das suas cinzas,  
começaste a travessia que não termina, a história que não acaba.  
soubeste porque se vislumbra, em lágrimas, o pinheiro da juventude,  
o nome quebrado num turvo ar medido sem corda,  
e a maresia do vento de feição no segundo inverno.  
em troca perseguiste o que rege o homem fortuito,  
segredando em palácios de mármore que são apenas pedras,  
dos fracassos a que jamais alguém ajoelhara.  
ao terceiro inverno descobriste o hemisfério, e ao quarto,  
sem ideia de guerra ou ordem para mudar o reino,  
escolheste adornar os aquedutos sob o manto dos regatos,  
sentado, na brisa no tanque, ao febril entardecer.  
de quem te aproximaste, no seu trajecto interminado,  
sem lugar senão o que esfria na mente recortada,  
naquilo que se ramifica, tornando-se na própria teia,  
contigo propagou o dever de passar em toda a parte.  
e quando veio o quinto inverno, e o sexto, suturaste o sangue,  
trouxeste a pele à curva dos rios, acolheste o que de resto se desmorona,  
e pudeste enfim, na crença dos migradores furtivos, entender que  
tudo se perde noutro lugar ainda, e após esse ainda noutro  
e que ao fim de cada manhã noutra manhã  
tudo é incerto, tão conforme o dente-de-leão no meio de searas,  
tão emudecido como a veia exausta dos não sepultados.  
na mansarda onde vagueia o dia e a noite  
o vento responde, cortando o centeio e o calcário, e a vela  
que brilha na luz de estrelas veladas, já desaparecidas,  
pisadas, mudas, engolidas aos pés do sétimo inverno,  
arpoa o coração e a ruína — os meridianos despem-se, voam  
em vinte e cinco anos que há pouco se beijavam, e seja dito ou não dito  
o prazer que inflige um pico de tormentos  
por lábios que só as mulheres conhecem  
no moinho das águas da morte em varanasi,  
sacode a chama de quanto vale, dura e canta  
o princípio e o fim do teu poder na terra.

----------------------------------------

da menina e moça  
pensando-vos estou filha  
vossa mãe me está lembrando  
enchem-se-me os olhos d’água  
nela vos estou lavando:  
nascestes filha antre mágoa  
para bem filha vos seja  
que no vosso nascimento  
vos ouve a fortuna inveja:  
morto era o contentamento  
nenhuma alegria ouvistes,  
vossa mãe era finada,  
nos outras éamos tristes:  
nada em dor em dor crescida  
não sei onde isto há de ir ter  
vejo-vos filha fermosa  
cos olhos verdes crescer:  
não era esta graça vossa  
para nascer em desterro  
mal haja a desaventura  
que pôs mais nisto que o erro:  
tinha aqui sua sepultura  
vossa mãe e mágoa a nós  
não éreis vos filha não  
para morrerem por vós:  
não houve em fados razão  
nem se consente rogar  
de vosso pai hei mor dó  
que de si s’á de queixar:  
eu vos ouvi a vós só  
primeiro que outrem ninguém  
não fôreis vós seu não fora  
não sei se fiz mal se bem:  
mas não pode ser senhora  
para mal nenhum nascerdes  
com este riso gracioso  
que tendes sobr’olhos verdes:  
conforto mais duvidoso  
me é este que tomo assi  
deus voos dê milhor ventura  
da que tevestes té ‘qui:  
que a dita e a fermosura  
dizem patranhas antigas  
que pelejaram um dia  
sendo dantes muito amigas:  
muitos hão que é fantasia  
eu que vi tempos e anos  
nenhuma cousa duvido  
como ela é caso de danos:  
mas nenhum mal nom é crido  
o bem só é esperado  
e na crença e na esperança  
em ambas há i mudança  
em ambas há i cuidado

----------------------------------------

antre mi mesmo em mim  
não sei que se alevantou  
que tão meu inimigo sou  
uns tempos com grande engano  
vivi eu mesmo comigo  
agora no maior perigo  
se me descobriu mor dano  
caro custou um desengano  
e pois m’este não matou  
assaz caro me custou  
de mim sou feito alheo  
antre cuidado e cuidado  
está um mal derramado  
que por meu grão mal me veo  
nova dor novo arreceo  
foi este que me matou  
que tão meu inimigo sou

----------------------------------------

indústria cultural  
as distrações  
para as famílias do interior  
exigem recursos humanos  
próprios.  
aqui  
não vêm atuar  
os grandes atores,  
aqui  
não vêm ler  
os grandes poetas,  
aqui  
não vêm cantar  
os grandes cantores,  
aqui  
não se digna  
a interpretações  
a intelligentsia.  
aqui,  
às igrejas evangélicas  
e às academias de ginástica  
pertence a implementação  
do mens sana in corpore sano.  
as visitas à sorveteria  
que antes fora uma pizzaria  
e antes, uma lanchonete,  
apenas mudam as paredes,  
que não trazem  
nem fotografia nem pintura  
de tradições centenárias.  
o espaço público  
— nem ágora nem eclésia —  
incita variações  
— agora aos sussurros —  
dos ressentimentos velhos,  
das irritações pequenas  
que se acumulam  
e latejam como pústulas.  
as frustrações do pai,  
as frustrações da mãe,  
e assim, em escadinha,  
as frustrações nascentes  
da prole toda, em perdas  
crescentes.  
à mesa  
reina nossa mesma  
falta de assunto da janta  
ou o assunto repetido  
à exaustão. as dívidas  
com deus e com césar.  
e sim, o silêncio  
sobre os únicos assuntos  
que quiçá nos salvassem.  
quem-nos-dera, num instante  
de lucidez repentina,  
aguássemos agora  
os sorvetes, as pizzas, os lanches  
com lágrimas, esgoelando juntos  
na sarjeta. mas o que diriam  
os vizinhos?  
nas capitais  
lacrimeja a intelligentsia  
— o povo! o povo! —  
enquanto o mofo e o musgo  
cobrem aos poucos  
a nossa não-boca, a nossa não-alma.

----------------------------------------

branco e vermelho  
a dor, forte e imprevista,  
ferindo-me, imprevista,  
de branca e de imprevista  
foi um deslumbramento,  
que me endoidou a vista,  
fez-me perder a vista,  
fez-me fugir a vista,  
num doce esvaimento.  
como um deserto imenso,  
branco deserto imenso,  
resplandecente e imenso,  
fez-se em redor de mim.  
todo o meu ser suspenso,  
não sinto já, não penso,  
pairo na luz, suspenso…  
que delícia sem fim!  
na inundação da luz  
banhando os céus a flux,  
no êxtase da luz,  
vejo passar, desfila  
(seus pobres corpos nus  
que a distancia reduz,  
amesquinha e reduz  
no fundo da pupila)  
na areia imensa e plana,  
ao longe, a caravana  
sem fim, a caravana  
na linha do horizonte,  
da enorme dor humana,  
da insigne dor humana...  
a inútil dor humana!  
marcha, curvada a fronte.  
até o chão, curvados,  
exaustos e curvados,  
vão um a um, curvados,  
os seus magros perfis;  
escravos condenados,  
no poente recortados,  
em negro recortados,  
magros, mesquinhos, vis.  
a cada golpe tremem  
os que de medo tremem,  
e as pálpebras me tremem  
quando o açoite vibra.  
estala! e apenas gemem,  
pavidamente gemem,  
a cada golpe gemem,  
que os desequilibra.  
sob o açoite caem,  
a cada golpe caem,  
erguem-se logo. caem,  
soergue-os o terror...  
até que enfim desmaiem,  
por uma vez desmaiem!  
ei-los que enfim se esvaem  
vencida, enfim, a dor...  
e ali fiquem serenos,  
de costas e serenos...  
beije-os a luz, serenos,  
nas amplas frontes calmas  
ó céus claros e amenos,  
doces jardins amenos,  
onde se sofre menos,  
onde dormem as almas!  
a dor, deserto imenso,  
branco deserto imenso,  
resplandecente e imenso,  
foi um deslumbramento.  
todo o meu ser suspenso,  
não sinto já, não penso,  
pairo na luz, suspenso  
num doce esvaimento.  
ó morte, vem depressa,  
acorda, vem depressa,  
acode-me depressa,  
vem-me enxugar o suor,  
que o estertor começa.  
é cumprir a promessa.  
já o sonho começa...  
tudo vermelho em flor...

----------------------------------------

porque o melhor, enfim,  
é não ouvir nem ver…  
passarem sobre mim  
e nada me doer!  
— sorrindo interiormente,  
co’as pálpebras cerradas,  
às águas da torrente  
já tão longe passadas. —  
rixas, tumultos, lutas,  
não me fazerem dano...  
alheio às vãs labutas,  
às estações do ano.  
passar o estio, o outono,  
a poda, a cava, e a redra,  
e eu dormindo um sono  
debaixo duma pedra.  
melhor até se o acaso  
o leito me reserva  
no prado extenso e raso  
apenas sob a erva  
que abril copioso ensope…  
e, esbelto, a intervalos  
fustigue-me o galope  
de bandos de cavalos.  
ou no serrano mato,  
a brigas tão propício,  
onde o viver ingrato  
dispõe ao sacrifício  
das vidas, mortes duras  
ruam pelas quebradas,  
com choques de armaduras  
e tinidos de espadas…  
ou sob o piso, até,  
infame e vil da rua,  
onde a torva ralé  
irrompe, tumultua,  
se estorce, vocifera,  
selvagem nos conflitos,  
com ímpetos de fera  
nos olhos, saltos, gritos…  
roubos, assassinatos!  
horas jamais tranquilas,  
em brutos pugilatos  
fraturam-se as maxilas...  
e eu sob a terra firme,  
compacta, recalcada,  
muito quietinho. a rir-me  
de não me doer nada.

----------------------------------------

nada existe que não tivesse começado.  
mesmo na lonjura, decisiva porção iluminada,  
em territórios despojados de todo o fim, em  
areais de mares a desaguar desconhecidamente,  
mais não olhamos senão a extensão do que vimos.  
se campos da livónia vão dar a campos da mazúria,  
se mosaicos amaciam na água de banhos mornos,  
e além houver só cemitérios seguindo cemitérios, e  
a meio deles, parado sem vento, o bosque de bétulas,  
se o sol é o lume do azeite a esmiolar o pão  
ou o clarão lascado nas muralhas de helsingør,  
se o enredo da morte é igual em toda a parte,  
seja na flauta de santa maria ou no gaiteiro de tallinn,  
é porque modulamos num lugar o que lastrou de outro.  
mesmo sem querer, ou sejam sombras afastando-se,  
mais não tecemos que a linha de acasos e acertos  
que uma corrente conduz, a cada um, em separado,  
à passagem mais sensível do acabamento.  
mesmo isolando os lugares numa função laboriosa,  
detalhando as suas divergências, e as pontas extremas  
— a parecença entre o que são e o que pensámos serem,  
mesmo nas regiões cruzadas por comboios extensos,  
onde a noite cairá em escamas de lavanda,  
seguiremos a mesma história — afundamos os pés no mesmo solo.  
naquilo por que vamos repetidamente levados,  
ansiando o que se manifeste acolá na próxima enseada,  
alisando com a mão os castanheiros onde inscrevemos, depois  
de outros, nossos sinuosos nomes, nossos amores,  
sempre tornamos ao ponto em que tudo se repete e inicia,  
de que atingimos apenas um minuto só — um instante,  
a lâmina que medeia o ano que passa e o ano que vem.

----------------------------------------

antre tamanhas mudanças  
que cousa terei segura  
duvidosas esperanças  
tão certa desaventura  
venham estes desenganos  
do meu longo engano e vão  
que já os tempos e os anos  
outros cuidados me dão  
já não sou para mudanças  
mais quero uma dor segura  
vá crer as vãs esperanças  
quem não sabe o que em aventura

----------------------------------------

chorai arcadas  
do violoncelo!  
convulsionadas,  
pontes aladas  
de pesadelo...  
de que esvoaçam,  
brancos, os arcos…  
por baixo passam,  
se despedaçam,  
no rio, os barcos.  
fundas, soluçam,  
caudais de choro…  
que ruínas, (ouçam)!  
se se debruçam,  
que sorvedouro!…  
trémulos astros...  
soidões lacustres...  
— lemes e mastros...  
e os alabastros  
dos balaústres!  
urnas quebradas!  
blocos de gelo...  
— chorai arcadas,  
despedaçadas  
do violoncelo.

----------------------------------------

pulmões  
[sobre a fotografia de uma criança encontrada morta numa praia da turquia]  
o meu pai chamou-me e pediu-me que escolhesse  
um brinquedo – só um – de que gostasse muito; e  
que separasse outro brinquedo para o aylan, que  
ainda não sabia escolher, mas só um, e tinha de  
ser pequeno. o meu pai explicou-me que nessa  
noite ia fazer de tudo quase nada numa trouxa  
leve; porque assim, quando o aylan e eu caíssemos  
de sono, ele e a minha mãe poderiam levar-nos ao  
colo sem ficarem para trás. havia lágrimas nos olhos  
do meu pai quando contou que, na manhã seguinte,  
teríamos de deixar a nossa terra; mas logo se  
recompôs, dizendo que kobanî também já não era  
bem a nossa terra, que a nossa casa era a ruína da  
nossa casa, que toda a síria não passava de um tímpano  
exausto de tanto estrondo e dois olhos cansados,  
mas tão cansados, de chamas e de sangue. o meu pai  
achava que o aylan era demasiado pequeno para  
compreender e, por isso, dissera-lhe apenas que  
iríamos dar um passeio de barco, que passaríamos  
o dia numa praia e que, enquanto eu e a minha mãe  
nadássemos no mar até ficarmos sem fôlego, ele  
podia simplesmente deitar-se de bruços na areia,  
como tanto gostava. o meu pai nunca nos mentiu.

----------------------------------------

a morte em parcelas  
a francisco bley  
a primeira vez que eu morri,  
gaguejei ao amigo se se sobrevive  
a essa morte em parcelas  
e o amigo, já escolado  
em mortandade, respondeu: sim,  
se sobrevive, se atravessa o quarto  
em chamas e se emerge no jardim,  
chamuscado, a musselina pegada  
à pele, a própria pele qual musselina,  
mas vivo, ainda, ainda mais para cá  
do que para o além, quando hemos  
de estar não só alfabetizados  
mas psiomeguizados nesse vocabulário  
das perdas crescentes como as dívidas.  
isso, isto deveria servir de consolo,  
como volta a primavera de perséfone  
em férias no submundo, e voltam peixes  
a rios devastados, e as baleias a mares  
de plástico, e até o sol volta ao ártico  
após uma noite que dura meses.  
ainda que se sinta isso como castigo.  
as alegorias mais esdrúxulas  
já foram usadas para essa teimosia.  
as alegrias mais estapafúrdias.  
almodóvar e o coma em meio a touros,  
duras e os brotos no solo de hiroxima.  
notem a audácia. se se sobrevive?  
sobrevive-se.  
rá monta de novo sua carruagem,  
o cristo ressuscita, dom sebastião  
volta. a holotúria, o rabo da lagartixa,  
o braço da estrela-do-mar, etc, etc.  
e hiroxima reconstruiu-se deveras.  
taparam-se as crateras em berlim.  
vidas individuais, vidas coletivas  
que se erguem de escombros  
tanto do amor quanto da guerra.  
mesmo que maremotos salguem a terra.  
notem, notem a nossa audácia.  
a teimosia dos pulmões. do coração.

----------------------------------------

tempo e memória  
em qualquer momento, no começo e no fim,  
na medida de toda a vida, prostrados de toda a pena,  
permanecemos sem amanhã nem princípio,  
esbatidos na idade e na distância, saqueados na mentira,  
apenas juntando a areia ao fundo de um recreio,  
riscando a areia escorada do nosso entendimento,  
a simular um amuleto contra o regresso impossível.  
não temos trégua, não podemos voltar, e sem  
ruído afastamo-nos para onde de longe chamamos  
no ar rarefeito, entre os ramos, dos plátanos de ontem,  
figuras resumidas a uma branca poeira informe,  
em quantas inumeráveis semelhanças com a morte.  
pressentida ruína, a do íntimo declínio disto tudo,  
demais cientes na incerteza como sinal exposto da memória,  
que esmaga cada braçada do tempo ao seu embuste,  
e nos recusa a menor separação do abandono,  
porque por nada existimos, e só acenamos, e acenamos,  
senão para crer no que julgamos não ter acontecido,  
senão para entender a justa aceitação da nossa vida.

----------------------------------------

tornozelos  
foi na verdade a sede que me tirou  
da estrada. num café de província,  
cadeiras de napa cor de laranja  
bordavam um balcão quase vazio.  
numa esquina, para poder falar  
olhos nos olhos, sentava-se um casal  
adolescente. na testa dele – que  
era dos dois o mais bonito – bailava  
sozinha uma pérola de suor, sinal  
de que haveria coisas difíceis para  
dizer. mas, vendo bem, os tornozelos  
dela eram tão finos que não iam  
aguentar aquela confissão. bebi  
correndo a minha água gelada para  
não atrapalhar o choro dela; e, antes  
de sair, dei comigo a pensar que nem  
me importaria muito de ser traída, se  
pudesse ter outra vez aquela idade.

----------------------------------------

mediterrâneo i  
não há lugares, nunca houve, nem mesmo antigos.  
há o que olhamos neles, a sua marca de pó de tijolo que os faz sumir.  
só assim conseguimos chegar. só brandamente, para lembrarmos.  
não para tocar as colunas liláses ou fazer a travessia no veleiro das tangerinas.  
só vagamente andamos. não caminhamos, debaixo do sol.  
os pés dos nómadas não enegrecem com as areias e as águas de pequenos portos.  
são os ulmeiros que nos protegem e não os seus terraços.  
a marca de pó fere-nos numa gota desmaiada,  
podemos entretê-la mesmo entre os dedos que não petrefica.  
nada mudou desde o primeiro queixume; foi  
com os olhos que partimos na linha do mediterrâneo  
e são as oliveiras o seu diurno limite.

----------------------------------------

terra no corpo  
uma história da terra  
no próprio corpo.  
do pai, a porção  
branca da carne,  
ascendência registrada  
em cartórios por tabeliães,  
o sobrenome que retém  
do avô a pronúncia catalã  
de origem, ainda  
que sua grafia se tenha  
baralhado, e, da avó,  
nomes de cidades  
do passado, como certa  
campobasso, que tanto  
poderia ser atlântida.  
do pai, principalmente,  
a possibilidade dos convites  
às salas-de-jantar da casa-grande.  
da mãe, o tingir  
castanho da pele  
de gente cabocla  
do interior, sobrenome  
proletário de qualquer  
zé-ninguém, e o passado  
esquecido de ocas,  
do estupro de mulheres  
ameríndias e africanas  
apagado e silenciado  
pela história,  
mas não pela carne.  
a carne lembra-se  
e lembra.  
como o pânico irracional  
da mãe, a cada gripe,  
de que morra a casa toda.  
as linhas retas de pais,  
lembradas,  
e as linhas tortas de mães,  
esquecidas.  
mas na língua mesma  
resiste  
talvez a memória  
de um desastre antigo,  
quando empreteja  
o céu e se grita  
da casa-pequena  
que se corra e tire  
a roupa do varal,  
que vai cair um toró.  
é sempre e ainda  
o toró que vem.  
e a carne dos filhos  
sem entender bem  
o porquê,  
deseja e teme  
o toró-final  
que venha e leve  
roupa e varal,  
quintal e casa.

----------------------------------------

tempo circular  
na sombra das folhas de nossos passos  
sob um manto de nuvens o dia escureceu; o outono  
gerou e apagou novas e efémeras  
constelações, e à janela, olhando os cumes nevados ao  
longe envoltos no orvalho de um doce sofrimento,  
nossos olhos envelheceram; as nossas lembranças e aqueles  
que amámos teceram palavras esquecidas; e a vida,  
seguindo e caindo sem fim, pareceu apagar-se  
como espuma numa recordação fugaz, um bloco de gelo,  
transparente, esculpindo e transformando os aspectos do tempo ou  
que os gansos agarravam com as asas as frágeis  
penas do seu ser, as faziam estilhaçar.  
mas era justamente por os anos passados pesarem  
sobre nós, voltarem, ou desaparerem, que as terras e os  
vales se sentia que suspiravam, que marcavam grãos de areia  
no rosto, como outrora em connemara; que se sentia que a natureza  
estava prestes a transformar-se, que a nossa sombra estava  
prestes a desaparecer; que a neve caía, ia caindo, a neve dos teixos  
deixando passar a neve; e que o inverno chegava com  
as suas raízes escoradas pela água, e que a ronda do ano  
dava outra volta fortuita na charneca, outra volta  
na primavera e no verão; outro sopro do seu espírito, como um  
gerânio que as pétalas desenham num curso incessante, invisível, e caíssem  
na cratera da inocência, dos que vivem, dos que morrem.

----------------------------------------

morticínio ancestral  
quando minha avó torcia o pescoço  
dos frangos, não raras vezes  
chegando a decapitá-los,  
e os lançava ao chão frio de cimento  
para aquela dança assustadora,  
não havia em seu rosto  
paixão, prazer, ou pena.  
na escuridão escondida dentro do meio-dia,  
aqueles morticínios eram os atos  
mais honestos na violência  
daquela casa e daquela infância.  
afogando na água fervente  
os cadáveres sem cabeça  
[que ficara de banda no quintal  
interrogando seu criador],  
ela passava a depená-los, ágil,  
qual fosse ela um gavião-pedrês.  
como o cafuné do crânio da onça  
no crânio da capivara,  
ou o abraço anelar das garras do carcará  
ao redor do corpo todo-torso da cobra,  
nada naquela velha  
era cogitado  
para além da missão simples:  
alimentar a prole.  
como todo animal que não questiona  
a cadeia alimentar diante da fome,  
minha avó foi o bicho mais inocente  
da minha casa e da minha selva.  
mais do que os gatos e pombos,  
mais do que os jabutis e coelhos,  
com certeza  
era mais inocente minha avó  
do que as cachorras da casa,  
aquelas cachorras grandes e gordas  
com os dentes afiados — mas inúteis,  
esperando também daquela mamífera-anciã  
que manchasse ela as mãos de sangue.

----------------------------------------

écloga segunda  
dizem que havia um pastor  
antre tejo e odiana,  
que era perdido de amor  
por uma moça joana:  
joana patas guardava  
pela ribeira do tejo  
seu pai acerca morava  
e o pastor, de alentejo  
era: e jano se chamava  
quando as fomes grandes foram  
que alentejo foi perdido  
da aldeã que chamam torrão  
foi este pastor fogido:  
levava um pouco de gado  
que lhe ficou de outro muito  
que lhe morreu de cansado  
que alentejo era enxuto  
d’água, e mui seco de prado  
toda a terra foi perdida  
no campo do tejo só  
achava o gado guarida  
ver alentejo era um dó:  
e jano, pera salvar  
o gado que lhe ficou,  
foi esta terra buscar,  
e um cuidado levou,  
outro foi ele lá achar  
o dia que ali chegou  
com seu gado e com seu fato  
com tudo se agasalhou  
em uma bicada de um mato:  
e levando-o a pascer  
o outro dia à ribeira  
joana acertou de ir ver,  
que andava pela ribeira  
do tejo: a flores colher  
vestido branco trazia  
um pouco afrontada andava  
fermosa bem parecia  
aos olhos de quem na olhava:  
jano em vendo-a foi pasmado  
mas por ver que ela fazia  
escondeu-se antre um prado:  
joana flores colhia  
jano colhia cuidado  
despois que ela teve as flores  
já colhidas e escolhidas,  
as desvariadas cores  
com rosas entremetidas:  
fez delas uma capela  
e soltou os seus cabelos  
que eram tão longos como ela  
e de cada um a jano em vê-los  
lhe nascia uma querela  
e em quanto aquisto fazia  
joana: o seu gado andava  
por dentro da água fria  
todo após quem o guiava:  
dum pato grande era guia  
e todo junto em carreira  
ora rio acima ia,  
ora, na mesma maneira  
o rio abaixo descia  
joana como assentou  
a capela: foi com a mão  
à cabeça, e atentou  
se estava em boa feição:  
não ficando satisfeita  
do que da mão presumia  
partiu-se dali direita  
para onde o rio fazia  
d’água: uma mansa, colheita  
chegando à beira do rio,  
as patas logo vieram  
todas uma e uma, em fio,  
que toda a água moveram:  
de quanto ela já folgou  
com aquestes gasalhados  
tanto entonces lhe pesou  
e com pedras e com brados  
d’ali longe as enxotou  
depois que elas foram idas  
e que a água assossegou  
joana as abas erguidas  
entrar pel’água ordenou,  
e assentando-se então  
as çapatas descalçou  
e pondo-as sobre o chão  
por dentro d’água entrou  
e a jano polo coração  
em quanto com passos quedos  
joana pela água ia  
antre uns desejos e medos  
jano onde estava ardia:  
não sabia se falasse  
se saísse, se estivesse  
que o amor mandava que ousasse  
e por que a não perdesse  
fazia que arreceasse  
dizem que naqueste meo  
se esteve joana olhando  
e descobrindo o seu seo  
olhou-se, e dixe um ai dando:  
eu guardo patas coitada  
não sei onde isto há de ir ter  
mais era eu pera guardada  
que concerto foi este ser  
fermosa, e mal empregada  
em aquisto jano ouvindo  
não se pôde em si sofrer  
que d’antre as ervas saindo  
se não lançasse a correr:  
joana quando sentiu  
os estrompidos de jano  
e que se virou e o viu  
temor do presente dano  
lhe deu pés com que fugiu  
mui perto estava o casal  
onde vivia o pai dela  
que fez ir mais longe o mal  
que jano teve de vê-la:  
mas o medo que causou  
joana partir-se assi  
tanto as mãos lhe embaraçou  
que a çapata esquerda ali  
com a pressa lhe ficou  
jano quando viu, e olhou  
que nenhum remédio havia  
pera o lugar se tornou  
aonde ela n’água se via:  
e vendo a çapata estar  
no areal, à beira d’água  
foi correndo a abraçar  
tomando-a cresceu-lhe a mágoa  
e começou de chorar  
toda a çapata e os peitos  
em lagrimas se banharam  
muitos foram os respeitos  
que tanto choro causaram:  
encostado ao seu cajado  
a çapata na outra mão  
despois de um longo cuidado  
de dentro do coração  
começou falar cansado  
jano  
despojo da mais fermosa  
cousa, que viram meus olhos  
pera eles sois uma rosa  
e pera o coração abrolhos:  
çapata deixada aqui  
pera mal de outro mor mal  
quem te leixou, leva a mi,:  
que troca tão desigual  
mais pois assi é seja assim  
agora hei vinte e um anos  
e nunca inda ‘té agora  
me acorda de sentir danos  
os deste meu gado em fora:  
e hoje per caso estranho  
não sei em que hora aqui vim  
cobrei cuidado tamanho,  
que aos outros todos pôs fim  
eu mesmo a mim mesmo estranho  
antes que este mal viesse  
que me tantos vai mostrando  
que alguns cuidados tivesse  
não me matavam cuidando,  
agora por meus pecados  
e segundo em mi vou vendo  
não podem ser outros fados  
meus cuidados não entendo  
e moiro-me assi de cuidados  
dentro de meu pensamento  
há tanta contrariedade  
que sento contra o que sento  
vontade, e contra vontade:  
estou em tanto desvairo,  
que não me entendo comigo  
donde esperarei repairo  
que vejo grande o perigo  
e muito mor o contrario  
quem me trouxe a esta terra  
alhea, onde guardada  
me estava tamanha guerra  
e a esperança levada:  
comigo me estou espantado  
como em tão pouco me dei  
mas cuidando nisto estando,  
os olhos com que outrem olhei  
de mim, se estavam vingando  
e por meu mal ser mor: inda  
de mim tenho o agravo mor  
que da minha mágoa infinda  
eu fui parte e causador,  
que se me não alevantara  
d’antre as ervas onde estava  
mais dos meus olhos gozara  
e já que assi se ordenava  
isto ao menos me ficara  
desastres cuidava eu já,  
quando eu ontem aqui cheguei  
que a vós e á ventura má,  
ambos acabava e errei:  
triste que me parecia  
que o meu gado remediado  
comigo bem me haveria  
e estava-me ordenado  
est’outro mal que inda havia  
o mal, não vos sabe a vós  
quem me vos a mim causou  
tristes dos meus olhos sós  
que trouveram aonde estou:  
olhos: acerto, lugar  
ribeira mor das ribeiras  
que levam as águas ao mar  
vós me sereis verdadeiras  
testemunhas do pesar  
autor  
e em dizendo isto parece  
trasportou-se no seu mal  
e como a quem o ar falece  
caiu naquele areal:  
grande espaço se passou  
que esteve ali sem sentido  
e neste meo chegou  
um pastor seu conhecido  
e que dormia cuidou  
franco de sandovir era  
o seu nome, e buscava  
uma frauta que perdera  
que ele mais que a si amava:  
este era aquele pastor  
a quem celia muito amou  
ninfa do maior primor  
que em mondego se banhou  
e que cantava milhor  
e a frauta sua era aquela  
que lhe celia dera, quando  
o desterraram por ela,  
chorando ele, ela chorando:  
viera ele ali mora  
porque achou aquelas terras  
mais conformes ao cuidar  
d’ambas partes cercam serras,  
no meu campos para olhar  
doutro tempo conhecidos  
estes dous pastores eram  
d’estranhas terras nascidos,  
não no bem que se quiseram;  
e por aquesta razão  
tornou franco a lhe notar  
como jazia no chão  
e deu-lhe que suspeitar  
o lugar e a feição  
muito esteve duvidando  
o que aqui franco faria  
indo-se e jano deixando  
o coração lhe doía:  
também pera o acordar  
não sabia se acertava  
que jano era no lugar  
novo, e arreceava  
em cabo de o anojar  
naquesta dúvida estando  
jano estava emborcado  
dixe um suspiro dando  
ai cuidado, e mais cuidado:  
ouvindo-lhe isto dizer  
franco se ficou pasmado  
e tornando-o milhor ver  
de sob seu esquerdo lado  
viu-lh’a çapata ter  
suspeitou logo o que era,  
(que era também namorado)  
e no que jano dixera  
se houve por certificado  
naquisto jano acordou  
quando viu franco estar  
sem fala um pouco ficou  
franco, após o saudar  
falar-lhe assi começou  
franco cuidava eu agora jano  
que estavas em outra parte  
e polo teu, aqueste ano  
me pesava ir por esta arte:  
dessejava ver-te aqui  
quando me contava alguém  
a seca grande que hai  
em alentejo, e porém  
não quisera eu ver-te assi  
conta-me que mal foi este  
que tão demudado estás  
ou que houveste ou perdeste  
se há remédio havê-lo-ás:  
faz jano então por se erguer  
não podendo de cansado  
foi-lhe a mão, franco, estender  
e a um freixo encostado  
lhe começou responder  
jano  
vim a estes campos que vejo  
por dar vida a este meu gado  
vi acabado um desejo,  
outro maior começado:  
às minhas vacas dei vida  
e a mim a fui tirar  
a profecia é cumprida  
que me pierio foi dar  
vendo-me a barba pungida  
autor  
de pierio vai grã fama  
(dixe franco) antre os pastores  
todos por amigos chama  
e dizem que é dado a amores,  
rogo-te jano me digas  
pois te ele avisou primeiro  
como cobraste fadigas  
que ouço que é mui verdadeiro  
pera amigos e amigas  
jano  
tão cansado, respondeu  
de um cuidado, franco, me acho  
que m’agora aqui nasceu  
que até na voz tenho empacho,  
aos que hão de aquecer  
não pode homem resistir  
que o há de ser, há de ser  
não se lhe pode fugir,  
defender, nem esconder  
mas por que franco, contigo  
desabafo eu em falar  
por que sei que és meu amigo  
tudo te quero contar:  
nem remédio nem conforto  
não te hei franco de pedir  
que do mal em que estou posto  
não me espero de remir  
senão despois que for morto  
dia era de um grão vodo  
que a um santo se fazia  
onde ia o povo todo  
por ver e por romaria,  
lembra-me que andava eu então  
vestido todo de novo  
ao ombro um chapeirão  
que pasmava todo o povo  
com um cajado na mão  
tomando-me pelo braço  
pierio, então me levou  
d’ali um grande pedaço  
onde milhor sombra achou:  
e mandando-me assentar  
ele também se assentou  
e antes de começar  
pera mim um pouco olhou  
e a voltas de chorar  
pierio  
vejo-te (me dixe) jano,  
dos bens do mundo abastado  
mas contando ano e ano  
fico de todo cortado:  
vejo-te lá pela idade  
de nuve negra cercado  
vejo-te sem liberdade  
de tua terra desterrado  
e mais de tua vontade  
em terra que inda não viste,  
pelo que nela hás de ver,  
vejo-te o coração triste  
pera em dias que viver,  
hás de morrer de uma dor  
de que agora andas bem fora  
por isso vive em temor  
que não sabe homem aquela hora  
em que lhe há de vir o amor  
não pode já longe vir  
jano aquisto que te digo  
vejo-te a barba pungir  
olha como andas contigo:  
à terra estranha irás  
por teu gado não perderes  
longos males passarás  
por uns mui breves prazeres  
que verás ou não verás  
(e dando um pouco á cabeça,  
á maneira d’anojado)  
por teu bem porém te cresça  
a barba (dixe) de honrado:  
treslada-o no coração  
isto que te aqui direi  
que ainda que te aqui direi  
que ainda alguns tempos virão  
jano, que te alembrarei  
mande deus que seja em vão  
por cobrares a fazenda  
a ti mesmo perderás  
perda que não tem emenda  
despois quando o saberás:  
nos campos de uma ribeira  
onde vales há a lugares  
te está guardada a primeira  
causa destes teus pesares  
noutra parte a derradeira  
jeitos em cousas pequenas  
louros cabelos ondados  
porão pera sempre em penas  
a ti e a teus cuidados:  
falas cheas de desdém  
de presunção cheas delas  
cousas que outras cousas têm  
te causarão as querelas  
de que morrer te convém  
de todo o que te hei contado  
todo casi aconteceu  
que o que ainda não é passado  
polo passado se creu:  
agora dantes pouco há  
viram meus olhos que foram  
quem mos leva após si lá  
a alma a vida se me foram  
desprezaram-se de mi já  
autor  
um cão que franco trazia  
de grande faro entramentes  
deu com a frauta onde jazia  
e trouxe-a então antre os dentes:  
vendo-a franco alvoroçou-se  
e foi correndo ai cão  
que nos pés alevantou-se  
e deu-lhe a frauta na mão  
e após aquilo espojou-se  
franco  
escontra jano tornou  
então franco assi dizendo  
quem vê o que dessejou,  
não se alembra de al em o vendo:  
fui-te a palavra cortar  
mas d’aquisto dá tu a culpa  
a quem a eu não posso dar  
ou jano por ti me desculpa  
pois sabes que é dessejar  
jano  
de cousa que muito queiras  
deve essa frauta de ser,  
dixe jano, são primeiras,  
lhe tornou franco a dizer:  
quem te tal dom otorgou,  
lhe dixe jano após isto  
a muito a ti te obrigou  
a la fé grão mestre nisto  
deves ser, se o cão não errou  
canta, franco, alguma cousa  
ama a musica a tristeza  
veremos se me repousa  
onde a mágoa tem firmeza;  
dixe franco certamente  
cantarei pola vontade  
te fazer como a doente  
inda jano que à verdade,  
a minha é chorar somente  
franco quero-te cantar aquela  
que ontem, depois que perdi  
a frauta cantei sem ela  
à noite quando me vi,  
cansado de não na achar  
mais muito que de buscá-la  
me fui eu ontem lançar  
mas jano faço-te fala  
que não pude olho cerrar  
lá despois da noute mea,  
quando tudo se calava  
comecei em fala chea,  
um moucho me acompanhava:  
de longe me parecia  
não sei se me enganava eu  
que ele a mim não me respondia  
com um ai! grande como o meu  
mas o canto assi dizia  
cantiga  
perdido e desterrado  
que farei onde me irei  
depois de desesperado  
outra mor mágoa achei  
desconsolado de mim  
em terra alhea alongado  
onde por remédio vim  
e repairo do meu gado:  
mas ó mal aventurado  
de mim sem consolação  
temo que há de ser forçado  
pois que fui tão mal fadado  
matar-me com minha mão  
que conta darei eu agora  
a quem não me ha de pedir  
que desculpa porei ora  
a quem não me há de ouvir:  
frauta dom da mais querida  
que cobre esta noute escura  
frauta minha sois perdida  
façam-me uma sepultura  
que muito ha que estou sem vida  
e ponham na sepultura  
letras que digam desta arte  
a da alma está em outra parte  
se aprouver aos longos anos  
e aos tempos que hão de vir  
que destes graves meus danos  
venha celia parte ouvir:  
lá onde triste estiver  
se ela consigo apartada  
lágrimas ter não puder  
será minha alma pagada  
ou o que então de mim houver  
inda que não queira nada  
tudo é menos de passar  
que lá os olhos soem levar  
fugiram contando os dias,  
fizeram-se as noutes sós  
pera os tristes como nós  
jano esta é a cantiga,  
ca a derradeira cri que era  
e por sair de fadiga  
confesso-te que o quisera:  
mas se a lama e entendimento  
não morrem com o corpo, a mágoa  
me ficará: vamo-nos que sento  
que é tempo do gado ir à água  
também tem tempo o tromento

----------------------------------------

fonografo  
vae declamando um cómico defunto,  
uma plateia ri, perdidamente,  
do bom jarreta… e ha um odor no ambiente  
a cripta e a pó,—do anacrónico assunto.  
muda o registo, eis uma barcarola:  
lírios, lírios, águas do rio, a lua…  
ante o seu corpo o sonho meu flutua  
sobre um paul, — extática corola.  
muda outra vez: gorjeios, estribilhos  
d'um clarim de oiro — o cheiro de junquilhos,  
vivido e agro! — tocando a alvorada…  
cessou. e, amorosa, a alma das cornetas  
quebrou-se agora orvalhada e velada.  
primavera. manhã. que eflúvio de violetas!

----------------------------------------

[neil young]  
na hora em que eu mais ruía  
o sol aplainava o relvado, palmeiras  
ondulavam num lago turvo  
longe o escaravelho porvindoiro  
que as reduziu a um coto  
assemelhando-as a um ananás que degrada hoje  
pelos jardins  
o repuxo animava sem triunfo o pântano  
da juventude  
as varandas em fogo  
o verão começando pelo fim  
horas extraordinárias aquelas  
em que as aves adiavam o repouso por causa  
dos insectos do turno sequente  
ourados absortos estrepitantes  
a hora em que mais ninguém deitava como eu  
a bicicleta sobre a falta  
e se sentava na relva prendendo as lágrimas  
as mãos tapando o rosto o rosto entre os geolhos e uma  
roda atrás a girar  
não havia o ecrã de bolso oportuno  
era inevitável encarar o que não tem conserto  
nem nunca terá  
era do dia o instante altíloquo  
uma harmónica crepitava nos auscultadores  
feria de morte o touro da tarde  
esse búfalo ermo que se aparta da manada  
para ficar-se  
os subidos candeeiros acendiam  
havia um muro recém pintado  
sujo já por um grafito de província  
um cão passava ao largo levantava o focinho ao  
perfume dos jantares  
que chegava de onde  
se entrevia o espalha-cor dos televisores  
havia o farrapo de lua  
como flanela posta sobre a ganga das alturas  
agraudava os dós arrumados  
na caixa do futuro  
a hédera das extensões percorria aquela hora  
uma ideia sulcava a charneca celeste  
o coração alpinista no avesso dos volumes  
rarefeito  
o mundo era já uma seara de nojo  
e fartura – belo desastroso feroz – lugar de forças  
e destruições  
eu tacteava de olhos fechados  
puro intrínseco  
procurava um celeiro urbano onde guardar  
o ouro-sémen pronto a detonar  
a libélula extrema o grilo inicial  
a andorinha cujo ninho resulta de um cúmulo  
de lama e ervas secas e rasoira  
as superfícies alimentando-se no ar  
nas minhas costas o exíguo refrigério  
da biblioteca pública  
àquela hora antro de nebulosos soldados  
repousando da luta de guerrilha  
hasta la derrota, siempre!  
infligiam estragos mínimos a um inimigo  
bronco mas relutante  
apenas tombavam nas emboscadas aqueles  
como eu mais sorumbáticos  
tanto oito visível ainda sobre o chão  
lavrado à força de rodar no mesmo sítio  
ousara trespassar o pórtico do infinito  
finava sempre inclinado sobre o jantar

----------------------------------------

a minha dor  
a minha dor é um convento ideal  
cheio de claustros, sombras, arcarias,  
aonde a pedra em convulsões sombrias  
tem linhas dum requinte escultural.  
os sinos têm dobres d’agonias  
ao gemer, comovidos, o seu mal…  
e todos têm sons de funeral  
ao bater horas, no correr dos dias...  
a minha dor é um convento. há lírios  
dum roxo macerado de martírios,  
tão belos como nunca os viu alguém!  
nesse triste convento aonde eu moro,  
noites e dias rezo e grito e choro!  
e ninguém ouve… ninguém vê… ninguém…

----------------------------------------

renúncia  
a minha mocidade outrora eu pus  
no tranqüilo convento da tristeza;  
lá passa dias, noites, sempre presa,  
olhos fechados, magras mãos em cruz...  
lá fora, a lua, satanás, seduz!  
desdobra-se em requintes de beleza...  
é como um beijo ardente a natureza...  
a minha cela é como um rio de luz...  
fecha os teus olhos bem! não vejas nada!  
empalidece mais! e, resignada,  
prende os teus braços a uma cruz maior!  
gela ainda a mortalha que te encerra!  
enche a boca de cinzas e de terra,  
ó minha mocidade toda em flor!

----------------------------------------

deixai entrar a morte  
deixai entrar a morte, a iluminada,  
a que vem para mim, pra me levar.  
abri todas as portas par em par  
como asas a bater em revoada.  
que sou eu neste mundo? a deserdada,  
a que prendeu nas mãos todo o luar,  
a vida inteira, o sonho, a terra, o mar,  
e que, ao abri-las, não encontrou nada!  
ó mãe! ó minha mãe, pra que nasceste?  
entre agonias e em dores tamanhas  
pra que foi, dize lá, que me trouxeste  
dentro de ti?... pra que eu tivesse sido  
somente o fruto amargo das entranhas  
dum lírio que em má hora foi nascido!...

----------------------------------------

amar!  
eu quero amar, amar perdidamente!  
amar só por amar: aqui... além...  
mais este e aquele, o outro e toda a gente  
amar! amar! e não amar ninguém!  
recordar? esquecer? indiferente!...  
prender ou desprender? é mal? é bem?  
quem disser que se pode amar alguém  
durante a vida inteira é porque mente!  
há uma primavera em cada vida:  
é preciso cantá-la assim florida,  
pois se deus nos deu voz, foi pra cantar!  
e se um dia hei-de ser pó, cinza e nada  
que seja a minha noite uma alvorada,  
que me saiba perder... pra me encontrar...

----------------------------------------

rui costa, cabeçudo, por tudo  
começou com um sinal ao lado dos teus óculos escuros, não,  
o princípio foi um rebordo à noite onde quiseste ensinar-me  
a soletração de versos, não, reinicio: o pequeno almoço  
num café pequeno numa rua comprida com pernas para o mar  
e dons rodrigos enxovalhos de lustro postos à mesa, não  
há de ter sido só quando esticámos as mãos elas escorregaram  
e nos encostámos aos peitos os dois chocalhavam tu riste-te eu  
fiz-me de parva, se calhar foi aí porque escrevemos sobre isso  
entendendo cada um à sua maneira como sempre se  
fez, eu adverti logo aliás não tinha nenhuma esperança  
que viéssemos a coincidir alguma vez tu achaste claro  
muito bem feito porque assim queríamos constantemente  
aprofundarmo-nos sempre aos apalpões a ver onde derretia  
quando lá no fundo doía não encaixarmos perfeita  
mente, só que sim é um privilégio acontece menos  
vezes do que os dedos encontrarmos alguém  
a quem queiramos continuar a bater como  
disseste que me fazias a vida toda quando apertaste por  
baixo dos meus braços a resistência dos materiais, e há de  
ter sido gentileza não justificares apesar do orgulho  
de cumprir proezas não contamos os princípios nem os fins  
fico pois à espera que apareças atrás de um sms com uma tarte  
de maçã encostada ao focinho, que não te cansa o jogo de fazeres  
todos os gestos importantes entre portas para depois te pores ao  
fresco como se nada fosse e largas daqui porque tens um handicap  
muito menor e patas maiores e queres ver outros bichos cheios  
de perguntas, por mim punha era o vestido de espanha para  
rodopiarmos aos casais de sucesso entre os bem-pensantes com  
licença vou escrever sobre os teus livros todos muitos palavrões.

----------------------------------------

mulher ao mar  
mayday lanço, porque a guerra dura  
e está vazio o vaso em que parti  
e cede ao fundo onde a vaga fura,  
suga a fissura, uma falta – não  
um tarro de cortiça que vogasse;  
especifico: é terracota e fractura,  
e eu sou esparsa, e a liquidez maciça.  
tarde, sei, será, se vier socorro:  
se transluz pouco ao escuro este sinal,  
e a água não prevê qualquer escritura  
se jazo aqui: rasura apenas, branda  
a costura, fará a onda em ponto  
lento um manto sobre o afogamento.

----------------------------------------

diana  
“eu cá também não gosto, há mais coisas  
além deste desconchavo”, dizia marianne  
moore da poesia. de resto, conseguia  
ver mitocôndrias e as demais  
pequenas vidas – olho fixo  
na miúda mancha de aguarela  
comprimida entre vidros de lamela  
redonda a pupila em maravilha  
prévia ao mistério: saber o que era.  
mais importa observar ou designar?  
eu erro no olhar receio às vezes  
esqueço a árvore onde deixei as chaves  
e o caderno, depois não sei chamar  
o quê, espécie ou parentesco, ache embora  
sossego na língua arcana dos plátanos  
atrás das placas do jardim botânico.  
portanto sirvo mal, sou outra, fora  
do baralho, turista aqui em tanto  
do que me dá prazer e algum trabalho.  
mas não está dito ainda (ou está) se insisto  
à minha pouca escala nisto eu  
é porque não desligo e toco e falho  
no material à vista, língua  
crua clara em bruto céu

----------------------------------------

a queda  
resta, de agosto, esta fotografia  
iluminada  
onde tudo permanece ainda no lugar:  
a boca no artifício dos sabores  
a lentidão dos açúcares  
mãos suadas dissipando pântanos  
interiores  
pernas brancas, vestido colado ao clima  
dessas pernas  
o cio vibrante do astro, por cima  
por baixo, umas sandálias  
às primeiras evidências outonais  
levantaram as esplanadas

----------------------------------------

intercidades  
galopamos pelas costas dos montes no interior  
da terra a comer eucaliptos a comer os entulhos de feno  
a cuspir o vento a cuspir o tempo a cuspir  
o tempo  
o tempo que os comboios do sentido contrário engolem  
do sentido contrário roubam-nos o tempo meu amor  
preciso de ti que vens voando  
até mim  
mas voas à vela sobre o mar  
e tens espaço asas por isso vogas à deriva enquanto eu  
vou rastejando ao teu encontro sobre os carris faiscando  
ocasionalmente e escrevo para ti meu amor  
a enganar a tua ausência a claustrofobia de cortinas  
cor de mostarda tu caminhas sobre a água e agora  
eu sei  
as palavras valem menos do que os barcos  
preciso de ti meu amor nesta solidão neste desamparo  
de cortinas espessas que impedem o sol que me impedem  
de voar e ainda assim do outro lado  
o céu exibe nuvens pequeninas carneirinhos a trotar  
a trotar sobre searas de aveia e trigais aqui não há  
comemos eucaliptos eucaliptos e igrejas caiadas  
debruçadas sobre os apeadeiros igrejas caiadas  
meu amor  
eu fumo um cigarro entre duas paragens leio  
o lobo antunes e penso as pessoas são tristes as  
as pessoas são tão tristes as pessoas são patéticas meu  
amor ainda bem que tu me escondes do mundo me escondes  
dos sorrisos condescendentes do mundo da comiseração  
do mundo  
à noite no teu corpo meu amor eu  
também sou um barco sentada sobre o teu ventre  
sou um mastro  
preciso de ti meu amor estou cansada dói-me  
em volta dos olhos tenho vontade de chorar mesmo assim  
desejo-te mas antes antes de me tocares de dizeres quero-te  
meu amor hás-de deixar-me dormir cem anos  
depois de cem anos voltaremos a ser barcos  
eu estou só  
portugal nunca mais acaba comemos eucaliptos  
eucaliptos intermináveis longos e verdes  
comemos eucaliptos entremeados de arbustos  
comemos eucaliptos a dor da tua ausência meu amor  
comemos este calor e os caminhos de ferro e a angústia  
a deflagrar combustão no livro do lobo antunes  
comemos eucaliptos e portugal nunca mais acaba portugal  
é enorme eu preciso de ti e em sentido contrário roubam-nos  
o tempo roubam-nos o tempo meu amor tempo  
o tempo para sermos barcos e atravessar paredes dentro dos quartos  
meu amor para sermos barcos à noite  
à noite a soprar docemente sobre as velas acesas  
barcos.

----------------------------------------

émulos  
foi como amor aquilo que fizemos  
ou tacto tácito? – os dois carentes  
e sem manhã sujeitos ao presente;  
foi logro aceite quando nos fodemos.  
foi circo ou cerco, gesto ou estilo  
o acto de abraçarmos? foi candura  
o termos juntos sexo com ternura  
num clima de aparato e de sigilo.  
se virmos bem ninguém foi iludido  
de que era a coisa em si – só o placebo  
com algum excesso que acelera a líbido.  
e eu, palavrosa, injusta desconcebo  
o zelo de que nada fosse dito  
e quanto quis tocar em estado líquido.

----------------------------------------

[annemarie schwarzenbach]  
olho-a:  
doce o vértice no ângulo da maxila  
quando acorda  
a lona ensopou na aurora  
fora a erva tinge tanto quanto o astro sobalça  
dilui o sono  
as mulas nutrem-se das fátuas  
pastagens boreais  
à nossa frente um caminho articula  
iluminante  
colado ao calar-se  
ao mover-se  
mas já um sopro inflama  
devolve-nos o desejo de um lago, põe  
no horizonte a cordilheira  
elevação menos intransponível  
que a planície do vivido  
despedimo-nos do musgo úvido  
digitado entre coxas  
sacudimos o que sobrou do gozo  
o pequeno lumaréu que à boca do abrigo  
longas frias horas crepitou  
atufamos mochilas  
testados couros e ataduras  
aprumados os cabelos  
levamos aos dentes um pouco de farinha  
fiapos de carne seca  
tragos de café fumegante  
nós, soldadas de alexandre  
a quem o whiskey dos serões jamais tombou  
e as botas não pesam  
nem vexam as febres  
o rectângulo onde a tenda demorou  
ficará por um tempo assinalado no gazão  
com as pedras a rodear o que foi  
a labareda cintilante que depois negrejou  
e é pasto para o faro da medrosa  
fauna que virá  
sondar esta parte sujada do lugar  
por essa altura o nosso odor  
planará por ravinas desfiladeiros  
misturado com o pó e o estrépito dos cascos com que  
erramos à beira dos abismos  
produziremos ecos de que o nosso pudor  
se acanhará  
mas por dentro – tácitas mais que a estorga  
dos penhascos –  
e duras, róridas, raras  
abaulando a vista sobre os mapas  
destapando bússolas  
tirando pequenas notas sobre o rumo  
e o engano  
mais cabra que nós mais montês: a vida  
essa camurça difícil de curtir

----------------------------------------

nem tanta coisa depende  
preferes o canto, o lugar oculto  
a folhagem, a sombra, o quarto, este  
saco de trigo: ouro de um texto  
sobre a velha escrivaninha do real  
lá fora o clarão do arvoredo  
atalhos para a tingidura da paisagem  
cá dentro menos caminho, outro  
panorama: a presença tão-só  
desabitada de uma pessoa, mistério sem  
atributo ou função  
sempre a desfeita de um coração  
o cultivo intensivo das figuras  
e sobram tristeza e dias ao corpo que escreve  
no calabouço de uma manhã muito larga  
reluzente de gotas de mel  
enquanto os gatos lambem o sábado  
e sentado, sapo de ouro, permites-te pôr no mundo  
(mas porquê) outro poema

----------------------------------------

floriram por engano as rosas bravas  
no inverno: veio o vento desfolhá-las…  
em que cismas, meu bem? porque me calas  
as vozes com que ha pouco me enganavas?  
castelos doidos! tão cedo caístes!...  
onde vamos, alheio o pensamento,  
de mãos dadas? teus olhos, que um momento  
perscrutaram nos meus, como vão tristes!  
e sobre nós cai nupcial a neve,  
surda, em triunfo, pétalas, de leve  
juncando o chão, na acrópole de gelos…  
em redor do teu vulto é como um véu!  
¿quem as esparze — quanta flor! —, do céu,  
sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?

----------------------------------------

texto de apresentação  
1.  
é-me indiferente: poeta, poetisa  
dependerá do ritmo ou da medida –  
prefiro tradutora, mas admito  
que por vezes não dobro e sou narcisa.  
2.  
a minha primeira poesia era  
sobre chuva e choro. hoje seria  
prosa, ou sobre chuva e a pólvora:  
chove fora viola o vento o vidro,  
a rua nunca é como os prospectos –  
o meu bilhete ao mundo, espeto-o  
com delicado verbo ao coração.  
rebenta, murcho músculo entupido –  
mil vezes fosse a vida a excepção.  
3.  
se o rigor do verso não visa qualquer prova  
senão procura –  
ou provar o que seja de sabor.  
se não escrevo por encomenda  
senão por ventura serôdia  
4.  
posso posar, certamente,  
para a máquina fotográfica,  
moldar a boca ao disparo ou regular  
a abertura ao diafragma. dependente  
do papel revelador –  
modelo artista presa, sou como todos:  
as vidas que não toco interessam-me  
num desequilíbrio de voracidade e avareza.  
antes ainda assim me conheçam de vista  
que de revista.

----------------------------------------

sou eu!  
pelos campos em fora, pelos combros,  
pelos montes que embalam a manhã,  
largo os meus rubros sonhos de pagã,  
enquanto as aves poisam nos meus ombros...  
em vão me sepultaram entre escombros  
de catedrais duma escultura vã!  
olha-me o loiro sol tonto de assombros,  
as nuvens, a chorar, chamam-me irmã!  
ecos longínquos de ondas... de universos..  
ecos dum mundo... dum distante além,  
donde eu trouxe a magia dos meus versos!  
sou eu! sou eu! a que nas mãos ansiosas  
prendeu da vida, assim como ninguém,  
os maus espinhos sem tocar nas rosas!

----------------------------------------

antimundo  
plágio manhoso do big-bang  
a matéria do poema expande, arrefece  
tão estranhamente se demora e permanece  
semelhando o universo  
o poema é a imagem-espelho de um corpo  
sem reflexo: a poesia  
oco assimétrico, residual desse princípio  
colocada em lugar dubitativo, separada quase sempre  
do buraco negro a que chamam literatura  
poder-se-á supor que poucos são os poetas  
capazes de acelerar partículas  
de modo a ver-se não só o que a luz já percorreu  
mas a região mais central do nada, o pátio  
furioso da potência  
e neste lugar de substâncias, de objectos  
as palavras são figuras do imundo, coisas que  
sobraram do estampido inaugural desse dia inicial inteiro  
e limpo que culminou no lugar a menos deste texto  
breve logaritmo sem aplicação ou saída  
resta ao poeta o embuste  
de afirmar o que propende para o infindo  
espiar o acesso que cada coisa consente pela fissura do milagre  
e dá pelo nome de imprevisto, ou acidente  
a criança na rua abrindo o caixote do lixo  
onde alguém sem saber depositou o assombro de um  
balão de hélio branco ainda cheio  
que se soltou e subiu à laia de lua ao fim da tarde  
ao pé de casa  
a criança pasmou, entristeceu depois  
mais tarde lembrou-se: tens de escrever um poema sobre o balão  
que voou do lixo e não agarrámos  
um poema é a coisa mais triste que há  
e escrevi

----------------------------------------

medeia  
diz-se que matou o próprio irmão,  
que descende do sol e solo bárbaro,  
e que, deslumbrada por jovem prático  
e pouco espiritual, lhe deu  
um animal de lã dourada. ele  
porém ainda quis um trono, outro  
matrimónio e o mando dum país.  
quando uma feiticeira chora invoca  
demónios que invocam malefícios.  
o escritor, atento ao móbil, fixa  
os joelhos da semideusa mágica  
e empático pinta-lhe na boca  
a palavra trágica: eu nada quis  
para mim, por ti só tudo fiz.  
e o mundo entretém no seu decurso  
o público. do crime participa  
quem dele tira prémio ou espanto –  
e o pranto corre a cada livre gesto  
e o excesso com que sofre nos consola  
o sobressalto. e o manto que tece  
sufoca em chamas e excita deveras  
o sangue a correr e a carne a arder.  
resta um par de cadáveres infantis  
aos pés do pai: o céu está vazio  
e ninguém saiu ainda da sala.  
para concluir o acto o génio  
declara solene que ali se ama  
e mata sobre a cena. não mais  
discursos. inclina-se e repousa  
a pena com a ponta de veneno.

----------------------------------------

da minha janela  
mar alto! ondas quebradas e vencidas  
num soluçar aflito e murmurado...  
vôo de gaivotas, leve, imaculado,  
como neves nos píncaros nascidas!  
sol! ave a tombar, asas já feridas,  
batendo ainda num arfar pausado...  
ó meu doce poente torturado  
rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!  
meu verso de samain cheio de graça,  
’inda não és clarão já és luar  
como branco lilás que se desfaça!  
amor! teu coração trago-o no peito...  
pulsa dentro de mim como este mar  
num beijo eterno, assim, nunca desfeito!...

----------------------------------------

texto em que o poeta celebra  
o amante de vinte e cinco anos  
houve  
guerras mais duradouras  
que você.  
parabenizo-o pelo sucesso  
hoje  
de sobreviver a expectativa  
de vida  
de uma girafa ou morcego,  
vaca  
velha ou jiboia-constritora,  
coruja.  
penguins, ao redor do mundo,  
e porcos,  
com você concebidos, morrem.  
saturno,  
desde que se fechou seu óvulo,  
não  
circundou o sol uma vez única.  
stalker  
que me guia pelas mil veredas  
à zona,  
engatinha ainda outro inverno,  
escondo  
minha cara no seu peito glabro.  
fosse  
possível, assinaria um contrato  
com lem  
ou com os irmãos strugatsky,  
roteiristas  
de nossos dias, noites futuras;  
por trilha  
sonora, diamanda galás muge  
e bale,  
crocita e ronrona, forniquemos.  
celebro  
a mente sob os seus cabelos,  
ereto,  
anexado ao seu corpo, o pênis.  
algures,  
um porco, seu contemporâneo,  
chega  
ao cimo de seu existir rotundo,  
pergunto,  
exausto em suor, se amantes,  
de cílios  
afinal unidos, contam ovelhas  
antes  
do sono, eufóricas e prenhas.

----------------------------------------

palco  
o poema é antes de tudo  
um palco para gestos simples  
eu rego as flores de junho

----------------------------------------

exaltação  
viver!... beber o vento e o sol!... erguer  
ao céu os corações a palpitar!  
deus fez os nossos braços pra prender,  
e a boca fez-se sangue pra beijar!  
a chama, sempre rubra, ao alto, a arder!...  
asas sempre perdidas a pairar,  
mais alto para as estrelas desprender!...  
a glória!... a fama!... o orgulho de criar!...  
da vida tenho o mel e tenho os travos  
no lago dos meus olhos de violetas,  
nos meus beijos extáticos, pagãos!...  
trago na boca o coração dos cravos!  
boêmios, vagabundos, e poetas:  
— como eu sou vossa irmã, ó meus irmãos!...

----------------------------------------

mcmlxxxvi  
metade solar outra metade  
adentrada na noite que divide e reparte irmãmente os dois  
pedaços da mesma ideia:  
redonda achatada nos polos insegura no seu tombo  
escuridão afora  
a cabeça pendular metida entre ombros  
sombras  
na órbita do absurdo a cumprir a curvatura que lhe cabe  
errando distorcendo a silenciosa  
nitidez dos hemisférios  
enfeitada de gázeos, orifícios, rodeada  
de visíveis  
desprendem-se dela panoramas que flutuam até  
muito depois, tortuosos  
brincando de se mostrar de se encobrir na açoteia  
dos eventos  
onde uma língua lambe partículas, intenta locuções  
ou a mudez dos vaga-lumes  
mas tudo de tudo se afasta  
por mais que um braço nosso se retese para o nada  
partindo do centro, desalcançando  
e o todo se despenhe, móbil  
veloz rebobinado, o retroverso inteiro, e vejamos passar  
pelo buraco de uma agulha o camelo  
do raciocínio  
e neva nesta geometria  
tanto  
resplandece muito como se às mãos um lume  
viesse entreter as trevas  
estamos assim sobre o rosto da terra  
queimando as ervas  
enterrando os sinais  
inclinando a esfera do pensamento para a água  
seguimos por pequenas pistas ano a ano  
menos nítidas  
o sono alaga submerge com um peso nocturno  
o corpo treme de anonimato  
é no sossego de um quarto extinto rumoroso  
que a nossa esfera abate na mole dos seus fantasmas  
o tecto abre ao incêndio celeste  
a outra e à única claridade  
e nesse vácuo ou abertura nesse  
floco de neve ampliado uma magnólia floresce e floresce  
a sequóia imensa do mundo recolhe  
à potestade  
enquanto o lugar das medidas dos medos e das merdas  
arrefece na lâmpada do tecto  
aquietam-se em ocultas complexidões as ondas  
órfãs do disjuntor  
frequentam vibrações fabulares exteriores à evidência  
declinam  
e o adágio em que demoliu a luz  
acendeu na respiração profunda dos alvéolos  
enquanto uma frágil estrela se acende no azul  
para um percival de olhos fechados

----------------------------------------

o banho de susana  
entre ela e a água, um fio de  
ouro. depois, fecha a luz, e  
o ouro passa a prata, e a prata  
evapora-se em sombra. só  
ela fica, imóvel, sob o céu  
onde as estrelas são olhos, e a  
lua um reflexo da sua pele.  
mas volta a acender  
a luz, como se quisesse que  
a vissem. e quando se olha  
ao espelho, descobre a beleza  
do seu corpo que ela faz  
dançar, enquanto se despe,  
e todas as estrelas brilham  
como olhos ansiosos de vida.  
então, fechando a água,  
entra na banheira. e os velhos  
saltam de trás das cortinas, de  
dentro dos canaviais, de baixo  
da relva, de cima dos dosséis,  
enquanto ela, de costas para eles,  
esfrega a pele com a esponja  
desses olhos que a atravessam.

----------------------------------------

canção pastoril  
eu nem sei como dizer:  
a minha vaca é parda  
como o fundo  
da toca da raposa  
farelo pisado  
casca caída  
entre dois cercados.  
lume de fogo apagado!  
e as malhas brancas que tem:  
na cara pintas do leite  
que as meninas lhe aspergiram  
nas ancas céu cintilante  
que o sol lhe pinta ao nascer.

----------------------------------------

a europa em roterdão  
dói-me o coração da europa, com as suas veias inchadas  
pelo vento do ocidente, e as mãos gretadas pelo gelo  
dos invernos. sentei-me com a europa num bar de roterdão,  
desenhando na cabeça os mapas do mundo; e obriguei-a  
a beber o café holandês, com os seus lábios doentes,  
como se a europa não fosse o continente insone  
dos últimos milénios, varrido pelos temporais da  
mitologia, de crença abalada por um terror ateu.  
vi a europa nesse café de roterdão, antes de sair  
para as ruas desenhadas a compasso e esquadro;  
perguntei-lhe para onde queria ir; e ouvi o seu  
murmúrio despir-se de uma palidez plural, como  
se ela quisesse ser o rosto único da multidão,  
e passear num anonimato de rua cosmopolita,  
ouvindo as vozes que lhe falam de ilhas e praias,  
restituindo-lhe um sonho de antigas viagens.  
vejo nos seus olhos um reflexo das gruas e  
guindastes do porto de roterdão, e apago-o com  
a borracha da eternidade, para que ela se sente  
na esplanada onde lhe peço que me fale; e  
ela olha-me, em silêncio, com a voz alucinada  
num eco de loucura; e ouço-a dizer-me que  
não sabe em que tempo vive, como se fosse  
eu que lhe tivesse de ensinar o caminho.  
pego na sua mão; e ela desfaz-se nas linhas  
improváveis do poema, onde se projecta uma  
sombra que eu perco, na noite de roterdão.

----------------------------------------

este é um templo  
como é templo o colar de dentes  
desta que agora é minha amante  
sua boca que certa vez beijou um folião  
no carnaval do engenho novo  
desde então tem escama nos dentes  
pérolas nos dentes dentes nos dentes  
seu corpo é templo por dentro e à volta  
maior que toda ela enorme nela  
e circunda sua cabeça como um músculo  
um templo só pode ser compreendido  
de dentro do templo  
é no templo que está guardado  
esse amor incondicional  
somos templo um do outro

----------------------------------------

sinal  
naquele ano a chuva foi excessiva e cresceram tortulhos  
nos olhos dos cães. os vitelos, ao espreitar a luz pelos sexos  
das mães, afogavam-se em lama, no meio dos sambos. as paredes  
das casas diluíam-se em nata e os oleiros desistiram de encomendar  
a sua obra a deus. enormes cuidados foram inventados  
para proteger o fogo nos altares e as crianças adoptaram a nudez.  
as termiteiras deixaram de existir e as formigas aladas  
perderam as asas. os pés dos mais-velhos fenderam-se em chagas  
e as mamas das virgens, mal eram tocadas, colavam-se aos dedos  
como cinza húmida. os lábios dos sexos das mulheres paridas  
inchavam carnudos de uma carne branca e os ventres pendiam  
como fruta mole.  
naquele ano a chuva foi excessiva  
e os horizontes deixaram de existir.  
choveu por muito tempo até os cães perderem todo o pêlo  
e as cabeleiras se destacarem como algas podres. o rei do jau  
ficou colado ao trono e ao boi sagrado cresceram-lhe os olhos,  
que depois cegaram. as sementes grelaram nos celeiros  
e essa semente assim era servida aos homens e daí lhes ocorreu  
um tal vigor que os seus sexos cresceram desmedidos  
e os homens vacilaram, tendo-os nas mãos e mudos de fascínio.  
a chuva choveu tanto que as serpentes saíram dos buracos  
e vieram alongar-se ao pé dos paus, mantendo com esforço  
as cabeças erguidas. nas terrinas do leite vicejavam musgos  
e o leite das vacas alterou-se em soro, a coalhar na urina.  
naquele ano a chuva choveu tanto que até nos areais cresceram  
talos e as enxurradas produziram peixe e até o ferro se lavou  
sozinho e os diamantes vieram rebolar nas pedras concavadas  
de moer farinha. as próprias aves morreram quase todas  
e apenas se salvaram as de penas brancas, que a distância atraiu,  
depois comeu.  
e aquela chuva aproveitou aos fósseis e houve minerais  
que se animaram e até pedras comuns a transmudar-se em carne.  
naquele ano a chuva choveu tanto que a memória perdeu todo  
o sentido. as gargantas entupiram-se de limos  
e as testas que os velhos pousavam nas mãos fundiam-se aos dedos  
e os braços às pernas e os gestos de graça fundiam os corpos  
e as jovens crianças ficavam coladas ao peito das mães.  
só as bocas teimavam em manter-se abertas e quando mais tarde  
a chuva parou, das bocas saíram grossas aves negras  
que abalaram logo daquelas paragens. e a seca voltou  
e o mundo secou. a carne antiga a dar-se agora em terra,  
os fósseis em pedra e as ramas em húmus.  
e os passos poliram pouco a pouco as formas.  
naquele ano a chuva choveu tanto  
que a memória nunca mais teve sentido.

----------------------------------------

sem braҫos  
sem braços para carregar rebentos.  
filho levou-se pelo vento  
ao rio  
mais uma vez.  
os milhos daquela estação quente  
estavam a brotar-lhe no barco.  
os bicos de pássaros castigando o casco.  
no seu costado estava inscrito o presságio  
da próxima colheita.

----------------------------------------

um salmão penetra a tarde em quietude de peixe  
metaleve o lume  
phlox ou o flúor de mil flores –  
da janela a fábrica estacionada como um trem  
falha única no coração do homem  
ou o negativo de um homem  
e a raça natimorta das roupas nos varais  
para ordenar os livros é preciso desarrumar a cidade  
e todas as coisas que não têm deus  
as pipas no fim da tarde ancoram as casas no céu  
e compreendemos:  
buracos negros são rebarbas de universo

----------------------------------------

a guerra  
quem lembra o amor depois . . .  
no comprimento máximo do sol ao se por?  
as posições já estavam estabelecidas.  
a guerra entre o vento e o fim do mundo.  
aquele que não tem espaço algum  
vinga a sua sina nas estacas.  
sem água  
sem bote.  
o bote sem montanhas,  
sem remar e seguir pumas.  
a família daquela moça era longínqua.  
descampada, bebida de rio e sem filhos.  
como agarrar aquela  
que divisa as partes da terra?  
moça do tempo.  
sua beleza era vã aos seus próprios olhos,  
mas a vestia.  
\*\*\*  
cantavam as cigarras daquela tarde quente:  
ela, que não esquecerá sua terra  
a outro que não os filhos.

----------------------------------------

mesa de café  
estava sentada no meio do café, com as mesas cheias  
à sua volta. estava sozinha, e o olhar perdia-se  
entre o ar e o balcão, fingindo estar atenta  
ao que se passava, como se alguma coisa se  
passasse entretanto. tinha tomado o café; e o copo  
de água estava cheio, ao lado de um cinzeiro  
que não servia para nada porque não fumava.  
segui a direcção dos seus olhos, vendo o vazio  
formar-se no lugar em que os meus e os dela  
se cruzavam, nessa zona branca do café em que  
o fumo dos cigarros absorvia as conversas e  
o barulho das chávenas. e deixei-a estar, por  
algum tempo, na ilusão de que estava sozinha,  
até olhar para a porta, de onde alguém viria.  
não fiquei para saber se quem chegou era quem  
ela esperava, ou se continuaria a fixar o  
horizonte da parede onde um relógio insistia  
em pontuar o tempo. e continuo a vê-la,  
puxando o cabelo para trás, num gesto de quem  
julga que alguém vai chegar, sem saber que  
quem havia de chegar a deixou sozinha, comigo.

----------------------------------------

fala de musurukutu  
rei me fizeram para governar a guerra  
e do sangue da raça  
me investi.  
perdi o reino e a graça de uma paz  
em que reinava sem ter sido eleito.  
a guerra está perdida:  
para me encontrar agora  
é procurar pastor.  
pastor que sou  
ser rei não faz sentido e estar na vida  
é depender da chuva  
e não do mando.  
que não vos dê cuidado  
a minha fuga.  
não fujo para reinar  
porém para ter  
o sol de novo às mãos  
e o leite azedo.

----------------------------------------

domingo em casa  
amanhã podia ser domingo, e  
não haver sol; podia ouvir os sinos e  
dizer que era apenas uma ilusão; podia  
descer a rua e não encontrar o homem  
que vende os jornais; podia chegar  
ao largo e não ver as mulheres  
em grupo a caminho da igreja, onde  
vai começar a missa.  
amanhã podia não ser domingo,  
e as ruas estarem vazias como se  
não houvesse nada para fazer; podia não  
ser domingo e todas as lojas  
fecharem; podia não  
ser domingo e alguém perguntar  
o que é que se faz quando não  
é domingo.  
amanhã podia ser um dia qualquer,  
e não saber em que dia estou; podia  
olhar para o relógio e descobrir que  
os ponteiros estão parados; podia  
ouvir alguém falar, e não saber de onde  
vem a voz que sai da sua boca, como  
se estivesse sozinho.  
ou então, podia abrir a porta e  
ver que o domingo quer entrar; e  
puxá-lo para dentro da casa, para  
que lá fora fique sem domingo; e  
sair para a rua num dia qualquer,  
perguntando a quem passa  
se viu passar o domingo.

----------------------------------------

os pés alheios nos próprios glúteos  
ninguém  
espera de medeia  
que engula,  
digestório, o brio feito broa  
se o kit-sobrevivência  
dita, às vezes, vingança:  
direciona a proa  
do orgulho  
à jusante  
das consequências para jasão  
& que claudique  
gláucia,  
furunculose  
na fuselagem  
do meu ego  
fusível,  
sem eco  
e sindicato.  
até eu, brutus,  
não saberia sem dúvida  
o que arthur  
diria, nestes dias  
de infidelidade  
partidária, de guinevere.  
não me importa  
portanto a balança  
torrencial deste  
déficit  
ou se  
o senhor promotor  
ousa  
proferir a sentença de sucesso  
na condenação,  
num processo em prol de troia,  
das árvores usadas para o cavalo  
de seu calvário.  
quando se trata  
de réu, traia  
quem se toma por troféu.  
não  
conheço quem indique  
onde assino que aceito  
o ponto de combustão  
do meu empalhamento  
ou o ângulo que auxilie  
a gota-d´água  
à véspera  
de transbordamento e queda.  
vamos, não choramingo ao fogo  
que me poupe escamas  
ou não me lamba o estofo:  
descalço, não  
hei-de sentir descaso nas bolhas  
que separam, com pus,  
as solas da brasa,  
a derme das cinzas:  
que me arda  
até que me extinga -  
\*eu, mucosa  
hidratada  
a sal de ló,  
ensinaria a arte  
da perda em loterias  
como hábito e destino,  
e discursaria  
algo sobre a solitude, ser o  
terceiro ornitorrinco  
de contrabando  
em qualquer arca  
de um noé distraído.  
isto sim one art.

----------------------------------------

faca dentro da água  
fatiando água  
casa d água  
o rio e diante do rio  
guindastes enormes  
montando guindastes ainda maiores  
esse estado provisório de vida  
nem lá nem cá  
plenamente no meio  
e  
no meio  
o encontro das línguas  
é na fluência dos acentos  
que surge individualidade entre os falantes  
pois até a fórmula do antiséptico bucal  
varia conforme o idioma  
e  
o feminino  
[ água terrível ]  
entre dois seios esmerando pêssegos  
na crueldade surge o amor  
a vida montada pela frustração de cada encontro  
só estamos fortes quando sérios  
[o poema não dá conta da vida  
mas a vida também não dá conta do poema]  
e só estamos sérios quando estamos sós

----------------------------------------

roteiro  
fui a delft, à procura de cerâmica.  
fui à cerâmica, à procura de delft.  
nos mapas, não vinham nem delft  
nem a cerâmica.  
os mapas, porém, tinham tudo  
de delft,  
e tinham tudo de cerâmica:  
as cores,  
as linhas, as fronteiras.  
pus os mapas na parede.  
também pus delft na parede.  
e fiquei com uma cerâmica de delft.

----------------------------------------

acordas ansioso por saber das grinaldas que o sangue  
abriu na noite. enfrentas a manhã nua e devassa  
como a parede branca a que se rasga a forma  
de um cartaz antigo. caíram os tapumes da confiança  
e eis presente, como nunca adversa, a geografia  
cada vez mais tensa.  
vês a língua de areia servida de outra luz.  
a memória sumiu-se, cristalizou nos ecos.  
a gestação do medo arruinou as horas.  
ensaias o andar antes sabido. apenas expões a pele  
sem que o contorno do teu velho corpo  
revele indícios do que te vai por dentro. reinventas no mundo  
a implantação do vulto, lavado agora das razões seguras.  
estar vivo e acometer a claridade implica a vocação  
de afeiçoar o corpo à praça imposta.  
há uma maneira apenas de enfrentar o frio.  
é transportar, por dentro, o próprio frio. não fere, a decisão,  
muito para além das decisões alheias.

----------------------------------------

comida  
filho  
foi engolido por sua vaidade.  
o tempo da moça quebrou seus braços.  
toda aquela terra pertencia à extensão  
dela. e agora  
das horas ocupadas  
à sua ramificação celeste.  
\*\*\*  
as horas eram aquelas que batiam  
os pés à entrada e saída da casa.  
arrastadas;  
rebentos do milharal.  
na hora de comer  
quietas.  
\*\*\*  
de passagem aquele que  
nunca perguntou o nome  
nunca trabalhou a terra.  
a moça mandou-lhe embora  
no seguinte sopro do vento.  
\*\*\*  
os ventos do oeste prometem chuva aos pássaros.

----------------------------------------

a terra do nunca  
se eu fosse para a terra do nunca,  
teria tudo o que quisesse numa cama de nada:  
os sonhos que ninguém teve quando  
o sol se punha de manhã;  
a rapariga que cantava num canteiro  
de flores vivas;  
a água que sabia a vinho na boca  
de todos os bêbedos.  
iria de bicicleta sem ter de pedalar,  
numa estrada de nuvens.  
e quando chegasse ao céu, pisaria  
as estrelas caídas num chão de nebulosas.  
a terra do nunca é onde nunca  
chegaria se eu fosse para a terra do nunca.  
e é por isso que a apanho do chão,  
e a meto em sacos de terra do nunca.  
um dia, quando alguém me pedir a terra do nunca,  
despejarei todos os sacos à sua porta.  
e a rapariga que cantava sairá da terra  
com um canteiro de flores vivas.  
e os bêbedos encherão os copos  
com a água que sabia a vinho.  
na terra do nunca, com o sol a pôr-se  
quando nasce o dia.

----------------------------------------

chagas de salitre  
olha-me este país a esboroar-se  
em chagas de salitre  
e os muros, negros, dos fortes  
roídos pelo vegetar  
da urina e do suor  
da carne virgem mandada  
cavar glórias e grandeza  
do outro lado do mar.  
olha-me a história de um país perdido:  
marés vazantes de gente amordaçada  
a ingénua tolerância aproveitada  
em carne. pergunta ao mar  
que é manso e afaga ainda  
a mesma velha costa erosionada.  
olha-me as brutas construções quadradas:  
embarcadouros, depósitos de gente.  
olha-me os rios renovados de cadáveres  
os rios turvos do espesso deslizar  
dos braços e das mães do meu país.  
olha-me igrejas agora restauradas  
sobre ruínas de propalada fé:  
paredes brancas de um urgente brio  
escondendo ferros de amarrar gentio.  
olha-me a noite herdada nestes olhos  
e um povo condenado a amassar-te o pão.  
olha-me amor, atenta podes ver  
uma história de pedra a construir-se  
sobre uma história morta a esboroar-se  
em chagas de salitre.

----------------------------------------

as crianças  
carregadas de destino  
batráquios prisioneiros do pó e da vidraça  
alastram no papel o som e a cor dos seus débeis sorrisos.  
arde-lhes já na face  
o circunflexo acento do desgosto –  
a reprimida força da malícia atenta.  
miram-nos frias do fundo da película –  
crescem-lhes dentes de apetite oculto  
mandibulam ameaças de domínio  
destroem uma a uma  
as flores da idade  
e cobrem-se escarninhas  
de pêlos urticantes.  
exibem unhas curvas  
afiadas para a disputa  
e denunciam intenções de assalto  
na lisa mansidão  
com que protegem a morosa espera.  
as crianças tiranizam o espaço que atingiram.  
possessas  
dilaceram crianças de outras raças –  
assumem, rancorosas, o desdém na face  
e inquirem  
inocentes  
se os pretos têm nome.

----------------------------------------

poema  
as coisas mais simples, ouço-as no intervalo  
do vento, quando um simples bater de chuva nos  
vidros rompe o silêncio da noite, e o seu ritmo  
se sobrepõe ao das palavras. por vezes, é uma  
voz cansada, que repete incansavelmente  
o que a noite ensina a quem a vive; de outras  
vezes, corre, apressada, atropelando sentidos  
e frases como se quisesse chegar ao fim, mais  
depressa do que a madrugada. são coisas simples  
como a areia que se apanha, e escorre por  
entre os dedos enquanto os olhos procuram  
uma linha nítida no horizonte; ou são as  
coisas que subitamente lembramos, quando  
o sol emerge num breve rasgão de nuvem.  
estas são as coisas que passam, quando o vento  
fica; e são elas que tentamos lembrar, como  
se as tivéssemos ouvido, e o ruído da chuva nos  
vidros não tivesse apagado a sua voz.

----------------------------------------

corpo  
cor.po  
subst m corpo ['korpu]. pl. corpos. de nem  
um. massa e peso  
(favor não confundir)  
anexados a superfícies  
de código binário  
aka masculino e feminino.  
1. a. geografia do posicionar-se. área com fronteiras definidas; porção de espaço a sonhar com dicionários.  
1. b. locus de focus em terror, hocus pocus da lógica em orifícios úmidos.  
1. c. carcaça. retorno à realidade.  
diz-se  
que o mesmo ar  
não pode circundar  
dois ao mesmo  
tempo.  
2. a. padrão de aparência perigosa para a mecânica da pureza; a ilusão da higiene.  
2. b. não uma árvore.  
cores são encomendadas de acordo com o gosto.  
entrega segue regras  
de fabricação genética.  
exemplares ruivos  
anexados a um pênis  
são uma iguaria.  
3. a. não confiável em impermeáveis. temporário e de oscilações frequentes. todo que goza por partes.  
3. b. um grupo de erros e equívocos reputados como uma sanidade; uma corporação s.a.  
mas a esfera privada  
é também um pesadelo.  
4. a. estabelecimento comercial.  
4. b. para instruções, referir-se ao manual, ao oral.  
som conhecido  
como voz  
causa aderência  
à sua definição.  
5. a. geringonça que não sua em fotografias.  
5. b. a maior peça da fricção. anal tomia.  
5. c. maquinaria para a produção de líquidos.  
5. d. destinado a lubrificantes.  
se cortado ou perfurado,  
tende a tornar-se mais atento.  
6. a. exclusivo para índices e apêndices.  
6. b. massa do tangível e matéria de farrapos.  
dê-lhe água,  
faça-o celeste.  
7. mobília confortável que requer manutenção. uma coletânea ou quantidade, como de material ou informação: a evidência de sua inflação.  
você está aqui  
em um mapa.

----------------------------------------

os figos de d.h. lawrence  
lawrence aconselhou a que se partisse um figo  
em quatro pedaços, para o comer, depois de deitar fora  
a casca. deste modo, pensava ele, a sociedade não veria  
com maus olhos o gesto de cortar o figo, e de o  
saborear lentamente, como quem lê um poema. mas  
nem todos os figos se podem comer desta maneira; e,  
no caso dos figos verdes, o melhor é tirar-lhes a pele a  
partir de cima, sem que ela se desprenda completamente  
do fruto; e só depois de comer a parte de cima, é que  
chegará o momento em que só vai ficar um pouco de figo  
a segurar a casca. nessa altura, pode-se arrancá-la, e acabar  
de comer o que sobra, para que a refeição fique completa.  
de facto, lawrence também admite esta solução (e  
aceita que se coma também a casca); mas teremos  
de ir mais longe do que ele, o que significa  
que se deve também pensar na figueira. e se, ao comermos  
o figo, a árvore nos agarra a alma com os seus ramos  
ásperos, obrigando-nos a afastar as folhas para ver como  
é que se pode fugir debaixo dela, o sabor que fica na boca  
lembra a imagem da mulher primitiva, com o seu ventre redondo  
como o dos figos de s. joão, os primeiros, que se colhem  
com um gesto só, ficando inteiros na mão. então, a mão  
torna-se um prolongamento da figueira, e começo a pensar  
que talvez possam nascer folhas de figueira nos braços,  
como se estes fossem ramos; e que essas folhas servirão para  
tapar os figos que irei colher, mantendo a sua frescura.  
em alternativa, poderei transformar o tronco da figueira  
num corpo de mulher nua; e essas folhas irão vesti-la. mas o figo  
que tenho na mão far-me-á sentir os seus seios macios, fazendo  
com que, ao tirar a casca do figo, a mulher saia de dentro dele,  
e eu possa chegar à mesma conclusão de lawrence sobre  
as múltiplas formas de comer um figo.

----------------------------------------

a resistência à teoria  
eu ficarei à espera de que as uvas  
das minhas videiras  
amadureçam  
à luminosidade da palavra  
dia

----------------------------------------

a ponte  
para que pudéssemos atravessar o rio cheio de pedras  
alguém, com um machado, subio até a floresta  
e mudou árvores vivas em pranchas e mourões.  
o outro lado é igual a este, na terra dividida.  
mas atravessamos a ponte, e nos segue a sombra  
de alguém, semelhante a nós, que pensava unir  
o que as águas separam, correndo entre pedras.

----------------------------------------

o meu poema teve um esgotamento nervoso.  
já não suporta mais as palavras.  
diz às palavras: palavras  
ide embora,  
ide procurar outro poema  
onde habitar.  
o meu poema tem destas coisas  
de vez em quando.  
posso vê-lo: ali distendido  
em cama de linho muito branco  
sem perspectivas ou desejo  
quedando-se num silêncio  
pálido  
como um poema clorótico.  
pergunto-lhe: posso fazer alguma coisa por ti?  
mas apenas me fixa o olhar;  
fica a li a fitar-me de olhos vazios  
e boca seca.

----------------------------------------

: sua voz através do mar é o próprio mar em travessia  
chamamento remoto  
de mulher equilibrada nos rochedos  
é também credível viver fora dos peixes  
dentro de um farol no extremo das docas  
e nos encontrarmos agora  
mais por memória das marés que por limite do acaso  
: o mar está entre nós e por isso nos une :  
a mesma palavra que cabe em minha boca  
cabe na dela  
: em sua boca cabem todos os oceanos :

----------------------------------------

o desfibrilador é antes uma relíquia verbal  
que um aparato do esqueleto  
o tempo na palavra  
tudo que era primeiro moveu-se no verbo  
mesmo a bomba cardíaca e seus vasos sanguíneos  
é nele que as coisas despertam  
e então a língua-que-não-diz  
o silêncio  
confere a física de cada mundo  
o corpo está mais que em volta da espinha  
o corpo fabrica um lugar a cada estrela que ganha nome  
[ o albatroz retém a alba no corpo ]  
mastigar a palavra  
como se mastiga um coração  
da válvula às aurículas  
cada palavra é um sacrário  
um desígnio  
um destino

----------------------------------------

aqui do estômago desta baleia  
a cidade é um cardume cintilante  
e  
a estátua de drummond tem as costas ao oceano –  
[as estátuas são para os homens não para o mar]  
cultivar um peixe por dentro  
para um dia comê-lo  
esperando uma mulher surgir da precisão da ossada  
um dia somos felizes em nosso jardim cetáceo  
e ela caminha suavemente ao meu lado  
sonhando o domingo mais triste do mundo no subúrbio do lado de lá  
um dia estamos na meia idade e bebemos porque não há opção  
e o guindaste no cais estará esmagado como um inseto morto  
diante das mil falhas na goela das águas  
o mar está na foto dos homens não no sonho das estátuas

----------------------------------------

promontório  
sempre busquei a profusão das chuvas  
e celebrei o excesso.  
a porta que se abre à claridade do relâmpago  
divide o dia em partes desiguais.  
mas entre a luz e a sombra há um espacço  
onde o sonho e a vida acordada se juntam como dois corpos  
separados das almas desunidas.  
é a este lugar que retorno  
quando a chuva cai em maceió e derruba as folhas  
dos cajueiros floridos.  
os goiamuns inquietos percebem nas locas a alteração do mundo  
que oscila entre a lama e as raízes dos mangues  
como duas cores do arco-íris.  
berço de tanajuras, patria ameaçada pelo trovão,  
dunas sonâmbulas que só caminham à noite,  
mar que umedece os lábios rachados da areia,  
vento que dilacera o promontório,  
longe de vós serei um exilado.

----------------------------------------

o sonho dos peixes  
não posso admitir que os sonhos  
sejam um privilégio das criaturas humanas.  
os peixes também sonham.  
no lago pantanaso, entre miasmas  
que aspiram à espessa dignidade da vida,  
eles sonham com os olhos sempre abertos.  
os peixes sonham imóveis, na bem-aventurança  
da água fétida. não são como os homens, que se agitam  
em seus leitos desastrados. na verdade,  
os peixes diferem de nós, que ainda não aprendemos a sonhar  
e nos debatemos, como afogados, na água turva  
entre imagens hediondas e espinhas de peixes mortos.  
junto ao lago que eu mandei cavar,  
tornando verdade um incômodo sonho de infância,  
interrogo a água escura. as tilapias se escondem  
de meu suspeitoso olhar de proprietário  
e se recusam a ensinar-me como devo sonhar.

----------------------------------------

na semente-labirinto  
a água invade as canaletas de plástico  
para rompê-las com sua energia de bomba atômica :  
[ atômica é a alma do foragido ]  
a semente é viajante do mesmo lugar :  
para cima para a terra para si mesma :  
nós viajantes para o outro para fora  
para as profundezas do ar :  
respirar é desculpa para estar vivo :  
contra esta ausência aguardando aguardente  
até que se descuide do aguardo :  
a semente resiste à espera e ao fim da espera :  
os vivos são também um sonho dos mortos :  
geringonça hidráulica  
com a morte latente bem antes de terem nascido

----------------------------------------

joia  
abrir o mineral tão claro dos rostos  
a fractal fruta exata em ângulos sonhados  
pedra tão vértebra quanto água nos vértices  
por flor adentro corte de espelhos decepando  
tanto quanto jóia dado assente sorte alguma  
tão sua que ao esmalte faz-se outra  
avessa falha desfolha gume florindo única face

----------------------------------------

grotto  
não quero nada claro ou helénico.  
prefiro turbinas de aviões comerciais, a sua fuligem  
doméstica  
às velas de alabastro do veleiro de ulisses  
lá em mar alto.  
prefiro o eclipse a calipso.  
não quero nada de verdadeiramente branco.  
dispenso a asa delta de garças,  
o seu voo aerodinâmico,  
troco-o pela arribação de ratos no esgoto,  
a sua pressa chinesa,  
o seu stress pós-traumático:  
orgulham-me criaturas tão limpas.  
assim também recuso o papel branco:  
trato de o desfigurar  
com sangue negro, como se desfigura  
um branco em harlem.  
não quero começar a imaginar como se sentiriam  
escravos nos campos de algodão.

----------------------------------------

é preciso ser confidente do ar  
para suportar a força da gravidade –  
no salto : o corte interno das palavras  
azul : esta atmosfera : azul  
caiando a casca das frutas mais novas  
ou diante da porta  
à espera  
que a manhã seja outra  
pois o sentido da coisa já não acomoda a coisa  
e pesa menos livre de seus sentidos  
e a poesia só escreve o que a pontuação permite  
fruta fendida na idéia do vento  
quando todos despertam a cidade sonha  
estrangeira de si mesma e do tempo –

----------------------------------------

o barulho do mar  
na tarde de domingo, volto ao cemitério velho de maceió  
onde os meus mortos jamais terminam de morrer  
de suas mortes tuberculosas e cancerosas  
que atravessam a maresia e as constelações  
com as suas tosses e gemidos e imprecações  
e escarros escuros  
e em silêncio os intimo a voltar a esta vida  
em que desde a infância eles viviam lentamente  
com a amargura dos dias longos colada às suas existências monótonas  
e o medo de morrer dos que assistem ao cair da tarde  
quando, após a chuva, as tanajuras se espalham  
no chão maternal de alagoas e não podem mais voar.  
digo aos meus mortos: levantai-vos, voltai a este dia inacabado  
que precisa de vós, de vossa tosse persistente e de vossos gestos  
enfadados e de vossos passos nas ruas tortas de maceió. retornai aos sonhos insípidos  
e às janelas abertas sobre o mormaço.  
na tarde de domingo, entre os mausoléus  
que parecem suspensos pelo vento  
no ar azul  
o silêncio dos mortos me diz que eles não voltarão.  
não adianta chamá-los. no lugar em que estão, não há retorno.  
apenas nomes em lápides. apenas nomes. e o barulho do mar.

----------------------------------------

de todo o jardim escolho  
a córnea rajada de sua flor  
ou a flor rajada entre as pernas  
no ventrentre os olhos  
é inteiramente flor sua presença  
recolhida  
no abstrato de qualquer pensamento  
nem luzes com bolor  
nem o seio repousado na mão  
a florolho vê enquanto é vista  
adorna quem lhe adorna  
as sutilezas dos lilazes-quase-lírios  
neste cárcere do ver  
íris-rosácea na estremadura idade da cara  
como se calculada da extrema idade da terra  
a memória do improviso das folhas  
o ferruginoso de toda planta  
na planta de toda face

----------------------------------------

minha pátria  
minha pátria não é a língua portuguesa.  
nenhuma língua é a pátria.  
minha pátria é a terra mole e peganhenta onde nasci  
e o vento que sopra em maceió.  
são os caranguejos que correm na lama dos mangues  
e o oceano cujas ondas continuam molhando os meus pés quando sonho.  
minha pátria são os morcegos suspensos no forro das igrejas carcomidas,  
os loucos que dançam ao entardecer no hospício junto ao mar,  
e o céu encurvado pelas constelações.  
minha pátria são os apitos dos navios  
e o farol no alto da colina.  
minha pátria é a mão do mendigo na manhã radiosa.  
são os estaleiros apodrecidos  
e os cemitérios marinhos onde os meus ancestrais tuberculosos e implaudados não não param de tossir e tremer nas noite frias  
e o cheiro de açúcar nos armazéns portuários  
e as tainhas que se debatem nas redes dos pescadores  
e as résteas de cebola enrodilhadas na treva  
e a chuva que cai sobre os currais de peixe.  
a língua de que me utilizo não é e nunca foi a minha pátria.  
nenhuma língua enganosa é a pátria.  
ela serve apenas para que eu celebre a minha grande e pobre pátria muda,  
minha pátria desintérica e desdentada, sem gramática e sem dicionário,  
minha pátria sem língua e sem palavras.

----------------------------------------

o dia surge com a fúria do ouro  
e ante ele  
antenas conspiram a revolução  
no seu entendimento de antenas  
nascer e morrer já não é grande coisa –  
sobra aguardar dos ligamentos o câncer  
no tempo do tempo que resta  
esta música de pedra:  
esse eu  
que habita um corpo  
é menos que corpo  
e recusa a ser feliz nesta cidade  
e envelhece sem jamais ter sido jovem  
ainda que as antenas sustentem elegâncias de inseto  
contra a tarde  
cardume metálico  
no encardido das lajes

----------------------------------------

lua-lâmina-omoplata  
o cão de porcelana desfeito na porcelana da constelação  
ou esta água pesada nos coágulos da luz  
ali onde da matéria mole do sol  
se forjam estrelas  
cheguei a idade que um dia sonhei ter  
mas o sonho não resistiu a idade  
aqui nesta terra-longe  
antecidade ante tudo o que foi feito  
[há lugares que esquecem de se atualizar segundo os mapas]  
os imortais cunharam homens  
para ver um mundo por seus olhos  
mas a vida inteira temos esperado por algo  
no outro lado da vida inteira  
das realidades possíveis só percebemos esta  
onde todos já vêm com encaixe para alguma máquina  
sistemas são subversíveis –  
subvertamos agora os astros que não pertencem a nós  
[a língua:  
astrolábio de céu da boca]

----------------------------------------

passado  
ah velha sebenta  
em que escrevia as minhas composições de francês  
mes vacances: gostei muito das férias  
je suis allée à la plage (com dois ee,  
o verbo ètre pede concordância), j'ai beaucoup  
nagé e depois terminava com o sol a pôr-se  
no mar e ia ver gaivotas ao dicionário  
as correcções a vermelho e o passé simple,  
escrever cem vezes nous fûmes vous fûtes ils fûrent  
as tardes de sol  
e madame denise que dizia toi ma petite  
com ar de sargento e a cara zangada a fazer-se  
vermelha (tenho glóbulos a mais, faites attention)  
e o olhar que desmentia tudo  
em ternura remplit  
e as regras decoradas e as terminações  
verbais ais, ais, ait,  
a hora de estudo extra e o sol de fim de tarde  
a filtrar-se pelas carteiras,  
a freira a vigiar distraída em salmos  
eu a sonhar de livro aberto  
once upon a time there was a little boy  
e as equações de terceiro grau a uma  
incógnita  
ah tardes claras em que era bom  
ser boa, não era o santinho nem o rebuçado  
era a palavra doce a afagar-me por dentro,  
as batas todas brancas salpicdas de gouache  
colorido e o cinto azul que eu trazia sempre largo  
assim a cair de lado à espadachim  
as escadas de madeira rangentes  
ao compasso dos passos, sentidas ainda  
à distância de vinte anos,  
todas nós em submissa fila a responder à chamada,  
"presente" parecia-me então lógico e certo  
como assistir à oração na capela e ler as epístolas  
(de são paulo aos coríntios:  
naquele tempo...),  
tem uma voz bonita e lê tão bem, e depois  
mandavam-me apertar o cinto para ficar  
mais composta em cima do banquinho,  
à direita do padre  
e o fascínio das confissões,  
as vozes sussuradas na fina madeira  
castanha a esconder uma falta,  
o cheiro do chão encerrado e da cera das velas  
e quando deixei de acreditar em pecados  
e comecei a achar que as palavras não prestam  
e que era inútil  
inútil a teia de madeira  
ah noites de insónia à distância de vinte anos,  
once upon a time there was a little boy  
and he went up on journey  
there was a little girl, une petite fille  
e o passé simple, como parecia simples o passado  
au clair de la lune  
mon ami pierrot  
prête-moi ta plume  
pour écrire un mot  
escrever uma palavra  
uma só  
ao luar  
a pedir concordância como uma carícia  
elles sont parties,  
les mouettes

----------------------------------------

a carga  
uma rua me conduzia até o porto.  
e eu era a rua com as suas janelas dilaceradas  
e o sol despositado na areia materna.  
eu levava para a beira do mar tudo o que surgia  
à minha passagem: portas, rostos, vozes, colônias de cupim  
e réstias de cebola que amadureciam na sombra  
dos armazéns próvidos. e sacos de açúcar. e as chuvas  
que haviam enegrecido os telhados das casas.  
era um dia de dádivas. nada estava perdido.  
as ondas celebravam a beleza do mundo.  
a terra ostentava a promessa da vida.  
e eu despositava a minha leve carga  
nos porões dos navios enferrujados.

----------------------------------------

a escavadeira  
todo silêncio me incomoda.  
ele sempre omite alguma coisa:  
uma traição tramada entre as glicínias  
a explicação final sobre a existência ou a inexistência de deus  
o rumor dos ratos no entulho  
o choque entre a hélice e o vento no aeroporto desativado.  
mas a manhã irrompe no canteiro de obras e ouço o barulho da escavadeira.  
os homens já acordaram e voltaram a construer e a destruir.  
vão fazer novas casas e novov túmulos.  
na manhã de sol o fusca pára no oitão do motel.  
mais uma vez pênis e vagina vão tenar entender-se  
neste mundo de tantos descencontros.  
a escavadeira escava e as esteiras avançam na cratera aberta como uma corola.  
visto pelo olhos sonolentos do trocador de ônibus que passa pela  
avenida o mundo é uma representação.

----------------------------------------

a necessidade  
uma porta fechada não é suficiente para que o homem  
esconda o seu amor. ele também necessita de uma porta aberta  
para poder partir e se perder na multidão quando esse amor explodir  
como o barril de pólvora no arsenal alcançado pelo raio.  
um telhado não basta para que o homem se proteja  
do calor e da tempestade. para fugir ao relâmpago  
ele precisa de um corpo estendido na cama  
e ao alcance de sua mão ainda temerosa  
de avançar no excuro quando a chuva cai no silêncio do mundo aberto como uma fruta  
entre dios estrondos.  
na noite que declina, no dia que nasce,  
o homem precisa de tudo: do amor e do raio.

----------------------------------------

por um animal  
todo-feito de tetra-pak  
que se devora enquanto se move  
esse animal-caligrama  
que transpassa o alfabeto através do corpo  
e a imundície da rua através do tempo  
usina de merda contra  
as mil falhas tectônicas do céu  
placas de entulho articuladas por dentro  
o rinoceronte em seu ladrilho  
e mesmo a morte faz mais sentido quando fodemos  
usina de força gerando forças contrárias  
ou ainda  
esse ordinário que vive das coisas complexas :  
o dia a dia alternando suave  
os terrenos baldios a ordem das casas os vagões de trem

----------------------------------------

a neve e o amor  
neste dia de calor ardente, estou esperando a neve.  
sempre estive à sua espera.  
quando menino, li recordações da casa dos mortos  
e vi a neve caindo na estepe siberiana  
e no casaco roto de fédor dostoievski.  
amo a neve porque ela não separa o dia da noite  
nem afasta o céu das aflições da terra.  
une o que está separado:  
os passos dos homens condenados ao gelo escurecido  
e os suspiros de amor que se perdem no ar.  
é necessário ter um ouvido muito afiado  
para ouvir a música da neve caindo, algo quase silencioso  
como o roçar da asa de um anjo, caso os anjos existissem,  
ou o estertor de um pássaro.  
não se deve esperar a neve como se espera o amor.  
são coisas diferentes. basta abrirmos os olhos para ver a neve  
cair no campo desolado. e ela cai em nós, a neve branca e fria  
que não queima como o fogo do amor.  
para ver o amor os nossos olhos não bastam,  
nem os ouvidos, nem a boca, nem mesmo os nossos corações  
que batem na escuridão com o mesmo rumor  
da neve caindo nas estepes  
e nos telhados das cabanas escuras  
e no casaco roto de fédor dostoievski.  
para ver o amor, nada basta. e tanto o frio do inverno como o calor escaldante  
o afastam de nós, de nossos braços abertos  
e de nossos corações atormentados.  
fiel à minha infância, prefiro ver a neve  
que une o céu e a terra, a noite e o dia,  
a ser a presa indefesa do amor,  
o amor que não é branco nem puro nem frio como a neve.

----------------------------------------

o silêncio incompleto  
que silêncio incompleto entre tantos rumores!  
agora, e só agora, eles tentam dizer-nos  
que amaram e esqueceram, e sempre ficaram longe  
da verdade final. o amor é uma dívida  
irresgatável contraída na escuridão  
e só morte libera os pagadores relapsos.  
tudo terminará num oceano de sombras.  
os mortos também acabam, após tantas lágrimas  
e missas cantadas e anúncios nos jornais.  
nascemos para nos evaporar, após ter sido  
a água que cobre a rampa do estaleiro.  
nascemos para dizer o nosso nome ao vento.  
nossos corpos rastejaram até a entrada da gruta.  
mas onde estavam as almas naquele instrante  
de êxtase e servidão? estavam escondidas  
como os morcegos, dormiam plácidas como as placentas.

----------------------------------------

o espanto  
o que se passa em mim é um prodígio.  
um sim que se dilata  
até perder o sentido  
longe, como o balão  
fugido da criança.  
um sim, transgredido,  
arremetido  
à estupidez do ouvido,  
da razão.  
um sim que quando explode me diz não  
com delicadeza.

----------------------------------------

dois rios  
o corpo dividido em duas partes  
fechadas  
à chave uma na outra, avanço  
num duplo coração como se fosse  
ao mesmo tempo num só barco por dois rios.

----------------------------------------

revólver  
agradeço-te a lembrança, avô:  
deixaste-me o revólver na mão,  
está empenado o gatilho,  
tem ferrugem o cão,  
o serviço, com balas deste calibre,  
não é garantido  
(escusavas de o ter comprado ao cigano  
que bebia contigo),  
mas criança alguma poderá estragar  
o pessimismo deste poema,  
ou vir a tempo de evitar o seu desfecho  
– rindo, por exemplo, no recreio da escola.

----------------------------------------

provavelmente noutro tempo, noutras circunstâncias  
chegaríamos a iguais resultados  
pelo que de nada adianta imaginar um almagesto  
ou tabelas de paralaxe para isto  
a que convencionalmente chamamos amor,  
nem calcular o ângulo  
entre nós e o centro da terra,  
de nada nos aproveitara, tu e eu  
centros escorraçados de irregular gravitação.  
porém, isso não me impediu de ver plêiades  
cada vez que surgias (só  
não te dizia nada) plêiades iluminando  
meu hades  
com suas cabrinhas coruscantes  
pascendo  
o vale da sombra da morte.  
e a questão hoje é: who’s gonna drive you home tonight?  
quando o melancólico transístor  
destila também outras perguntas, mas nenhuma  
tão dura quanto essa,  
por exemplo: porque é que a água tem mais tendência  
a subir em tubos estreitos  
ao contrário do mercúrio?  
isto é view-master e são coisas que faço  
na tua ausência.

----------------------------------------

extrema-unção  
uma breve, amável mágoa à  
flor dos olhos, um distante desapontamento,  
morrias como se pedisses desculpa  
por nos fazeres perder tempo.  
tinhas pressa mas não o mostravas,  
receavas que não estivéssemos preparados,  
e, suspenso sobre nós, esperavas  
que disséssemos tudo, que fizéssemos o apropriado.  
morrer não é motivo de orgulho,  
mas estavas cansado de mais para te justificares.  
ainda por cima no mês de julho,  
com as férias marcadas, ausentes os familiares.  
tínhamos levado as crianças de casa,  
feito os telefonemas, escolhido os dizeres.  
o quarto fora arrumado, a cama mudada  
com roupa lavada. só faltava morreres.

----------------------------------------

as trevas  
começam-nos as trevas a romper  
a carne, comparáveis  
a neve que do céu  
caísse ensanguentada  
ou pedra que, ao tombar  
num lago, o abrisse  
em sucessivos círculos, alguns  
dos quais já fora de água, em plena vida,  
alguém  
no meio da paisagem  
empunha um calorífico  
enquanto eu, que de roupa  
não trago mais que um lenço,  
com ele cubro a cabeça para não morrer,  
aqui ninguém ignora  
que os lagos gelam a partir das margens  
e o homem a partir do coração,  
que a luz  
ascende do vazio  
e tudo o que nos resta mais não é  
que um sol sem crédito  
num céu desafectado,  
envolvem-nos as trevas  
os ossos, dir-se-ia  
que a própria morte  
nos serve aqui de pele, como a um morcego.

----------------------------------------

dos descampados  
cresceram-me entre os ossos já as primeiras ervas.  
talvez dos descampados que me vêm  
do espírito acabar à boca dos sentidos  
por fim surjam aqueles que quando escavam  
o fazem como se avançassem  
assim para uma vida mais autêntica.  
terão o tempo nas mãos como uma enxada.  
brilhar-lhes-ão nas pás  
pedaços do meu corpo que respiram.

----------------------------------------

os campos estão desertos  
os campos estão desertos  
onde outrora floresciam aldeias,  
e ecos de sinos dobrando-se às colinas,  
soluçando o silêncio dos pinhais.  
tempo de solares e mesas postas,  
burburinho e cantos matinais.  
hoje silva o comboio e, indiferentes,  
dedos apontam o muro engrinaldado:  
“ali foi . . .”, mas já o rio surge.  
o comboio estremece as fundações da ponte.

----------------------------------------

as vozes  
a infância vem  
pé ante pé  
sobe as escadas  
e bate à porta  
– quem é?  
– é a mãe morta  
– são coisas passadas  
– não é ninguém  
tantas vozes fora de nós!  
e se somos nós quem está lá fora  
e bate à porta? e se nos fomos embora?  
e se ficámos sós?

----------------------------------------

huato-carbau (1947)  
um velho, um jovem,  
separados pelo acaso.  
lá fora a brisa,  
o frio fino.  
à luz do candeeiro conversavam  
a noite inteira.  
o velho, jovem.  
o jovem, triste.

----------------------------------------

jovem mulher numa capela de aldeia  
num banco junto à parede,  
fértil e escura como terra lavrada,  
os olhos adormecendo no incenso  
que a tomava pela cintura  
e lhe dava o cansaço  
da madrugada.  
os cabelos negros enredando o frio  
que vinha de fora  
pela porta que alguém esquecera aberta  
mostrando ao fundo o rio  
e a laranjeira despida  
pela geada.  
morte  
em ambos os lados da porta  
dando entrada  
e súbito o dia  
e depois  
mais nada.

----------------------------------------

estacas  
os meus ossos estão espetados no deserto, não há um só no meu corpo que lhe escape.  
cravados todos eles na areia do deserto, uns a seguir aos outros, alinhados.  
seria absurdo falar-se de esqueleto.  
a pele foi entretanto soterrada, há quem já tenha caminhado em cima  
dela. quem diria? a pele, outrora hasteada, uma bandeira, quase uma coroa.  
o vento apoderou-se-me das vértebras. o próprio sol que entre elas  
brilha é descarnado, um sol deserto, onde o deserto penetrou.  
talvez pudéssemos lavá-lo, este deserto, quem sabe, ou amarrá-lo,  
amordaçá-lo. a pele garante o espaço, o resto logo se veria.

----------------------------------------

pax lusitanica  
ora se bem me lembro bem bastava  
ter que me dar a gregos e troianos.  
mas dar-me a americanos, russos  
e chineses, arre! isso não, que bem me bastam  
os portugueses! esses facínoras de pé na mão, esses  
minhocas endomingados na semana  
e tesos ao domingo.  
gregos de ulisses, vale é uma chama  
acesa no altar da pátria.  
troianos . . . há eneias, piedoso,  
acartando nas costas o seu povo.  
de portugal, não se fala, nem do gama.  
mas dar-me a americanos, russos  
e chineses, arre! isso não, que bem me bastam  
os portugueses!  
quero ver-me é entre tahitianas,  
titiro manhoso, vendedor de flautas  
e com elas convívio amenizado.  
quero é dar-me a circe, enfeitiçar-me  
em cavernas simbólicas  
onde não faltem os sobresselentes,  
o simulacro, o ver de cão travado  
pelo cheiro a carne quente.  
penélope esperou-me tanto tempo  
que pode esperar mais, como lisboa.  
mas dar-me a americanos, russos  
e chineses, arre! isso não, que bem me bastam  
os portugueses!  
acertadas as contas, quero ver  
se não me engano.  
contra ulisses, eu quero ser troiano.  
quero ter  
viagem paga, um fim que dignifique,  
uma toga, um palácio . . . tudo o que  
justifique  
minha precária existência  
marcada pela traição, pelo pavor  
piloto morto, pelo sonhador, pelo incêndio, pela lágrima  
de aligator . . .  
verdade, que há um cheiro lusitano . . .  
sou romano.  
aquilo que prometo nunca faço.  
mas dar-me a americanos, russos  
e chineses, arre! isso não, que bem  
me bastam os portugueses!

----------------------------------------

o sentimento dum ocidental  
i  
ave-marias  
nas nossas ruas, ao anoitecer,  
há tal soturnidade, há tal melancolia,  
que as sombras, o bulício, o tejo, a maresia  
despertam-me um desejo absurdo de sofrer.  
o céu parece baixo e de neblina,  
o gás extravasado enjoa-me, perturba;  
e os edifícios, com as chaminés, e a turba  
toldam-se duma cor monótona e londrina.  
batem carros de aluguer, ao fundo,  
levando à via-férrea os que se vão. felizes!  
ocorrem-me em revista exposições, países:  
madrid, paris, berlim, s. petersburgo, o mundo!  
semelham-se a gaiolas, com viveiros,  
as edificações somente emadeiradas:  
como morcegos, ao cair das badaladas,  
saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.  
voltam os calafates, aos magotes,  
de jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;  
embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,  
ou erro pelos cais a que se atracam botes.  
e evoco, então, as crónicas navais:  
mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!  
luta camões no sul, salvando um livro a nado!  
singram soberbas naus que eu não verei jamais!  
e o fim da tarde inspira-me; e incomoda!  
de um couraçado inglês vogam os escaleres;  
e em terra num tinir de louças e talheres  
flamejam, ao jantar alguns hotéis da moda.  
num trem de praça arengam dois dentistas;  
um trôpego arlequim braceja numas andas;  
os querubins do lar flutuam nas varandas;  
às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!  
vazam-se os arsenais e as oficinas;  
reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;  
e num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,  
correndo com firmeza, assomam as varinas.  
vêm sacudindo as ancas opulentas!  
seus troncos varonis recordam-me pilastras;  
e algumas, à cabeça, embalam nas canastras  
os filhos que depois naufragam nas tormentas.  
descalças! nas descargas de carvão,  
desde manhã à noite, a bordo das fragatas;  
e apinham-se num bairro aonde miam gatas,  
e o peixe podre gera os focos de infecção!  
ii  
noite fechada  
toca-se às grades, nas cadeias. som  
que mortifica e deixa umas loucuras mansas!  
o aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,  
bem raramente encerra uma mulher de “dom”!  
e eu desconfio, até, de um aneurisma  
tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;  
à vista das prisões, da velha sé, das cruzes,  
chora-me o coração que se enche e que se abisma.  
a espaços, iluminam-se os andares,  
e as tascas, os cafés, as tendas, os estancos  
alastram em lençol os seus reflexos brancos;  
e a lua lembra o circo e os jogos malabares.  
duas igrejas, num saudoso largo,  
lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:  
nelas esfumo um ermo inquisidor severo,  
assim que pela história eu me aventuro e alargo.  
na parte que abateu no terremoto,  
muram-me as construções rectas, iguais, crescidas;  
afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,  
e os sinos dum tanger monástico e devoto.  
mas, num recinto público e vulgar,  
com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,  
brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,  
um épico doutrora ascende, num pilar!  
e eu sonho o cólera, imagino a febre,  
nesta acumulação de corpos enfezados;  
sombrios e espectrais recolhem os soldados;  
inflama-se um palácio em face de um casebre.  
partem patrulhas de cavalaria  
dos arcos dos quartéis que foram já conventos;  
idade média! a pé, outras, a passos lentos,  
derramam-se por toda a capital, que esfria.  
triste cidade! eu temo que me avives  
uma paixão defunta! aos lampiões distantes,  
enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes,  
curvadas a sorrir às montras dos ourives.  
e mais: as costureiras, as floristas  
descem dos magasins, causam-me sobressaltos;  
custa-lhes a elevar os seus pescoços altos  
e muitas delas são comparsas ou coristas.  
e eu, de luneta de uma lente só,  
eu acho sempre assunto a quadros revoltados:  
entro na brasserie; às mesas de emigrados,  
ao riso e à crua luz joga-se o dominó.  
iii  
ao gás  
e saio. a noite pesa, esmaga. nos  
passeios de lajedo arrastam-se as impuras.  
ó moles hospitais! sai das embocaduras  
um sopro que arripia os ombros quase nus.  
cercam-me as lojas, tépidas. eu penso  
ver círios laterais, ver filas de capelas,  
com santos e fiéis, andores, ramos, velas,  
em uma catedral de um comprimento imenso.  
as burguesinhas do catolicismo  
resvalam pelo chão minado pelos canos;  
e lembram-me, ao chorar doente dos pianos,  
as freiras que os jejuns matavam de histerismo.  
num cutileiro, de avental, ao torno,  
um forjador maneja um malho, rubramente;  
e de uma padaria exala-se, inda quente,  
um cheiro salutar e honesto a pão no forno.  
e eu que medito um livro que exacerbe,  
quisera que o real e a análise mo dessem;  
casas de confecções e modas resplandecem;  
pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.  
longas descidas! não poder pintar  
com versos magistrais, salubres e sinceros,  
a esguia difusão dos vossos reverberos,  
e a vossa palidez romântica e lunar!  
que grande cobra, a lúbrica pessoa,  
que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!  
sua excelência atrai, magnética, entre luxo,  
que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.  
e aquela velha, de bandós! por vezes,  
a sua traîne imita um leque antigo, aberto,  
nas barras verticais, a duas tintas. perto,  
escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.  
desdobram-se tecidos estrangeiros;  
plantas ornamentais secam nos mostradores;  
flocos de pós de arroz pairam sufocadores,  
e em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.  
mas tudo cansa! apagam-se nas frentes  
os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;  
da solidão regouga um cauteleiro rouco;  
tornam-se mausoléus as armações fulgentes.  
“dó da miséria!... compaixão de mim!...”  
e, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,  
pede-me esmola um homenzinho idoso,  
meu velho professor nas aulas de latim!  
iv  
horas mortas  
o tecto fundo de oxigénio, de ar,  
estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;  
vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,  
enleva-me a quimera azul de transmigrar.  
por baixo, que portões! que arruamentos!  
um parafuso cai nas lajes, às escuras:  
colocam-se taipais, rangem as fechaduras,  
e os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.  
e eu sigo, como as linhas de uma pauta  
a dupla correnteza augusta das fachadas;  
pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,  
as notas pastoris de uma longínqua flauta.  
se eu não morresse, nunca! e eternamente  
buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!  
esqueço-me a prever castíssimas esposas,  
que aninhem em mansões de vidro transparente!  
ó nossos filhos! que de sonhos ágeis,  
pousando, vos trarão a nitidez às vidas!  
eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,  
numas habitações translúcidas e frágeis.  
ah! como a raça ruiva do porvir,  
e as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,  
nós vamos explorar todos os continentes  
e pelas vastidões aquáticas seguir!  
mas se vivemos, os emparedados,  
sem árvores, no vale escuro das muralhas!...  
julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas  
e os gritos de socorro ouvir estrangulados.  
e nestes nebulosos corredores  
nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;  
na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,  
cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.  
eu não receio, todavia, os roubos;  
afastam-se, a distância, os dúbios caminhantes;  
e sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,  
amareladamente, os cães parecem lobos.  
e os guardas, que revistam as escadas,  
caminham de lanterna e servem de chaveiros;  
por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,  
tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.  
e, enorme, nesta massa irregular  
de prédios sepulcrais, com dimensões de montes,  
a dor humana busca os amplos horizontes,  
e tem marés, de fel, como um sinistro mar!

----------------------------------------

o que diz o vento  
estás deitado na morgue,  
passam por ti como se jamais tivesses  
vertido uma lágrima ou esboçado um sorriso  
ou sentido medo ou perdido um emprego  
ou entrado em casa molhado pela chuva  
com tinta preta nos dedos fechados  
sobre o jornal.  
como se não passasses de vento  
agitando as flores nos muros,  
inclinando as árvores,  
fazendo voar a roupa estendida na varanda,  
o saco de plástico na calçada:  
uma voz que não diz nada  
mas fala de tudo em toda a parte.

----------------------------------------

atropelamento e fuga  
era preciso mais do que silêncio,  
era preciso pelo menos uma grande gritaria,  
uma crise de nervos, um incêndio,  
portas a bater, correrias.  
mas ficaste calada,  
apetecia-te chorar mas primeiro tinhas que arranjar o cabelo,  
perguntaste-me as horas, eram 3 da tarde,  
já não me lembro de que dia, talvez de um dia  
em que era eu quem morria,  
um dia que começara mal, tinha deixado  
as chaves na fechadura do lado de dentro da porta,  
e agora ali estavas tu, morta (morta como se  
estivesses morta!), olhando-me em silêncio estendida no asfalto,  
e ninguém perguntava nada e ninguém falava alto!

----------------------------------------

borrasca  
estalara-lhe de tal forma o eu que o próprio nome era uma ferida, através da qual a carne supurava. das perdidas manhãs de sol da sua infância, de que lhe restavam agora escassos farrapos presos às raízes, libertava-se por vezes um clarão, desesperado apelo em direcção à realidade, rasgando-o dos olhos aos ouvidos.  
quem quer que lhe tivesse concebido os ossos, era então visível o objectivo de os fazer florir. deles brotaria a pele, o céu, a encenação da glória. tudo isso mais não eram, entretanto, do que imagens em apuros, imagens atacadas por memórias em conflito com o presente, ou mesmo com o passado onde pareciam radicar, e que, esbeiçando-se nos bordos, davam lugar a que o esquecimento sobre elas actuasse como uma espécie de ácido sulfúrico.  
de cada vez que o invadia, a enxurrada da memória ascendia-lhe assim a um tal nível da consciência que os seus próprios ossos, deixando de ser pontos fixos e estáveis aos quais ele se pudesse segurar, vinham, desmantelados, boiar à superfície das águas borrascosas, de mistura  
com entranhas donde só a alma parecia não se ter desalojado ainda, como que as inflando e  
conservando à tona entre a gordura e o tumulto das lembranças.

----------------------------------------

o rei  
o mar está-nos no corpo; enquanto alguém  
a quem o coração serve de rei  
dispõe no tabuleiro as outras peças  
rebenta-lhe na mão; há entre as peças  
e o mar cumplicidades de que só  
quem joga estima o peso em cada lance.

----------------------------------------

o corpo espacejado  
perdia-se-lhe o corpo no deserto, que dentro dele aos poucos conquistava um espaço cada vez maior, novos contornos, novas posições, e lhe envolvia os órgãos que, isolados nas areias, adquiriam uma reverberação particular. ia-se de dia para dia espacejando. as várias partes de que só por abstracção se chegava à noção de um todo começavam a afastar-se umas das outras, de forma que entre elas não tardou que espumejassem as marés e a própria via-láctea principiasse a abrir caminho. a sua carne exercia aliás uma enigmática atracção sobre as estrelas, que em breve conseguiu assimilar, exibindo-as, aos olhos de quem o não soubesse, como luminosas cicatrizes cujo brilho, transmutado em sangue, lentamente se esvaía. ele mais não era, nessas ocasiões, do que um morrão, nas cinzas do qual, quase imperceptível, se podia no entanto detectar ainda a palpitação das vísceras, que a mais pequena alteração na direcção do vento era capaz de pôr de novo a funcionar. resolveu então plastificar-se. principiou pelas extremidades, pelos dedos das mãos e pelos pés, mas passado pouco tempo eram já os pulmões, os intestinos e o coração o que minuciosamente ele embrulhava em celofane, contra o qual as ondas produziam um ruído  
aterrador.

----------------------------------------

wong kar-wai  
como se perguntasse o teu  
nome, e um eco de mim  
respondesse  
que não existes  
e me apetecesse morrer  
mesmo assim à tua porta.  
como se no banco de trás de um táxi  
não seguisses comigo para a morte,  
nem tivesses no meu colo pousada  
a tua cabeça,  
no teu rosto branco o batom aceso,  
e o azul dos olhos como um espelho  
debruçado sobre a noite  
ou luz de navio perguntando por terra  
mas passando ao largo.

----------------------------------------

os ciganos  
dizem que vêm da europa central. eu vejo-os vir  
dos lados de grijó em lassa caravana.  
debaixo da carroça trota a coelheira,  
aproveitando a sombra débil e ambulante.  
sentado na boleia, as rédeas na mão morena  
descuidadas, um homem cisma, confia  
do caminho ao macho lento a decisão.  
outros homens a pé e mulheres novas  
entretêm de riso a caminhada espessa.  
logo após, sobre os burros, os pertences.  
alguns velhos também, já cansados de tudo,  
tiram partido do precário trote. as crianças  
de peito sugam em sonolenta teima  
as elásticas tetas sacudidas, mas alvas e redondas.  
os mais velhitos caminham repartidos  
em pequenas e lúdicas manadas, dando  
às hortas laterais breves saltos furtivos.  
toda esta gente é morena e tem fala cantada,  
levanta para mim doces olhos castanhos.  
dizem que vêm  
da europa central, de uma raça sem chão,  
e aqui procura, de insultos rodeada,  
cumprir a sua luta, seu degredo  
e sua primitiva vocação.  
dizem que os ciganos desenterram animais defuntos  
de alguma enfermidade menos limpa  
e neles cravam dentes de fome milenária.  
dizem que as mulheres estão na intimidade  
das estrelas e a troco de uns mil-réis  
lêem nas mãos destinos coloridos.  
dizem que roubam quintais e assaltam capoeiras,  
e os aldeões, em pânico secreto,  
os expulsam com voz impiedosa e decidida mão  
das cercanias do seu chão governado.  
dizem que enganam os incautos campónios  
em negócios sempre escuros de animais,  
em que fazem passar por uma estampa  
o mais escalavrado e cego dos cavalos.  
dizem que na vila, ao desfazer das feiras,  
têm por costume, depois de embriagados,  
trocar com as bengalas possantes e vistosas  
pancadaria rija, de que morrem.  
dizem que vivem estranhos dramas passionais.  
dizem que não têm deus e que se casam  
lançando ao ar jubilosos chapéus.  
dizem tudo isso dos ciganos. eu não sei.  
vejo-os vir dos lados de grijó  
e estão todos de frente para mim  
e parecem-me gente – nada mais.

----------------------------------------

as luzes eléctricas, pode ser que as luzes eléctricas  
impeçam o outono de cair e a ave  
de à janela surgir  
na sua gabardina cinzenta.  
a mandíbula aperta um verbo  
e ave alguma surge  
e coisa alguma acontece: é o outono  
das folhas que caem, só –  
nem um verbo cai assim.  
só soldado  
e um sino entortado, toldado  
badalamento frio,  
pode ser que as luzes eléctricas  
e os paralelepípedos por exemplo,  
pode ser que impeçam  
a irregularidade no pavimento ou as horas  
de se chocarem umas contra as outras  
e as conchas dos guarda-chuvas  
que toldam a cidade  
pode ser que desenhem o teu nome  
como num musical  
pode ser que as lojas fiquem  
e as lajes vão,  
pode ser que não seja assim  
dessa forma tão iníqua  
que a chuva insista.

----------------------------------------

o destino das roupas  
no cesto da roupa suja  
de qualquer quarto do mundo  
uma mãe saberia reconhecê-las.  
suportaram as investidas do tempo,  
as agressões do lixo,  
os estragos do primeiro amor  
os rasgos da primeira contenda,  
as nódoas da fruta,  
os espinhos da rosa,  
a rosa do amor,  
o vómito amargo de sábado à noite,  
o sangue do amigo no carro desfeito.

----------------------------------------

linha de rumo  
quem não me deu amor, não me deu nada.  
encontro-me parado. . .  
olho em redor e vejo inacabado  
o meu mundo melhor.  
tanto tempo perdido . . .  
com que saudade o lembro e o bendigo:  
campos de flores  
e silvas . . .  
fonte da vida fui. medito. ordeno.  
penso o futuro a haver.  
e sigo deslumbrado o pensamento  
que se descobre.  
quem não me deu amor, não me deu nada.  
desterrado,  
desterrado prossigo.  
e sonho-me sem pátria e sem amigos,  
adrede.

----------------------------------------

como se faz o poema  
para falarmos do meio de obter o poema,  
a retórica não serve. trata-se de uma coisa simples, que não  
precisa de requintes nem de fórmulas. apanha-se  
uma flor, por exemplo, mas que não seja dessas flores que crescem  
no meio do campo, nem das que se vendem nas lojas  
ou nos mercados. é uma flor de sílabas, em que as  
pétalas são as vogais, e o caule uma consoante. põe-se  
no jarro da estrofe, e deixa-se estar. para que não morra,  
basta um pedaço de primavera na água, que se vai  
buscar à imaginação, quando está um dia de chuva,  
ou se faz entrar pela janela, quando o ar fresco  
da manhã enche o quarto de azul. então,  
a flor confunde-se com o poema, mas ainda não é  
o poema. para que ele nasça, a flor precisa  
de encontrar cores mais naturais do que essas  
que a natureza lhe deu. podem ser as cores do teu  
rosto – a sua brancura, quando o sol vem ter contigo,  
ou o fundo dos teus olhos em que todas as cores  
da vida se confundem, com o brilho da vida. depois,  
deito essas cores sobre a corola, e vejo-as descerem  
para as folhas, como a seiva que corre pelos  
veios invisíveis da alma. posso, então, colher a flor,  
e o que tenho na mão é este poema que  
me deste.

----------------------------------------

heiliger tod  
não é uma fotografia artística.  
se fosse, não falaria dela.  
estou ao lado do meu avô,  
pareço feliz e ele também,  
encostados a sorrir debaixo  
de uma buganvília. a alegria  
dele é simples, muito de avô sentado  
com chapéu de feltro antigo.  
a minha, por sua vez, segura  
na mão a caixa de soldados nazis  
que matavam ou morriam,  
obedecendo a uma inocente decisão.  
ainda existirão soldadinhos?  
agora, com a idade que  
tenho na mesma fotografia,  
pegam numa arma e matam  
porque sim, dispensando intermediários,  
simulacros, lúdicas insinuações.  
terão talvez maior razão, não sei.  
têm, seguramente, uma eficácia maior:  
matam em vez de quererem matar.  
e é belo, sempre o soubemos,  
este paiol de esterco chamado humanidade.  
ninguém, da fotografia, sobreviveu.

----------------------------------------

amigos perdidos  
os amigos levados pela vida  
são os mais difíceis de aplacar, os mais  
tiranos. bárbaros de um país desconhecido,  
bebem à taça os venenos do silêncio e crescem  
desmedidamente na distância, desentendidos  
da nossa solidão. e pensar que já fomos  
irmãos de armas, que desenterrámos tesouros  
nas mesmas ilhas, nos livros  
mais inóspitos. como são as coisas.  
terá sido tudo em vão? dir-se-ia  
que estávamos predestinados às mesmas  
canções, a uma espécie mais certa de amor.  
pois sim. nem sequer compreendemos  
o que nos aconteceu.

----------------------------------------

vem para ficar  
acontece quando mais o esperamos:  
um punho bate à porta,  
não se trata do carteiro  
nem da juventude. diz-se  
da família. vem para ficar.  
começa por brincar às escondidas  
com os nossos pensamentos.  
acorda-nos de noite, diverte-se  
a romper as sapatilhas,  
deixa frascos de formol  
sobre a mesa da cozinha.  
primeiro, não sabendo o que fazer,  
tentamos distrair a sua fome,  
mostramos-lhe o relógio,  
passamos-lhe a carteira para as mãos,  
os botões da gabardine, os anéis.  
por último, os dedos.  
neste passo, depressa nos convence  
a tratá-lo por senhor, a ceder-lhe num sorriso  
a cadeira do avô, o telefone  
dos amigos, a vista da janela.  
de cabeça descoberta  
servimos o jantar.  
com o tempo percebemos:  
quer vestir-nos do avesso,  
forrar de vento norte  
a gola dos casacos, levar-nos a dizer:  
“há nas folhas do outono vivo lume,  
que faço eu em minha casa?”

----------------------------------------

a manhã  
é assim a manhã, um nome  
para o mundo, abrir os olhos como  
alguém que fala  
podem o tempo ou a  
morte diurna  
dar aos olhos abertos o nada das palavras  
o sol será então  
o silêncio no olhar ou a mão  
sobre a testa  
que faz descer as pálpebras  
como se os dedos dessem à cabeça a verdade  
submersa nesse nada  
e a manhã viesse  
não como sombra vasta vestir a voz  
do corpo  
mas cobri-la da  
luz  
das palavras que faltam

----------------------------------------

ladrões de bicicletas - vittorio de sica (1948)  
mil quilómetros por dia pedalava meu pai, desde  
a cama junto ao douro até à próspera cerâmica  
de valadares. se qualquer homem recebe,  
à nascença, uns sessenta inimigos por hora,  
imaginem a jornada de um operário ciclista.  
tudo são despesas para ele: o rosário de geada  
nas giestas, o jornal atropelado pelo vento, o verdor  
da primavera, a poalha do suor em cada mão.  
meu pai, é claro, não se queixa, ganha um conto  
de réis, tem uma casa portuguesa e grandes sonhos  
de amanhãs a gasolina. pelo menos não trabalho  
em nenhum matadouro, pensa ele, e com razão,  
erguido nos pedais do seu veículo de sombra,  
solitário trepador pela encosta de avintes. não  
trabalha em nenhum matadouro. e nesse reconforto  
passa à quinta dos frades, alcança o freixieiro,  
sente já o rumor de fumacentos camiões na nacional,  
onde tudo, depois, será muito mais plano.

----------------------------------------

fado menor  
habituou-se a caminhar  
sob os plátanos, diluindo  
ressacas e lembranças imperfeitas.  
pouco teriam em comum.  
foi num bar, o primeiro  
encontro, em lados diferentes  
mas não opostos do balcão.  
ela vestia o mais ardente  
vermelho que já vira,  
sob um cinzento agreste que  
o frio de janeiro quase desculpou.  
não dormiram logo juntos.  
mas ficou a dever-lhe um rasto  
de esperma feliz, na cama  
em que morria só. ao seu lado,  
berkeley, wittgenstein, espinosa,  
páginas de um curso que não queria  
e que nem ao menos lhe sujava as noites.  
semanas depois, passeavam de mãos  
dadas pelo jardim ou pelas ruas  
mais próximas do bar.  
até ao dia em que deixou de vê-la.  
coração em brasa, cinza por todo o lado  
– um vermelho assim não tem regresso.

----------------------------------------

para agradar a uma sombra  
agora que já chorei o meu papel de solitário  
posso virar a folha e declarar que, na verdade,  
eu nunca estive sozinho. tive sempre a boa companhia  
da minha sombra. e não posso dizer  
que nos déssemos mal: uns dias pior, outros pior.  
como todos os casais. tínhamos (e temos)  
a mesma idade, os mesmos gostos musicais,  
um amor paralelo por fogo de lenha,  
líamos os livros a meias, quase não gastávamos  
nenhum oxigénio.  
dos dois era ela quem insistia, às vezes,  
para irmos dançar. mas eu, é claro, detestava  
o tremedal das discotecas; amava mais depressa  
o movimento descritivo dos romances  
do que a luz hipotecada de um corpo distante.  
com o tempo, no entanto, foi crescendo esse litígio.  
as nossas relações foram perdendo vulto  
à medida que ela convidava mais gente  
para a nossa cama. até que um dia chegou a casa  
e apresentou-me “o amor da nossa vida; agora  
somos três”. e assim a minha sombra,  
a minha ingrata começou a dizer coisas lacerantes.  
por exemplo: “vai tu ao cinema. nós ficamos.”  
ou então: “bem podemos, de vez em quando,  
caminhar separados, ou não achas?” e fecha-se  
no quarto com a outra, em colóquios ofegantes.  
altura em que, de raiva, saio porta fora.  
uma vida a três é talvez menos longa do que uma vida  
a dois. há um milímetro agora de distância entre mim  
e a sombra. o espaço bastante para um raio de luz.  
não ficámos, realmente, pior do que estávamos.  
mas chega a ser enjoativo ver o trevo cor-de-rosa  
que semeiam no quintal, felizes como duas estrelinhas  
de cinema. nem sei o que diga. parecem crianças.

----------------------------------------

muro  
a transparência espessa  
do ar que devagar  
se formou tão depressa  
em frente do olhar  
é a de um muro fluido  
que não deixa passar  
o impuro murmúrio  
da voz sem luz nem ar

----------------------------------------

this way out  
mas há uma saída? imagina  
na insónia as florestas que crescem  
a essas horas noutras regiões, os comboios  
que as atravessam para alcançar um destino  
no futuro dos outros.  
há uma saída? imagina  
a noite cheia de cidades violentas,  
o retumbar das máquinas nos subterrâneos  
e a chuva a cair no plástico negro  
dos morangais, todo o sofrimento  
e incerteza do mundo.  
e de manhã, repara, está bonito  
o tempo. os amigos acordam no quarto ao lado,  
descem à cozinha para fazer o café.  
mas há uma saída?

----------------------------------------

o rapaz de cabelo verde - joseph losey (1948)  
o rapaz de cabelo verde era eu, em finais de setenta,  
a fugir por entre silvas e valados, quando a turba  
dos chacais acometia as minhas pernas de pardal,  
e só de bicicleta me tirava eu de apuros, pois  
as pedras, os apupos, as polés insistiam em mostrar-me  
elementos capitais de filosofia política.  
pedalava sobre lágrimas, de volta para os braços  
do meu sangue, trepava para o muro do quintal  
e de lá esconjurava os assassinos: filhos de uma puta!  
anos depois — que alegria já não ser o mais  
cobarde, ser a mão que traz o pau, a bofetada;  
e rir entre os iguais, no renque dos ungidos:  
o primeiro cigarro, o exame dos colhões — que sorte  
ver as lágrimas cair e não serem as minhas.

----------------------------------------

café schiller  
foi tudo em vão, novamente.  
estava a muitos quilómetros de amsterdão,  
se é que me percebes, embora gostasse  
das riscas negras dos sofás, do metal  
antigo dos candeeiros, do andar  
tão firme de quem servia as bebidas.  
esta mulher vai entrar hoje  
no meu passado. não sei como se chama,  
nem me interessa sabê-lo. sorriu-me,  
ou julguei que me sorriu, enquanto eu pagava  
dois descafeinados, uma água com gás  
e um jameson que sabia mal, a desamor.  
vou pedir-lhe de troco o esquecimento,  
a curta memória da blusa que lhe comprimia  
o peito e dava às costas  
um jeito irrepetível de prelúdio.  
eu, que vou morrer, desejei-te.

----------------------------------------

vista para um pátio/dez  
a infância gosta de filmes de época.  
sobe a trote a escadaria do cinema, alado o coração,  
ao encontro dos melhores espadachins,  
da colérica beleza dos heróis.  
o acerto da justiça, os tiros ideais,  
comunicam-lhe a certeza de que o mal  
está cercado no desfiladeiro:  
só lhe restam duas balas – vai perder.  
a pouca luz da sala determina a ilusão.  
desfeita com os risos que o cercam  
à saída, quando a massa dos colegas delibera:  
tu és o vilão, ficas na baliza.

----------------------------------------

na feira do livro - ii  
– “tem livros sobre o prazer?”  
sussurra o desarmado  
pistoleiro do amor.  
um deslize do genoma  
soterrou-lhe o coração.  
os dentes em balanço,  
os olhos de través,  
a estopa do cabelo;  
sua vida é refutada  
pelo cânone festivo  
do grego to kallon.  
não tem lugar no mundo  
dos heróis, aprendeu a soletrar  
na escola do revés  
e não há quem lhe perdoe  
o sofrimento, quando pulsa  
na pergunta  
entre todas indecente.

----------------------------------------

ecce homo  
nunca amanhecera assim, num inimaginável  
barracão perto da cidade gótica.  
a sua casa.  
conhecia-o do fandango,  
e sabia apenas que uma tristeza sem lágrimas  
lhe iluminava as tardes e as noites.  
dessa vez foi diferente. eu acabara de partir  
um copo no único pub ainda aberto  
(a memória já não me devolve o nome).  
ele veio sentar-se ao meu lado, bêbedo  
contra bêbedo, unidos pelo quase esplendor  
da queda. convidou-me a segui-lo e eu,  
não sei bem porquê, acedi. acompanhei-o  
até às duas assoalhadas em que morava  
– sem vizinhos, numa barraca de alumínio  
e tabopan que fazia da palavra desespero  
um eufemismo inoportuno. o cão,  
pelo menos, gostou de nos ver chegar.  
depois chorou, a troco de nada. queria apenas  
um ombro concreto onde pousar a cabeça  
que a mulher e as filhas já nem por engano  
beijavam. não precisava de gestos ou palavras,  
bastava-lhe ser ouvido, partilhar o impartilhável  
a que talvez chamasse (não me lembro bem) a dor.  
adormeceu assim, no meu ombro – e eu estava  
capaz de matar (mas não a ele) por uma cerveja,  
pelo gin que horas antes encontrara demasiado  
cedo o chão. ao amanhecer, abanei-o levemente,  
disse-lhe que tinha mesmo de ir. beijou-me  
a mão, agradeceu com um sorriso estragado  
aquele nada de nada entre dois homens  
que nunca mais se voltarão a ver. cá fora,  
uma luz amordaçada desaconselhava qualquer  
tentação lírica, vinha morrer nas couves,  
nos dejectos vários que lhe tornavam menos só a solidão.  
não reconheci a cidade: pálida, desinteressante, reles.  
tremia de sono e frio ao entrar no primeiro  
autocarro e quase acreditei – por algumas horas –  
que existia, afinal, alguém ainda mais triste do que eu.

----------------------------------------

becherovka  
norueguesa, alta, de um moreno  
duvidoso que sorria muito.  
pedia-me insistentemente para não estar  
triste como deveras estava.  
e pagou-me, creio, o último copo,  
antes de me perguntar “o que fazia”.  
escrever, sobre a morte, não é  
exactamente uma profissão.  
mas foi a resposta que lhe dei,  
enquanto um guardanapo qualquer  
abreviava, só para ela, a minha “obra”.  
nunca saberei se percebeu a letra,  
se comprou os livros, se chegou  
a ouvir o que em péssimo francês  
lhe tentei dizer nessa noite, a mais perdida.  
os versos são quase sempre isto: um modo  
inaceitável de dizer que não tocámos o corpo  
que esteve, por uma vez, tão próximo  
de nós – e que nem um nome breve nos deixou.

----------------------------------------

chuva de pedras - ken loach (1993)  
os desempregados, por definição, não têm  
cara. deve ser embaraçoso não ter cara. daí  
talvez o motivo por que se escondem de nós.  
escondem-se nas ruas, nos bancos de jardim,  
nas paragens de autocarro, escondem-se  
no pão, no teu porta-moedas, nos poemas  
mal escritos ou nos filmes realistas ingleses.  
onde sabem que ninguém os irá importunar.

----------------------------------------

cidade dos desaparecidos  
muitas vezes não amei lisboa,  
não soube amá-la ao anoitecer  
dos dias úteis, quando era gasta,  
parada e suja, e nos autocarros  
quase vazios viajava de luz acesa  
a entranhada tristeza do mundo  
que foi a minha primeira e mais  
precoce intuição. grande cidade  
dos desaparecidos, eu não tive  
tantas vezes a saúde de gostar  
dos teus pequenos jardins  
abandonados. quando nos cafés  
já iam desligando as máquinas  
e do outro lado da linha ninguém  
voltava jamais a responder  
como eu queria, quantas vezes  
não pude achar o sítio e o sossego  
para esquecer e dormir? mesmo assim,  
eu não te fiz justiça, lisboa, quando  
me queixei de ti: eu não era exemplo,  
eu sempre estranhei um pouco a cama  
da vida.

----------------------------------------

o corvo de hyde park (1989)  
com o bico levanta as folhas de setembro  
nos intervalos ouve a música dos pássaros  
e volta a caminhar sobre a relva manchada  
pára de novo escuta e voa baixo  
sobre o tapete verde e castanho do tempo

----------------------------------------

a minha musa  
é mais casta do que eu  
e só bebe água mineral.  
furtiva, insolente, caprichosa,  
às vezes desaparece-me de casa  
durante meses. apetece-me  
bater-lhe. mas talvez a culpa  
seja minha. passo tanto tempo  
a coçar a cabeça ou no terraço  
a ver passar os aviões.  
é natural que se farte de mim,  
raramente estou em casa  
quando chega, prefiro dormir  
a ver televisão com ela  
sentada nos meus joelhos.  
amiúde me pergunto  
se compensam os tormentos  
a que me força.  
meteu na cabeça fazer  
de mim poeta, quando  
o que eu gostaria era de ser  
aviador. (mas tenho medo  
das alturas, e ela sabe-o.  
aproveita-se da minha debilidade.)  
obriga-me a ficar de olhos abertos  
durante o sono, a estudar os  
caninos que a vida me mostra,  
o manual dos elementos, a história  
calamitosa dos meus erros.  
é preciso ter estômago  
para tanta solidão. não admira  
que muitas vezes a traia  
com a helena, com o bourbon  
dos amigos, com o voo violeta  
do jacarandá no largo do viriato.  
mas não adianta, não sente ciúmes,  
ela própria me empurra  
para os braços do mundo.  
é tão exigente, tão snob, tão  
tinhosa. por ela, não havia  
domingos nem feriados,  
não havia verão. era sempre  
toda a vida um quarto escuro  
com filmes de série b e  
uma banda sonora de tiros, soluços,  
gargalhadas de teatro anatómico.  
marca-me duelos – é louca! –  
com temíveis espadachins,  
à vista dos quais a minha alma  
treme dos pés à cabeça. diz que  
me faz bem sangrar um bocado,  
que é minha amiga, talvez.  
fria, severa, calculadora,  
tenta o que pode para contrariar  
a minha natureza ruidosa,  
paciente, sentimental.  
diz que é uma porcaria  
escrever com lágrimas, recita  
mallarmé, levanta-se de noite  
para me rasgar os poemas.  
não é fácil aturá-la.  
só para me irritar, muda  
o nome de todas as coisas:  
se vê um massacre chama-lhe  
acre de terra lavrada,  
vê um mendigo chama-lhe  
trigo, vê uma porta  
e chama-lhe susto.  
às vezes pergunto-me  
se não será parva.  
a verdade é que não sou feliz  
com ela, apenas um pouco  
mais solitário.  
mas sem ela – vejam que  
tristeza, que abandono, que.

----------------------------------------

pompe inutili  
ninguém nasce; seria descabido  
chamar alguém aos resíduos  
de placenta que envolvem  
um conjunto de órgãos  
a tudo ou quase tudo predispostos.  
só os mortos, verdadeiramente,  
existem. escreveram ou não  
escreveram livros, cartas de amor,  
diários. não importa: cruzaram-se  
connosco, sentaram-se por vezes  
à mesma mesa, acreditaram até  
no terno suplício do amor.  
e tinham mãos reais, ao tocarem  
o rosto imberbe de que se despediam.  
um beijo, sobre rugas apenas,  
conseguia tornar menos frias as manhãs.  
despedem-se muito mal, os mortos.  
embora, por uma vez, sejam  
exactos e sinceros – no momento  
em que descem à terra e nos impedem  
de partilhar com eles um cigarro,  
o último copo, uma espécie de destino.  
são terrivelmente reais, os mortos.  
a vida inteira não chega  
para que possamos matá-los a todos,  
um a um, como decerto aconselharia  
a mais elementar higiene metafísica.  
dão-nos, contudo, a força necessária  
para morrer cada vez mais, tolerando  
dias de aluguer, casas ligeiramente  
inabitáveis. porque os outros, na  
verdade, não passam de mortos imperfeitos.  
estão, como nós, um pouco demasiado vivos.  
talvez um dia, porém, venham a  
assinar um poema assim (e pode até não ser  
um poema, muito menos assim), em que se note,  
além das influências óbvias, uma certa  
– digamos – especialização no horror.  
pois é disso apenas que se trata.  
os mortos sabem-no.  
a sabedoria é inútil.  
a poesia também.

----------------------------------------

a nossa vez  
é o frio que nos tolhe ao domingo  
no inverno, quando mais rareia  
a esperança. são certas fixações  
da consciência, coisas que andam  
pela casa à procura de um lugar  
e entram clandestinas no poema.  
são os envelopes da companhia  
da água, a faca suja de manteiga  
na toalha, esse trilho que deixamos  
atrás de nós e se decifra sem esforço  
nem proveito. é a espera  
e a demora. são as ruas sossegadas  
à hora do telejornal e os talheres  
da vizinhança a retinir. é a deriva  
nocturna da memória: é o medo  
de termos perdido sem querer  
a nossa vez.

----------------------------------------

pedaços de vinil com lama  
devia ser o disco mais ouvido:  
a quinta sinfonia, numa gravação  
de klemperer. as manhãs  
e as tardes auguravam um futuro  
melhor, prendados costumes  
que depressa perdi. já então olhava  
para a taberna da ana,  
enchendo a janela do meu quarto.  
tinha medo da sombra, do silêncio,  
adivinhando em cada passo o monstro  
que me habitava. e lia, para não pensar,  
desacreditados escritores franceses.  
um dia, de tanto o amar,  
peguei no disco e quebrei-o  
em pequenos pedaços de vinil  
– para doerem mais, melhor.  
mantive, não sei bem porquê,  
a dura capa de cartão,  
essa fúnebre alegoria da infância.  
e o que sobrou do disco foi parar  
ao ribeiro junto à casa dos meus pais.  
mais tarde, o ribeiro com hortas  
de domingo à volta foi sufocado pelo terror  
de um aldeamento, versão provinciana  
de condomínio fechado, num mundo  
em que são cada vez mais as portas.  
beethoven, esse, quase deixou  
de me comover, soterrado como as rãs  
pelas mãos invisíveis de quem mata.  
o que me comove, passado tanto  
tempo, é perceber que fiz a esse disco  
o mesmo que faço e volto a fazer  
aos corpos que julgo amar:  
parti-los, muito devagar, para  
que doam sempre um pouco mais.

----------------------------------------

all stripped down  
cavalheiro idoso, calvo e sem jeito  
para foder procura quem o ature  
e acredite (às vezes) na ressurreição.  
nunca leu livros, cospe grosso  
e ronca. assunto sério: morrer com alguém.

----------------------------------------

como quando do mar tempestuoso  
o marinheiro, lasso e trabalhado,  
d’um naufrágio cruel já salvo a nado,  
só ouvir falar nele o faz medroso;  
e jura que em que veja bonançoso  
o violento mar, e sossegado  
não entre nele mais, mas vai, forçado  
pelo muito interesse cobiçoso;  
assi, senhora, eu, que da tormenta  
de vossa vista fujo, por salvar-me,  
jurando de não mais em outra ver-me;  
minh’alma que de vós nunca se ausenta,  
dá-me por preço ver-vos, faz tornar-me  
donde fugi tão perto de perder-me.

----------------------------------------

sempre, cruel senhora, receei,  
medindo vossa grã desconfiança,  
que desse em desamor vossa tardança,  
e que me perdesse eu, pois vos amei.  
perca-se, enfim, já tudo o que esperei,  
pois noutro amor já tendes esperança.  
tão patente será vossa mudança,  
quanto eu encobri sempre o que vos dei.  
dei-vos a alma, a vida e o sentido;  
de tudo o que em mim há vos fiz senhora.  
prometeis e negais o mesmo amor.  
agora tal estou que, de perdido,  
não sei por onde vou, mas algũ’hora  
vos dará tal lembrança grande dor.

----------------------------------------

alma minha gentil, que te partiste  
tão cedo desta vida descontente,  
repousa lá no céu eternamente,  
e viva eu cá na terra sempre triste.  
se lá no assento etéreo, onde subiste,  
memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste.  
e se vires que pode merecer-te  
algũa cousa a dor que me ficou  
da mágoa, sem remédio, de perder-te,  
roga a deus, que teus anos encurtou,  
que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
quão cedo de meus olhos te levou.

----------------------------------------

sete anos de pastor jacob servia  
labão, pai de raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela,  
e a ela só por prémio pretendia.  
os dias, na esperança de um só dia,  
passava, contentando-se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela  
em lugar de raquel lhe dava lia.  
vendo o triste pastor que com enganos  
lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se a não tivera merecida;  
começa de servir outros sete anos,  
dizendo: — mais servira, se não fora  
para tão longo amor tão curta a vida.

----------------------------------------

transforma-se o amador na cousa amada,  
por virtude do muito imaginar;  
não tenho, logo, mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada.  
se nela está minh’alma transformada,  
que mais deseja o corpo de alcançar?  
em si sòmente pode descansar,  
pois consigo tal alma está liada.  
mas esta linda e pura semideia,  
que, como um acidente em seu sujeito,  
assi co a alma minha se conforma,  
está no pensamento como ideia:  
o vivo e puro amor de que sou feito,  
como a matéria simples busca a forma.

----------------------------------------

erros meus, má fortuna, amor ardente  
em minha perdição se conjuraram;  
os erros e a fortuna sobejaram,  
que para mim bastava o amor somente.  
tudo passei; mas tenho tão presente  
a grande dor das cousas que passaram,  
que as magoadas iras me ensinaram  
a não querer já nunca ser contente.  
errei todo o discurso de meus anos;  
dei causa [a] que a fortuna castigasse  
as minhas mal fundadas esperanças.  
de amor não vi senão breves enganos.  
oh! quem tanto pudesse que fartasse  
este meu duro génio de vinganças!

----------------------------------------

menos para ti  
o que se diz do inverno pode dizer-se da juventude  
é uma estação abstracta  
numa hora qualquer acabamos com frio  
o desprovido transporte que por vezes  
demasiadas vezes é o daquela verdade  
mas o jogo de alguma coisa  
está mais longe ou mais perto  
nem tu sabes por quantos anos ainda  
voltarás aos bosques  
aos detalhes que ignoravas  
ao que resta do primeiro amor  
a que todos pensam ter sobrevivido

----------------------------------------

sobre o desconcerto do mundo (excerpt)  
quem tão baixa tivesse a fantasia  
que nunca em mores cousas a metesse  
que em só levar seu gado à fonte fria  
e mungir-lhe o leite que bebesse!  
quão bem-aventurado que seria!  
que, por mais que fortuna revolvesse,  
nunca em si sentiria maior pena  
que pesar-lhe da vida ser pequena.  
veria erguer do sol a roxa face,  
veria correr sempre a clara fonte,  
sem imaginar a água donde nace,  
nem quem a luz esconde no horizonte.  
tangendo a frauta donde o gado pace,  
conheceria as ervas do alto monte;  
em deus creria, simples e quieto,  
sem mais especular nenhum secreto.  
de um certo trasilau se lê e escreve,  
entre as cousas da velha antiguidade,  
que perdido um grão tempo o siso teve  
por causa dũa grande infirmidade;  
e enquanto, de si fora, doudo esteve,  
tinha por teima e cria por verdade,  
que eram suas as naus que navegavam,  
quantas no porto píreo ancoravam.  
por um senhor mui grande se teria  
(além da vida alegre que passava),  
pois nas que se perdiam não perdia,  
e das que vinham salvas se alegrava.  
não tardou muito tempo quando, um dia,  
um crito, seu irmão, que ausente estava,  
à terra chega; e vendo o irmão perdido,  
do fraternal amor foi comovido.  
aos médicos o entrega, e com aviso  
o faz estar à cura refusada.  
triste, que por tornar-lhe o caro siso  
lhe tira a doce vida descansada!  
as ervas apolíneas, de improviso,  
o tornam à saúde atrás passada.  
sesudo, trasilau ao caro irmão  
agradece a vontade, a obra não.  
porque, despois de ver-se no perigo  
dos trabalhos que o siso lhe obrigava,  
e despois de não ver o estado antigo  
que a vã opinião lhe apresentava,  
—ó inimigo irmão, com cor d’amigo!  
para que me tiraste (suspirava)  
da mais quieta vida e livre em tudo  
que nunca pôde ter nenhum sesudo?  
por que rei, por que duque me trocara?  
por que senhor de grande fortaleza?  
que me dava que o mundo se acabara,  
ou que a ordem mudasse a natureza?  
agora é-me pesada a vida cara;  
sei que cousa é trabalho e que tristeza.  
torna-me a meu estado, que eu te aviso  
que na doudice só consiste o siso.

----------------------------------------

chopin: um inventário  
quase sessenta mazurcas; cerca de trinta estudos;  
duas dúzias de prelúdios; uma vintena de nocturnos;  
umas quinze valsas; mais de uma dúzia de “polonaises”;  
“scherzos”, improvisos, e baladas, quatro de cada;  
três sonatas para piano; e dois concertos para piano e orquestra,  
uma “berceuse”, uma barcarola, uma fantasia, uma tarantela, etc.,  
além de umas dezassete canções para canto e piano; uma tuberculose mortal;  
um talento de concertista; muitos sucessos mundanos; uma paixão infeliz;  
uma ligação célebre com mulher ilustre; outras ligações sortidas;  
uma pátria sem fronteiras seguras nem independência concreta;  
a europa francesa do romantismo; várias amizades com homens eminentes;  
e apenas trinta e nove anos de vida. outros viveram menos, escreveram mais,  
comeram mais amargo o classicamente amargo pão do exílio, foram ignorados  
ou combatidos, morreram abandonados, não se passearam nas alcovas  
ou nos salões da glória, confinaram-se menos ao instrumento que melhor dominavam,  
e mesmo foram mais apátridas sofrendo de uma pátria que não haja.  
além disso, quase todos escaparam mais à possibilidade repelente  
de ser melodia das virgens, ritmo dos castrados,  
requebro de meia-tijela, nostalgia dos analfabetos,  
e outras coisas medíocres e mesquinhas da vulgaridade, como ele não. ou de ser  
prato de não-resistência para os concertistas que tocam para as pessoas que julgam  
que gostam de música mas não gostam. ainda por cima  
era um arrivista, um pedante convencido da aristocracia que não tinha,  
um reaccionário ansiando por revoluções que libertassem as oligarquias  
da polónia, coitadinhas, e outras. e, para cúmulo,  
a gente começa a desconfiar de que não era sequer um romântico,  
pelo menos da maneira que ele fingiu ser e deixou entender que era.  
uma arte de compor a música como quem escreve um poema,  
a força que se disfarça em languidez, um ar de inspiração  
ocultando a estrutura, uma melancolia harmónica por sobre  
a ironia melódica (ou o contrário), a magia dos ritmos  
usada para esconder o pensamento – e escondê-lo tanto,  
que ainda passa por burro de génio este homem que tinha o pensamento nos dedos,  
e cuja audácia usava a máscara do sentimento ou das formas livres  
para criar-se a si mesmo. tão hábil na sua cozinha, que pode servir-se  
morno, às horas da saudade e da amargura,  
quente, nas grandes ocasiões da vida triunfal,  
e frio, quando só a música dirá o desespero vácuo  
de ser-se piano e nada mais no mundo.

----------------------------------------

busque amor novas artes, novo engenho,  
para matar-me, e novas esquivanças;  
que não pode tirar-me as esperanças,  
que mal me tirará o que eu não tenho.  
olhai de que esperanças me mantenho!  
vede que perigosas seguranças!  
que não temo contrastes nem mudanças,  
andando em bravo mar, perdido o lenho.  
mas, conquanto não pode haver desgosto  
onde esperança falta, lá me esconde  
amor um mal, que mata e não se vê.  
que dias há que n’alma me tem posto.  
um não sei quê, que nasce não sei onde,  
vem não sei como, e doi não sei porquê.

----------------------------------------

a presenca mais pura  
nada do mundo mais próximo  
mas aqueles a quem negamos a palavra  
o amor, certas enfermidades, a presença mais pura  
ouve o que diz a mulher vestida de sol  
quando caminha no cimo das árvores  
«a que distância da língua comum deixaste  
o teu coração?»  
a altura desesperada do azul  
no teu retrato de adolescente há centenas de anos  
a extinção dos lírios no jardim municipal  
o mar desta baía em ruínas ou se quiseres  
os sacos do supermercado que se expandem nas gavetas  
as conversas ainda surpreendentemente escolares  
soletradas em família  
a fadiga da corrida domingueira pela mata  
as senhas da lavandaria com um «não esquecer» fixado  
o terror que temos  
de certos encontros de acaso  
porque deixamos de saber dos outros  
coisas tão elementares  
o próprio nome  
ouve o que diz a mulher vestida de sol  
quando caminha no cimo das árvores  
«a que distância deixaste  
o coração?»

----------------------------------------

cara minha inimiga, em cuja mão  
pôs meus contentamentos a ventura,  
faltou-te a ti na terra sepultura,  
porque me falte a mim consolação.  
eternamente as águas lograrão  
a tua peregrina fermosura;  
mas, enquanto me a mim a vida dura,  
sempre viva em minh’alma te acharão.  
e se meus rudos versos podem tanto  
que possam prometer-te longa história  
daquele amor tão puro e verdadeiro,  
celebrada serás sempre em meu canto;  
porque enquanto no mundo houver memória,  
será minha escritura teu letreiro.

----------------------------------------

quem vê, senhora, claro e manifesto  
o lindo ser de vossos olhos belos,  
se não perder a vista só em vê-los,  
já não paga o que deve a vosso gesto.  
este me parecia preço honesto;  
mas eu, por de vantagem merecê-los,  
dei mais a vida e alma por querê-los,  
donde já me não fica mais de resto.  
assi que a vida e alma e esperança  
e tudo quanto tenho, tudo é vosso,  
e o proveito disso eu só o levo.  
porque é tamanha bem-aventurança  
o dar-vos quanto tenho e quanto posso  
que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

----------------------------------------

amor é um fogo que arde sem se ver,  
é ferida que doi, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.  
é um não querer mais que bem querer;  
é um andar solitário entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é um cuidar que ganha em se perder.  
é querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata, lealdade.  
mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo amor?

----------------------------------------

pois meus olhos não cansam de chorar  
tristezas, que não cansam de cansar-me;  
pois não abranda o fogo em que abrasar-me  
pôde quem eu jamais pude abrandar;  
não canse o cego amor de me guiar  
a parte donde não saiba tornar-me;  
nem deixe o mundo todo de escutar-me,  
enquanto me a voz fraca não deixar.  
e se nos montes, rios, ou em vales,  
piedade mora, ou dentro mora amor  
em feras, aves, prantas, pedras, águas,  
ouçam a longa história de meus males  
e curem sua dor com minha dor;  
que grandes mágoas podem curar mágoas.

----------------------------------------

calle principe 25  
perdemos repentinamente  
a profundidade dos campos  
os enigmas singulares  
a claridade que juramos  
conservar  
mas levamos anos  
a esquecer alguém  
que apenas nos olhou

----------------------------------------

sextina  
foge-me pouco a pouco a curta vida  
(se por caso é verdade que inda vivo);  
vai-se-me o breve tempo d’ante os olhos;  
choro pelo passado e quando falo,  
se me passam os dias passo e passo,  
vai-se-me, enfim, a idade e fica a pena.  
que maneira tão áspera de pena!  
que nunca ũa hora viu tão longa vida  
em que possa do mal mover-se um passo.  
que mais me monta ser morto que vivo?  
para que choro, enfim? para que falo,  
se lograr-me não pude de meus olhos?  
ó fermosos, gentis e claros olhos,  
cuja ausência me move a tanta pena  
quanta se não comprende enquanto falo!  
se, no fim de tão longa e curta vida,  
de vós m’inda inflamasse o raio vivo,  
por bem teria tudo quanto passo.  
mas bem sei, que primeiro o extremo passo  
me há-de vir a cerrar os tristes olhos  
que amor me mostre aqueles por que vivo.  
testemunhas serão a tinta e pena,  
que escreveram de tão molesta vida  
o menos que passei, e o mais que falo.  
oh! que não sei que escrevo, nem que falo!  
que se de um pensamento n’outro passo,  
vejo tão triste género de vida  
que, se lhe não valerem tantos olhos,  
não posso imaginar qual seja a pena  
que traslade esta pena com que vivo.  
n’alma tenho contino um fogo vivo,  
que, se não respirasse no que falo,  
estaria já feita cinza a pena;  
mas, sobre a maior dor que sofro e passo,  
me temperam as lágrimas dos olhos  
com que fugindo, não se acaba a vida.  
morrendo estou na vida,  
e em morte vivo;  
vejo sem olhos,  
e sem língua falo;  
e juntamente passo  
glória e pena.

----------------------------------------

oh! como se me alonga, de ano em ano,  
a peregrinação cansada minha!  
como se encurta, e como ao fim caminha  
este meu breve e vão discurso humano!  
vai-se gastando a idade e cresce o dano;  
perde-se-me um remédio, que inda tinha;  
se por experiência se adivinha,  
qualquer grande esperança é grande engano.  
corro após este bem que não se alcança;  
no meio do caminho me falece,  
mil vezes caio, e perco a confiança.  
quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,  
se os olhos ergo a ver se inda parece,  
da vista se me perde e da esperança.

----------------------------------------

fresias  
frésias são flores com cheiro a chá  
e ela, aos trinta e sete anos, preferia-as  
às flores que se vendem por aí  
admitia a beleza mas não o esplendor  
porque são tristes as repetições  
num instante se tornam saberes  
e ela, aos trinta e sete anos,  
prezava apenas os segredos que mesmo ditos  
permanecem como segredos  
(em certas épocas, por alguma porta esquecida  
escapava-se sonâmbula, para o pátio  
que dá acesso à mata  
e, por vezes, iam buscá-la  
gritando o seu nome ou com a ajuda dos cães  
já muito longe de casa  
tinha por hábito acender fogueiras  
de que, depois, se esquecia  
e por isso também os aldeões  
a temiam)  
nunca compreendeu a natureza da vida doméstica  
intensa e aflita criança  
incapaz de certezas  
o que de mais belo soube  
sempre o disse, de repente,  
a alguém que não conhecia

----------------------------------------

ensaiao  
que dizem os exploradores,  
os viajantes, os peregrinos que há muito julgávamos perdidos,  
os berberes, os transumantes,  
os foragidos  
a quantos, como nós, tomam lei da letra e do testamento  
não da necessidade desconhecida  
que de instante a instante  
se revela  
além, onde eles habitam, há uma língua fantasma  
que recolhe aquilo que nenhuma língua  
é capaz de dizer:  
os fotões gerados pelo embate dos astros  
o modo como se move por entre a ortografia o antílope  
o amarelo que ressurge nas escarpas  
após os nevões

----------------------------------------

enquanto febo os montes acendia  
do céu com luminosa claridade,  
por evitar do ócio a castidade  
na caça o tempo délia dispendia.  
vénus, que então de furto descendia,  
por cativar de anquises a vontade,  
vendo diana em tanta honestidade,  
quási zombando dela, lhe dizia:  
— tu vás com tuas redes na espessura  
os fugitivos cervos enredando,  
mas as minhas enredam o sentido.  
— milhor é (respondia a deusa pura)  
nas redes leves ceros ir tomando  
que tomar-te a ti nelas teu marido.

----------------------------------------

restaurante polaco  
a noite é sustentada pelos seus enfeites  
como um homem morto ligado às máquinas.  
os clientes folheiam livros, tudo polacos  
do mesmo quarteirão. percebemos  
de repente: há qualquer coisa acima das palavras  
que não se deixa decifrar. em cidades estranhas  
dispomos melhor dos sentidos, somos arriscados  
nas nossas intuições. e depois da sopa, do chá  
morno, ao sair para a rua, podemos descobrir  
que ainda estamos vivos e que no fim de contas  
nunca conhecemos outra condição. esta é a hora  
que nos representa. e aquilo a que chamamos realidade  
segue connosco na mesma direcção.

----------------------------------------

no mundo poucos anos, e cansados,  
vivi, cheios de vil miséria dura;  
foi-me tão cedo a luz do dia escura,  
que não vi cinco lustros acabados.  
corri terras e mares apartados,  
buscando à vida algum remédio ou cura;  
mas aquilo que, enfim, não quer ventura,  
não o alcançam trabalhos arriscados.  
criou-me portugal na verde e cara  
pátria minha alenquer; mas ar corruto  
que neste meu terreno vaso tinha,  
me fez manjar de peixes em ti, bruto  
mar, que bates na abássia fera e avara,  
tão longe da ditosa pátria minha!

----------------------------------------

num jardim adornado de verdura  
a que esmaltam por cima várias flores,  
entrou um dia a deusa dos amores,  
com a deusa da caça e da espessura.  
diana tomou logo ũa rosa pura,  
vénus um roxo lírio, dos milhores;  
mas excediam muito às outras flores  
as violas, na graça e fermosura.  
perguntam a cupido, que ali estava,  
qual daquelas três flores tomaria,  
por mais suave, pura e mais fermosa?  
sorrindose, o minino lhe tornava:  
todas fermosas são, mas eu queria  
viol’antes que lírio, nem que rosa.

----------------------------------------

autopsicografia  
o poeta é um fingidor.  
finge tão completamente  
que chega a fingir que é dor  
a dor que deveras sente.  
e os que lêem o que escreve,  
na dor lida sentem bem,  
não as duas que ele teve,  
mas só a que eles não têm.  
e assim nas calhas da roda  
gira, a entreter a razão,  
esse comboio de corda  
que se chama o coração.

----------------------------------------

platanos  
depois de ter fechado tudo, abro de novo a porta  
e corro cambaleante para a vazia escuridão  
assusta-me a certas horas a companhia  
do que não adormece  
a resistência disso no nosso espaço  
movido por outra forças  
mas também me ocorre acender primeiro a luz  
e só depois  
sentir um medo louco da casa que me acolhe  
dos seus redemoinhos imperceptíveis  
que julgo cada vez mais perto  
como se estivesse para ser morto  
às mãos do próprio deus  
não sei bem acordar vivo destas coisas:  
aproveito o ruído do entardecer e grito muito alto  
deixo-te um instante só (um instante só)  
para fechar os olhos que tanto ardem  
ou atiro das margens folhas ao rio  
para medir o tempo de uma vida  
a naufragar

----------------------------------------

ah a frescura na face de não cumprir um dever!  
faltar é positivamente estar no campo!  
que refúgio o não se poder ter confiança em nós!  
respiro melhor agora que passaram as horas dos encontros.  
faltei a todos, com uma deliberação do desleixo,  
fiquei esperando a vontade de ir para lá, que eu saberia que não  
vinha.  
sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.  
estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.  
é tarde para eu estar em qualquer dos dois pontos onde estaria  
à mesma hora,  
deliberadamente à mesma hora…  
está bem, ficarei aqui sonhando versos e sorrindo em itálico.  
é tão engraçada esta parte assistente da vida!  
até não consigo acender o cigarro seguinte… se é um gesto,  
fique com os outros, que me esperam, no desencontro que é a vida.

----------------------------------------

pois que nada que dure, ou que, durando,  
valha, neste confuso mundo obramos,  
e o mesmo útil para nós perdemos  
connosco, cedo, cedo,  
o prazer do momento anteponhamos  
à absurda cura do futuro, cuja  
certeza única é o mal presente  
com que o seu bem compramos.  
amanhã não existe. meu somente  
é o momento, eu só quem existe  
neste instante, que pode o derradeiro  
ser de quem finjo ser.

----------------------------------------

abdicação  
toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
e chama-me teu filho. eu sou um rei  
que voluntariamente abandonei  
o meu trono de sonhos e cansaços.  
minha espada, pesada a braços lassos,  
em mãos viris e calmas entreguei,  
e meu ceptro e coroa — eu os deixei  
na antecâmara, feitos em pedaços.  
minha cota de malha, tão inútil,  
minhas esporas, de um tinir tão fútil,  
deixei-as pela fria escadaria.  
despi a realeza, corpo e alma,  
e regressei à noite antiga e calma  
como a paisagem ao morrer do dia.

----------------------------------------

o fio de um cabelo  
abandono a casa o horto o lugar à mesa  
o casaco de que gostava, sobre o leito dobrado  
esta verdade quase banal  
que toda a vida fui  
não abro a porta quando batem  
(às vezes batiam só por engano)  
não avalio o balanço das certezas  
o que separa uma forma da outra  
sempre me escapou  
ontem começava a clarear  
o ar frio que vinha dos campos  
julguei-o de passagem e afinal  
era um segredo que meu corpo  
de uma vez por todas contava  
ao meu corpo  
mas quando tombei sobre a terra  
perdido como o fio de um cabelo  
(aqueles que primeiro caem  
da cabeça de um rapaz  
e por não serem notados  
são mais perdidos ainda)  
estavas junto de mim  
lançaste ao fogo cidades  
afogaste os exércitos  
no vermelho mar da sua ira  
hipotecaste terras tão preciosas  
para estares junto de mim

----------------------------------------

não queiras, lídia, edificar no ‘spaço  
que figuras futuro, ou prometer-te  
amanhã. cumpre-te hoje, não ‘sperando.  
tu mesma és tua vida.  
não te destines, que não és futura.  
quem sabe se, entre a taça que esvazias,  
e ela de novo enchida, não te a sorte  
interpõe o abismo?

----------------------------------------

o último dia do verão  
pois às vezes me falta a quem contar  
certo dia passado do princípio ao fim  
o encanto que tenha realmente  
a insistência do vento ao longo da foz  
aquilo que daria (e eu daria tudo) por compaixão  
nascemos e vivemos só algum tempo  
não temos nada  
não podemos mesmo na penumbra  
decidir a atenção ou o esquecimento  
as forças soçobram como vago motivos  
em público  
e em qualquer lugar  
por isso sei tão bem o valor  
da natureza indiscutível dos teus olhos  
onde a luz anota seus aspectos  
teus olhos impacientes e irrealizáveis  
que me acompanham  
agora que sozinho danço  
pela cidade vazia

----------------------------------------

símbolos? estou farto de símbolos…  
uns dizem-me que tudo é símbolo.  
todos me dizem nada.  
quais símbolos? sonhos…  
que o sol seja um símbolo, está bem…  
que a lua seja um símbolo, está bem…  
que a terra seja um símbolo, está bem…  
mas quem repara no sol senão quando a chuva cessa  
e ele rompe das nuvens e aponta para trás das costas  
para o azul do céu?  
mas quem repara na lua senão para achar  
bela a luz que ela espalha, e não bem ela?  
mas quem repara na terra, que é o que pisa?  
chama terra aos campos, às árvores, aos montes  
por uma diminuição instintiva,  
porque o mar também é terra…  
bem, vá, que tudo isso seja símbolos…  
mas que símbolo é, não o sol, não a lua, não a terra,  
mas neste poente precoce e azulando-se menos,  
o sol entre farrapos findos de nuvens,  
enquanto a lua é já vista, mística, no outro lado,  
e o que fica da luz do dia  
doira a cabeça da costureira que pára vagamente à esquina  
onde se demorava outrora (mora perto) com o namorado que a  
deixou?  
símbolos?… não quero símbolos…  
queria só – pobre figura de magreza e desamparo! –  
que o namorado voltasse para a costureira.

----------------------------------------

vivem em nós inúmeros;  
se penso ou sinto, ignoro  
quem é que pensa ou sente.  
sou somente o lugar  
onde se sente ou pensa.  
tenho mais almas que uma.  
há mais eus do que eu mesmo.  
existo todavia  
indiferente a todos.  
faço-os calar: eu falo.  
os impulsos cruzados  
do que sinto ou não sinto  
disputam em quem sou.  
ignoro-os. nada ditam  
a quem me sei: eu escrevo.

----------------------------------------

a infancia da herberto helder  
no princípio era a ilha  
embora se diga  
o espírito de deus  
abraçava as águas  
nesse tempo  
estendia-me na terra  
para olhar as estrelas  
e não pensava  
que esses corpos de fogo  
pudessem ser perigosos  
nesse tempo  
marcava a latitude das estrelas  
ordenando berlindes  
sobre a erva  
não sabia que todo o poema  
é um tumulto  
que pode abalar  
a ordem do universo agora  
acredito  
eu era quase um anjo  
e escrevia relatórios  
precisos  
acerca do silêncio  
nesse tempo  
ainda era possível  
encontrar deus  
pelos baldios  
isto foi antes  
de aprender a álgebra

----------------------------------------

tenho em mim como uma bruma  
que nada é nem contém  
a saudade de coisa nenhuma,  
o desejo de qualquer bem.  
sou envolvido por ela  
como por um nevoeiro  
e vejo luzir a última estrela  
por cima da ponta do meu cinzeiro  
fumei a vida. que incerto  
tudo quanto vi ou li!  
e todo o mundo é um grande livro aberto  
que em ignorada língua me sorri.

----------------------------------------

a estrada branca  
atravessei contigo a minuciosa tarde  
deste-me a tua mão, a vida parecia  
difícil de estabelecer  
acima do muro alto  
folhas tremiam  
ao invisível peso mais forte  
podia morrer por uma só dessas coisas  
que trazemos sem que possam ser ditas:  
astros cruzam-se numa velocidade que apavora  
inamovíveis glaciares por fim se deslocam  
e na única forma que tem de acompanhar-te  
o meu coração bate

----------------------------------------

o esterco do mundo  
tenho amigos que rezam a simone weil  
há muitos anos reparo em flannery o’connor  
rezar deve ser como essas coisas  
que dizemos a alguém que dorme  
temos e não temos esperança alguma  
só a beleza pode descer para salvar-nos  
quando as barreiras levantadas  
permitirem  
às imagens, aos ruídos, aos espúrios sedimentos  
integrar o magnífico  
cortejo sobre os escombros  
os orantes são mendigos da última hora  
remexem profundamente através do vazio  
até que neles  
o vazio deflagre  
são paulo explica-o na primeira carta aos coríntios,  
“até agora somo o esterco do mundo”,  
citação que flannery trazia à cabeceira

----------------------------------------

não sei quantas almas tenho.  
cada momento mudei.  
continuamente me estranho.  
nunca me vi nem achei.  
de tanto ser, só tenho alma.  
quem tem alma não tem calma.  
quem vê é só o que vê.  
quem sente não é quem é.  
atento ao que sou e vejo,  
torno-me eles e não eu.  
cada meu sonho ou desejo,  
é do que nasce, e não meu.  
sou minha própria paisagem,  
assisto à minha passagem,  
diverso, móbil e só.  
não sei sentir-me onde estou.  
por isso, alheio, vou lendo  
como páginas, meu ser.  
o que segue não prevendo,  
o que passou a esquecer.  
noto à margem do que li  
o que julguei que senti.  
releio e digo, «fui eu?»  
deus sabe, porque o escreveu.

----------------------------------------

oxfordshire  
quero o bem, e quero o mal, e afinal não quero nada.  
estou mal deitado sobre a direita, e mal deitado sobre a esquerda  
e mal deitado sobre a consciência de existir.  
estou universalmente mal, metafisicamente mal,  
mas o pior é que me dói a cabeça.  
isso é mais grave que a significação do universo.  
uma vez, ao pé de oxford, num passeio campestre,  
vi erguer-se, de uma curva da estrada, na distância próxima  
a torre-velha de uma igreja acima de casas da aldeia ou vila.  
ficou-me fotográfico esse incidente nulo  
como uma dobra transversal escangalhando o vinco das calças.  
agora vem a propósito…  
da estrada eu previa espiritualidade a essa torre de igreja  
que era a fé de todas as eras, e a eficaz caridade.  
da vila, quando lá cheguei, a torre da igreja era a torre da igreja,  
e, ainda por cima, estava ali.  
é-se feliz na austrália, desde que lá se não vá.

----------------------------------------

não tenho ninguém que me ame.  
’spera lá, tenho; mas é  
difícil ter-se a certeza  
daquilo em que não se crê.  
não é não crer por descrença,  
porque sei: gostam de mim.  
é um não crer por feitio  
e teimar em ser assim.  
não tenho ninguém que me ame.  
para este poema existir  
tenho por força que ter  
esta mágoa que sentir.  
que pena não ser amado!  
meu perdido coração!  
etcetera, e está acabado  
o meu poema pensado.  
sentir é outra questão…

----------------------------------------

não sei se os astros mandam neste mundo,  
nem se as cartas –  
as de jogar ou as do tarot –  
podem revelar qualquer coisa.  
não sei se deitando dados  
se chega a qualquer conclusão.  
mas também não sei  
se vivendo como o comum dos homens  
se atinge qualquer coisa.  
sim, não sei  
se hei-de acreditar neste sol de todos os dias,  
cuja autenticidade ninguém me garante,  
ou se não será melhor, por melhor ou por mais cómodo,  
acreditar em qualquer outro sol –  
outro que ilumine até de noite, –  
qualquer profundidade luminosa das coisas  
de que não percebo nada…  
por enquanto…  
(vamos devagar)  
por enquanto  
tenho o corrimão da escada absolutamente seguro,  
seguro com a mão –  
o corrimão que me não pertence  
e apoiado ao qual ascendo…  
sim… ascendo…  
ascendo até isto:  
não sei se os astros mandam neste mundo…

----------------------------------------

apontamento  
a minha alma partiu-se como um vaso vazio.  
caiu pela escada excessivamente abaixo.  
caiu das mãos da criada descuidada.  
caiu, fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso.  
asneira? impossível? sei lá!  
tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.  
sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.  
fiz barulho na queda como um vaso que se partia.  
os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.  
e fitam os cacos que a criada deles fez de mim.  
não se zangam com ela.  
são tolerantes com ela.  
o que eu era um vaso vazio?  
olham os cacos absurdamente conscientes,  
mas conscientes de si-mesmos, não conscientes deles.  
olham e sorriem.  
sorriem tolerantes à criada involuntária.  
alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.  
um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.  
a minha obra? a minha alma principal? a minha vida?  
um caco.  
e os deuses olham-no especialmente, pois não sabem por que ficou ali.

----------------------------------------

a lavadeira no tanque  
bate roupa em pedra bem.  
canta porque canta, e é triste  
porque canta porque existe;  
por isso é alegre também.  
ora se eu alguma vez  
pudesse fazer nos versos  
o que a essa roupa ela fez,  
eu perderia talvez  
os meus destinos diversos.  
há uma grande unidade  
em, sem pensar nem razão,  
e até cantando a metade,  
bater roupa em realidade...  
quem me lava o coração?

----------------------------------------

os amigos  
esses estranhos que nós amamos  
e nos amam  
olhamos para eles e são sempre  
adolescentes, assustados e sós  
sem nenhum sentido prático  
sem grande noção da ameaça ou da renúncia  
que sobre a luz incide  
descuidados e intensos no seu exagero  
de temporalidade pura  
um dia acordamos tristes da sua tristeza  
pois o fortuito significado dos campos  
explica por outras palavras  
aquilo que tornava os olhos incomparáveis  
mas a impressão maior é a da alegria  
de uma maneira que nem se consegue  
e por isso ténue, misteriosa:  
talvez seja assim todo o amor

----------------------------------------

não consentem os deuses mais que a vida.  
tudo pois refusemos, que nos alce  
a irrespiráveis píncaros,  
perenes sem ter flores.  
só de aceitar tenhamos a ciência,  
e, enquanto bate o sangue em nossas fontes,  
nem se engelha connosco  
o mesmo amor, duremos,  
como vidros, às luzes transparentes  
e deixando escorrer a chuva triste,  
só mornos ao sol quente,  
e reflectindo um pouco.

----------------------------------------

magnificat  
quando é que passará esta noite interna, o universo,  
e eu, a minha alma, terei o meu dia?  
quando é que despertarei de estar acordado?  
não sei. o sol brilha alto,  
impossível de fitar.  
as estrelas pestanejam frio,  
impossíveis de contar.  
o coração pulsa alheio,  
impossível de escutar.  
quando é que passará este drama sem teatro,  
ou este teatro sem drama,  
e recolherei a casa?  
onde? como? quando?  
gato que me fitas com olhos de vida, quem tens lá no fundo?  
é esse! é esse!  
esse mandará como josué parar o sol e eu acordarei;  
e então será dia.  
sorri, dormindo, minha alma!  
sorri, minha alma: será dia!

----------------------------------------

nem a demanda conseguirás  
que se acabe – mesmo que a ti a fortuna se confie,  
nem o estudo será para teu gáudio – ainda que dos sábios inspirado,  
nem te assistirá o talento e o consolo abrandará o teu anseio,  
nem que fosse o amor podias viver livremente.  
e nem mesmo o profeta ditando versos terá discípulos  
se jamais concilia os escrivães com a sua mágoa,  
nem o jovem será de graça favorecido – pois ela o trairá,  
nem o rio que outrora baptizaste lembrarás  
se sob a névoa o não vires primeiro.  
donde ides então para que vos siga piamente  
– acaso atalharemos o país de cerradas dunas como campas,  
quando na distância os dois brilharmos – os  
dois entre solenes risos de guardar silêncio?  
longe do que pensaríamos algum dia consentido,  
longe de nos julgarmos sob funesta sina,  
do que irá passar-se brevemente o saberemos:  
– muitas vezes soubemos quanto a beleza tarda,  
mas só ela tolera dispormos do mundo fugazmente  
e com essa cega mágoa ir mais além.

----------------------------------------

que exíguo impulso se move e não esquecemos?  
em que dádiva de chão dançamos com as mães cantantes,  
onde estão as verdadeiras lágrimas, que as não vemos?  
após anos de retiro, lumes brandos, luz de círios,  
decorrido que foi o langor de sons pela geada, que  
bem remanesce no contorno puído de cidades  
– que graça confessamos ter decididamente tocado?  
viemos de longe, de patíbulos que ninguém contará,  
evocando pontos brumosos e vagas escolhas,  
a custo apartados da dor de uma época a outra sobrepondo-se,  
para ver enfim esquivas as mansardas donde partimos  
– ainda a maioria sorria nos terreiros, tantos anos –  
e perceber que o caminho se faz lançando mão  
ao que dele continuamente resvala, inaudível – apagando-se.  
o tempo vai sendo abolido, é o tempo da chama sobre a água,  
e fomos amiúde derivando do maior para o mais justo,  
imersos no ruído de fundo de uma escadaria,  
pouco a pouco premindo a vida ao tamanho último,  
a essa porção da biografia toda a vez mais nítida,  
na qual só um recolhimento, tal a subir-se um vão de escada,  
é a raiz do que em favor de nós fizemos,  
a alegria que emana após o cativeiro.

----------------------------------------

uma inocência  
aves devoram o lixo.  
debatem-se sob o peso da gula  
investindo ciladas, disposições  
de onde se isenta a alma.  
flap, flap, flap, fazem asas  
no negro plástico. tu paras.  
por vontade alheia observas.  
por aforismos sagras  
as razões dos que desesperam.  
o que faz a poesia?  
remir e remir e remir  
como as asas espancando  
o negro plástico, flap, flap, flap.  
sagras as razões  
dos que desesperam,  
as implicações disfóricas  
da imaginação, o mundo  
extinguindo-se como a luz  
do quarto de infância,  
o sumptuoso plástico espancado,  
aquilo a que viraste costas  
e que não teima existir.  
o que faz a poesia?  
remir por certo tipo de palavras  
certo tipo de coisas certo tipo  
de asas flap flap flap certo tipo  
de razões desesperadas.

----------------------------------------

medo  
estratos assentam uns sobre outros.  
são o vestígio submerso da tua vida.  
em certos momentos  
um deslocamento, uma torção, uma força  
que reconhecerás pelos efeitos, denuncia  
a iminente ruína.  
consagra o que te resta do porvir  
ao reforço desta casa.  
consagra-lhe a tua vigília e a tua aflição.  
consagra-lhe a inteligência do teu medo.

----------------------------------------

amanhã vou comprar umas calças vermelhas  
porque não tenho rigorosamente nada a perder:  
contei, um a um, todos os degraus  
sei quantas voltas dei à chave,  
sublinhei as frases importantes,  
aparei os cedros,  
fechei em código toda a escrita.  
amanhã comprarei calças vermelhas  
fixarei o calendário agrícola  
afiarei as facas  
ensaiarei um número  
abrirei o livro na mesma página  
descobrirei alguma pista.

----------------------------------------

o mapa e o território  
o tédio era o espaço em que arriscávamos  
a batalha das nossas vidas. o professor  
falava e nós não escutávamos  
presos que estávamos  
à presença de um tempo em quadrícula,  
às adivinhas e arremessos cruzados.  
sabemos hoje (por hábito ou fuga)  
que a metáfora é esta: cega tentativa  
em acertar nos objectos que flutuam  
na esquadria, vasos de guerra  
que irão naufragar, assim tenhamos  
êxito no desenho das formas.  
a maior parte de nós descobre, porém,  
a diferença maior: o mapa não é a realidade,  
a esta enovela-se num largo território  
para o qual não há métrica  
senão, e apenas, sonho de métrica.  
a densa sombra cobre a pouca verdade  
que recuperamos, e móvel,  
destrói o seu legado.  
nada sabes porque nada lembras.

----------------------------------------

olho à volta  
em flecha sobre as coisas  
à procura desse ladrão excepcional  
que me roubou o livro inventado  
pra me poupares o coração  
à mágoa dos vivos  
mas sei que é inútil  
trago em alvo  
apenas alfaias domésticas  
com que trabalho a terra  
aquela que escolhi  
e sei que é inútil porque o mal tem asas  
e só o vento nos salva  
e nos transporta  
ao lugar da árvore  
junto ao rio onde me banharei três vezes  
até que o galo cante  
e me lembre do pai  
a quem devo ceia e roupa branca

----------------------------------------

flores e outras espécies sem nome  
nada na natureza tem nome.  
como se de um jardim botânico  
sem indicações precisas – em latim de preferência – se tratasse.  
lineu rir-se-ia da minha ignorância feliz –  
deste conhecimento que complacente  
se diverte no seu desconhecimento.  
formas, cores, a ebriedade dos cheiros,  
a insensata vertigem sensitiva de um bosque,  
a atmosfera vegetal de uma estufa,  
as flores como sexos – são sexos? – abertos  
onde perante visitas mergulho.  
atónitos ficariam se soubessem que nada na natureza –  
é “natureza” este voluptuoso jogo  
de se desconhecer? – tem nome. tudo é orgânico recorte  
que o herbário não contém, desequilíbrio,  
sonho do indecifrável que lento se putrefaz  
perante a virtuosa ignorância classificatória  
em mim se animando.

----------------------------------------

queria que me acompanhasses  
vida fora  
como uma vela  
que me descobrisse o mundo  
mas situo-me no lado incerto  
onde bate o vento  
e só te posso ensinar  
nomes de árvores  
cujo fruto se colhe numa próxima estação  
por onde as comboios estendem  
silvos aflitos

----------------------------------------

for animals  
for animals eternal treblinka  
está repleta de martírio a memória que me deram.  
a mãe levava-me pela mão. o perímetro sacrificial era já ali. o som das aves  
antecipando o fim, os gorjeios inocentes, a emudecida violência das carcaças expostas,  
as vísceras, o fedor das vísceras gritando. fúria e som esgotavam-se em podridões. em  
certos ângulos do perímetro bancas clamavam verdade e comércio. copiosas, as carnes  
esfoladas surgiam suspensas em metálicos ganchos. penas e plumas encharcadas  
pejavam o chão. uma ave decapitada abraçava o mundo. em certos pontos do perímetro  
estreitos canais expulsavam o sangue para um sítio que me pareceu distante, tão distante  
quanto um país distante.  
a gutural agonia apagava-se. fechavam-se as cortinas para a tranquila refeição  
do meio-dia.

----------------------------------------

não é difícil um homem apaixonar-se.  
ferir a sua paisagem,  
cinzas de um passado caído, fluente.  
ao fim de vidas partilhadas pode ser que  
diga “estremeci  
durante anos sem te abraçar.” agora é tarde.  
agora é tarde sobre a terra cercada.  
por planícies ficou o desespero,  
a dor lilás dos homens soçobrados  
na paciência nocturna.  
só depois do terror os cães ladram fielmente  
aos portais da manhã, só  
após o gume das vidas partilhadas.  
“passei a vida a fugir para a tua boca,” e  
confundo já o teu rosto  
com um qualquer.

----------------------------------------

o guardador de rebanhos xxxix  
o mistério das cousas, onde está ele?  
onde está ele que não aparece  
pelo menos a mostrar-nos que é mistério?  
que sabe o rio disso e que sabe a árvore?  
e eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?  
sempre que olho para as cousas e penso no que os homens  
pensam delas,  
rio como um regato que soa fresco numa pedra.  
porque o único sentido oculto das cousas  
é elas não terem sentido oculto nenhum.  
é mais estranho do que todas as estranhezas  
e do que os sonhos de todos os poetas  
e os pensamentos de todos os filósofos,  
que as cousas sejam realmente o que parecem ser  
e não haja nada que compreender.  
sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: –  
as cousas não têm significação: têm existência.  
as cousas são o único sentido oculto das cousas.

----------------------------------------

não basta abrir a janela  
para ver os campos e o rio.  
não é bastante não ser cego  
para ver as árvores e as flores.  
é preciso também não ter filosofia nenhuma.  
com filosofia não há árvores: há ideias apenas.  
há só cada um de nós, como uma cave.  
há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;  
e um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,  
que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

----------------------------------------

o guardador de rebanhos vi  
pensar em deus é desobedecer a deus,  
porque deus quis que o não conhecêssemos,  
por isso se nos não mostrou…  
sejamos simples e calmos,  
como os regatos e as árvores,  
e deus amar-nos-á fazendo de nós  
nós como as árvores são árvores  
e como os regatos são regatos,  
e dar-nos-á verdor na sua primavera,  
e um rio aonde ir ter quando acabemos…  
e não nos dará mais nada, porque dar-nos mais seria tirar-nos-nos.

----------------------------------------

dizeis afinal – no que é um claro discurso, companheiro,  
e chegada a hora de revelar nossos receios, e talvez mentir,  
a hora em que acaso de ti me despeço, em que de  
novo fruis, da colina, o largo frio do fim que se aproxima,  
não sem antes lembrares ainda como o sol baqueava na erva  
espezinhada, por onde em grupos, sob os plátanos, já  
na voz cabia a tremura que vinha de ceira rente aos cabelos –  
“que só nos convirá em sorte acenar, acenar sempre, e sem remorso,  
pois que é no que perdido foi que fomos deixando que se viva.”  
por que ousaremos então mentir, gentil companheiro?  
valerá o esforço em simular, a nossos pobres seguidores,  
que nas saudações mais não estamos do que a compensar o nosso medo?  
mentiremos sim, mas por razões distintas, algumas as referiste,  
outras mercê de não nos vermos vacilar numa partida mais.  
justamente, tal o faz o cheiro acre das primeiras chuvas sobre o verão,  
crescemos de alma em alma que em nós passa e cauciona  
a linha que da vida fomos consentindo que se faça.  
e no fim, que pode ser o desta hora em que me chamas, no  
largo frio de outro ano aproximando-se, outra hora no alto da colina,  
cabe-nos, do que prestámos, ser restituídos na lembrança.

----------------------------------------

o sonho da linguagem  
escreverás sobre a sujeição dos animais.  
mas não hoje. lembra-te de como se move  
a pantera, ainda, na jaula sem literatura  
que lhe legaram. lembrar-te-ás. mas não hoje.  
porque hoje é o dia em que as metáforas  
despertam, a arca se abre, e a linguagem  
se assemelha a uma invenção em aberto.  
uma vigília de metáforas preenchendo a noite,  
como um fogo-de-santelmo que, eternamente,  
a cobrisse, a si e ao seu manto e aos seus símbolos.  
hoje é o dia em que a noite se faz dia,  
em que a linguagem celebra os animais  
depois dos animais terem perecido,  
mas sem que haja memória disso,  
sequer nostalgia disso. apenas linguagem,  
apenas sentido e som a ressoar dentro  
do sentido, sem que a hipótese de um princípio  
se imponha, sem que a hipótese de um fim se imponha.  
haverás de despertar, tu também,  
para a vigília das metáforas,  
para o sonho da linguagem.

----------------------------------------

o guardador de rebanhos ii  
o meu olhar é nítido como um girassol.  
tenho o costume de andar pelas estradas  
olhando para a direita e para a esquerda,  
e de vez em quando olhando para trás…  
e o que vejo a cada momento  
é aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
e eu sei dar por isso muito bem…  
sei ter o pasmo comigo  
que tem uma criança se, ao nascer,  
reparasse que nascera deveras…  
sinto-me nascido a cada momento  
para a eterna novidade do mundo…  
creio no mundo como num malmequer,  
porque o vejo. mas não penso nele  
porque pensar é não compreender…  
o mundo não se fez para pensarmos nele  
(pensar é estar doente dos olhos)  
mas para olharmos para ele e estarmos de acordo.  
eu não tenho filosofia: tenho sentidos…  
se falo na natureza não é porque saiba o que ela é,  
mas porque a amo, e amo-a por isso,  
porque quem ama nunca sabe o que ama  
nem sabe porque ama, nem o que é amar…  
amar é a eterna inocência,  
e a única inocência é não pensar…

----------------------------------------

se quiseres que eu me perca  
buscarei outra ilha.  
esperarei a sombra diante dos olhos,  
o milhafre na ravina de crisântemos.  
ao longe, correndo para a primeira luz do dia,  
estarei à tua espera,  
acenando com a mão esquerda,  
avançando sobre o mar.  
não te esqueças,  
aprendi um dia como deus nos traz um sono  
leve que nos cega.

----------------------------------------

o que tens para dizer  
senão a tua presença imperfeita,  
o teu rosto de areia,  
atravessaste séneca a pé?  
o que dizes está gravado  
sobre a mesa tens copo, tens vinho.  
o que poderás dizer  
que não se dissolva em pó?  
atira antes pedras  
margas, basalto, xisto.

----------------------------------------

o mundo como representação  
“o mundo é a minha representação.”  
que tipo de imagem  
eclode na mente  
quando, de noite, um cão uiva,  
como se a sua carne  
não fosse carne da sua carne,  
mas um véu espesso  
que cobre a dor  
e a torna mais intensa?  
uma janela abre-se de par em par,  
e eu persigo os sulcos e a ira  
desse cão mirífico,  
desse cão que existe algures  
para lá do ver.  
a noite que ignorei torna-se visível,  
mas não a ira, a ira absoluta do cão,  
ainda que os meus olhos  
ceguem numa exasperante vontade  
de luz.

----------------------------------------

o guardador de rebanhos xlvii  
num dia excessivamente nítido,  
dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito  
para nele não trabalhar nada,  
entrevi, como uma estrada por entre as árvores,  
o que talvez seja o grande segredo,  
aquele grande mistério de que os poetas falsos falam.  
vi que não há natureza,  
que natureza não existe,  
que há montes, vales, planícies,  
que há árvores, flores, ervas,  
que há rios e pedras,  
mas que não há um todo a que isso pertença,  
que um conjunto real e verdadeiro  
é uma doença das nossas ideias.  
a natureza é partes sem um todo.  
isto é talvez o tal mistério de que falam.  
foi isto o que sem pensar nem parar,  
acertei que devia ser a verdade  
que todos andam a achar e que não acham,  
e que só eu, porque a não fui achar, achei.

----------------------------------------

leram-me hoje s. francisco de assis.  
leram-me e pasmei.  
como é que um homem que gostava tanto das cousas  
nunca olhava para elas, não sabia o que elas eram?  
para que hei-de chamar minha irmã à água, se ela não é minha  
irmã?  
para a sentir melhor?  
sinto-a melhor bebendo-a do que chamando-lhe qualquer cousa –  
irmã, ou mãe, ou filha.  
a água é a água e é bela por isso.  
se eu lhe chamar minha irmã,  
ao chamar-lhe minha irmã, vejo que o não é  
e que se ela é a água o melhor é chamar-lhe água;  
ou, melhor ainda, não lhe chamar cousa nenhuma,  
mas bebê-la, senti-la nos pulsos, olhar para ela  
e tudo isto sem nome nenhum.

----------------------------------------

dizia  
que viajar é poder partir-se para o lugar  
em frente,  
que cada lugar só impressiona porque sugere  
a visibilidade do próximo.  
e que no fim, quando abandonamos tudo  
e já não ouvimos senão o repique dos sinos,  
as paisagens deixam de existir para não  
passar do que a respiração liberta.  
“o que nos conduz é podermos sepultar o  
corpo noutro lugar;  
porque em todos os sítios passados deixámos o corpo  
à vista do lugar mais próximo.”  
percebi, sem que mostrasse algum temor,  
que havia descoberto a transparência do mundo,  
que fora auxiliado pela face  
suspensa dos viajantes.  
e lembrei-me como o tempo havia de ensinar,  
desde a juventude à velhice,  
que onde a beleza assola habituamo-nos a uma pausa nos  
olhos, nas mãos e nos olhos que são o que nos diz do  
pouco do que nos fica sempre.

----------------------------------------

os milagres acontecem  
a horas incertas  
e nunca estou em casa  
quando o carteiro passa.  
hoje, abriu a primeira flor  
e eu disse é um sinal.  
olho em volta: estou só  
trago esta sombra comigo.

----------------------------------------

o suporte da música  
o suporte da música pode ser a relação  
entre um homem e uma mulher, a pauta  
dos seus gestos tocando-se, ou dos seus  
olhares encontrando-se, ou das suas  
vogais adivinhando-se abertas e recíprocas,  
ou dos seus obscuros sinais de entendimento,  
crescendo como trepadeiras entre eles.  
o suporte da música pode ser uma apetência  
dos seus ouvidos e do olfacto, de tudo o que se  
ramifica entre os timbres, os perfumes,  
mas é também um ritmo interior, uma parcela  
do cosmos, e eles sabem-no, perpassando  
por uns frágeis momentos, concentrado  
numa ponto minúsculo, intensamente luminoso,  
que a música, desvendando-se, desdobra,  
entre conhecimento e cúmplice harmonia.

----------------------------------------

o caminho de ohrid\*  
do alto das muralhas de ohrid onde  
acorrera aos gritos desvairados dos vigias,  
o rei samuel avistou o seu exército desfigurado,  
arrastando-se entre as montanhas da macedónia.  
aos catorze mil homens tinham sido  
arrancados os olhos por ordem do imperador  
e a um em cada cem mandara ele, basílio ii,  
fosse poupado um olho para conduzirem o regresso  
dessa manada cega. depois de atravessarem altas neves  
vinham-se agora despenhando para o lago,  
tropeçando, agarrados uns aos outros,  
a tortura espelhada nas contorções das faces,  
o sangue a empapar-lhes os andrajos. e o rei,  
tomado pela angústia, deu um grito de dor e morreu  
no alto da muralha sobre a colina e os seus bosques e pomares  
que o lago placidamente reflectia.  
nesse instante compreendeu como era ambígua  
a força cega do destino e em nenhum mosteiro  
podia a iconostase explicar-lhe esse cruel mistério:  
os santos, com feições dos retratos do fayoum,  
entre as chamas trémulas emudeciam  
nos seus frescos e as vozes dos jovens monges,  
no seu canto austero e imperturbado,  
elevavam uma grave primavera na penumbra.

----------------------------------------

deixa o tempo fazer o resto  
fechar janelas  
aplacar os barcos  
recolher os víveres  
semear a sorte  
acender o fogo  
esperar a ceia  
abre as portas: lê a luz  
a sombra, a arte do passarinheiro  
com três paus  
fazes uma canoa  
com quatro tens um verso,  
deixa o tempo fazer o resto.

----------------------------------------

elegia final  
trabalhei quanto pude a minha dor  
– negro bloco marmóreo que me pesa  
e me inunda de gélido suor.  
impus ao bruto mármore a beleza.  
minhas lágrimas de água amargurada  
suavizaram-lhe a trágica dureza.  
e, ao ver a minha angústia alevantada  
numa estátua perfeita, ao sol bendito,  
toquei-lhe! estava inerte e congelada!  
choro dentro de mim! soluço e grito!  
sou neste livro palidez, quebranto.  
a dor tão viva no meu ser aflito  
é como cinza morta neste canto.

----------------------------------------

twilight  
uma mulher estava nos cuidados intensivos  
enevoada em suas ligaduras  
e tubos nas narinas e nas mãos  
que se agitavam e tudo era metálico,  
mas ela, a retalhada,  
era só tempo incerto, interrogado e trôpego,  
só gemido sem voz quando o homem ansioso  
se debruçava na contagem dos segundos,  
mas ela, a gotejante,  
era um puro intervalo numa frouxa fronteira,  
só um peso de pálpebras e noite espessa, quando ele, debruçado,  
murmurava as palavras, as que ela não ouvia.  
terminada a visita, um olhar de relance, um último  
desse dia, cercou-a de silêncios pensativos.  
a interrogação, a negação da esperança, são como a rosa negra  
das condições da esperança.  
despiu a bata branca obrigatória, foi-se devagar  
e guardou-lhe o rosto translúcido envolto em gazes leves.  
há quanto tempo foi? em que lugar, em que manhã furtiva da memória?  
quem era o homem? que palavras proferia?  
hoje não sei. é como ver da rua uma figura entre cortinas  
numa corrente de ar, às vezes penso que era eu,  
mas pergunto também, seria alguém por mim, numa curva do tempo,  
a murmurar tão baixo palavras esquecidas?  
mas se não era eu, como é que soube dessa voz comovida  
a resvalar assim até ser inaudível  
fora do coração? e se era eu, como pude  
tão de dentro falar, tão apagadamente?  
porque eu procuro outros andamentos do mundo,  
outros nós na garganta, mais pensados a frio, outras intensidades  
sacudidas, mais distantes da emoção imediata,  
e nunca mais diria palavras tão obscuras.  
não interessa quem era. os mares, os ventos  
rolaram e rodaram e foram erodindo verdades, circunstâncias.  
estava uma mulher nos cuidados intensivos  
e ouvia enevoada os sons que não ouvia.

----------------------------------------

da transparência  
senhor libertai-nos do jogo perigoso da transparência  
no fundo do mar da nossa alma não há corais nem búzios  
mas sufocado sonho  
e não sabemos bem que coisa são os sonhos  
condutores silenciosos canto surdo  
que um dia subitamente emergem  
no grande pátio liso dos desastres

----------------------------------------

meio-dia  
meio-dia. um canto da praia sem ninguém.  
o sol no alto, fundo, enorme, aberto,  
tornou o céu de todo o deus deserto.  
a luz cai implacável como um castigo.  
não há fantasmas nem almas,  
e o mar imenso solitário e antigo,  
parece bater palmas.

----------------------------------------

vento do espírito  
senti passar um vento misterioso,  
num torvelinho cósmico e profundo.  
e me levou nos braços; e ansioso  
eu fui; e vi o espírito do mundo.  
todas as cousas ermas, que irradiam  
como um nocturno olhar inconsciente,  
luz de lágrima extinta, não sentiam  
a trágica rajada, que somente  
meu coração crispava! ó vento aéreo!  
vento de exaltação e profecia!  
vento que sopra, em ondas de mistério,  
e tanto me perturba e me extasia!  
estranho vento, em fúria, sem tocar  
nas mais tenrinha flor! e assim agita  
todo o meu ser, em chamas, a exalar  
luz de deus, luz de amor, luz infinita!  
vento que só encontras resistência  
numa invisível sombra. . . um arvoredo,  
ou bruta pedra, é como vaga essência;  
e, para ti, eu sou como um penedo.  
e na minha alma aflita, ó doido vento,  
bates, de noite; e um burburinho forte  
a envolve, arrasta e leva, num momento;  
e vai de vida em vida e morte em morte.  
vento que me levou, nem sei por onde;  
mas sei que fui; e, ao pé de mim, bem perto,  
vi, face a face, a névoa a arder que esconde  
o fantasma de deus, sobre o deserto!  
e vi também a luz indefinida  
que, nas trevas, se fez, esclarecendo  
meu coração, que voa, além da vida,  
o seu peso de lágrimas perdendo.  
e aquele grande vento transtornou  
minha existência calma; e dor antiga  
meu rude e frágil corpo trespassou,  
como a chuva uns andrajos de mendiga.  
e fui num grande vento; e fui; e vi:  
vi a sombra de deus. e, alvoroçado,  
deitei-me àquela sombra, e, em mim, senti  
a terra em flor e o céu todo estrelado.

----------------------------------------

acrobacias  
sentados em trafalgar square  
no intervalo de amigos  
com o tempo entre as mãos  
treinávamos o nosso inglês  
num inquérito de revista  
com francis bacon na capa  
que perguntava:  
qual dos membros  
– superiores ou inferiores –  
preferíamos perder  
(esta ablação em língua estrangeira  
tornava-se indolor, quase anestesiada)  
respondeste: os braços  
as pernas conservá-las-ias  
como a liberdade de poder andar  
respondi: as pernas  
não queria ver-me  
impedida de abraçar.  
assim juntando as nossas  
perdas eu abraço-me a ti  
e peço-te anda, mostra-me o mundo  
e quando nos cansarmos  
abraçar-me-ás, então, com as pernas  
e eu  
andarei com os braços.

----------------------------------------

o rei de ítaca  
a civilização em que estamos é tão errada que  
nela o pensamento se desligou da mão  
ulisses rei de ítaca carpinteirou seu barco  
e gabava-se também de saber conduzir  
num campo a direito o sulco do arado

----------------------------------------

ressurgiremos  
ressurgiremos ainda sob os muros de cnossos  
e em delphos centro do mundo  
ressurgiremos ainda na dura luz de creta  
ressurgiremos ali onde as palavras  
são o nome das coisas  
e onde são claros e vivos os contornos  
na aguda luz de creta  
ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo  
são o reino do homem  
ressurgiremos para olhar para a terra de frente  
na luz limpa de creta  
pois convém tornar claro o coração do homem  
e erguer a negra exactidão da cruz  
na luz branca de creta

----------------------------------------

clara haskill  
e há sempre uma história das pessoas ouvida com o que somos,  
uma narração a prolongar a acústica dos sóis interiores, destinos  
quando a tarde esmorece, por exemplo, aos  
sessenta e cinco anos, clara haskill caiu na plataforma  
da gare de bruxelas. veio a morrer  
das complicações da queda. mas antes já tivera  
problemas da coluna e da vista, já  
tivera de fugir da alemanha. estas notas  
vêm na capa do disco em que ela, a intermediária  
de mozart, toca o concerto em ré menor, numa aura  
de densidades graves. você está deitada no sofá  
a ler um livro, quando eu lhe digo isto. não  
sei se presta atenção, ou se apenas sorri como a música requer  
e a haskill desejaria. a música é sempre autobiográfica  
para o ouvinte, uma acelerada angústia desmedindo o que  
ousávamos saber. e uma íntima aliança com a luz  
e o inominável da experiência fazem  
o sublime dessas marginalidades da vida.

----------------------------------------

o moinho de café  
o moinho de café figura nalguns  
quadros dos cubistas, com o jornal, a  
garrafa, o cachimbo, tudo em  
castanhos e cinzentos. é  
a realidade nas suas arestas vivas, a sombria  
presença das reduzidas  
alucinações: o moinho  
de café transformava tudo em fino pó  
moído que encravava as engrenagens mais íntimas,  
as da paixão e do lamento, ou as caligrafias  
lineares de meios perfis e aves azul-cobalto.  
mais tarde o moinho de café moeu a representação  
que se tornou irreconhecível e deu  
lugar a uma música de espirais  
menos rotativas, a uma memória  
menos angulosa, a uma periferia  
menos grata a cézanne, a uma natureza  
menos morta, talvez seja isso, a uma  
natureza pronta para a desordem  
de uma outra virtualidade ou natureza.  
o moinho de café tornou-se um realejo.  
o mundo acelerou-se,  
as vidas ficaram menos lineares  
e as águas de cristal ficaram pardas.

----------------------------------------

uma palavra no coração  
. . . mit einer hoffnung auf ein kommendes wort im herzen  
paul celan  
quando celan visitou heidegger, e passearam  
pelo bosque antes da chuva, ao despedir-se escreveu  
no livro da casa sobre a esperança de uma  
palavra a vir no coração. e repetiu em todtnauberg,  
dois anos antes de morrer, a referência obscura  
à linha escrita nesse livro, de uma esperança, então, de que,  
a um ser pensante?, de um ser pensante?,  
viesse uma palavra no coração. no coração, no lugar onde  
a palavra reconcilia por lá se encontrar desde antes,  
esperadamente. ao coração, seria menos visceral.  
ou já lá estava pronta a vir ou não valia a pena  
fosse quebrado o silêncio em tanta expectativa.  
as raízes do fogo e do sangue são as raízes  
violentas do poema, no seu magma revolto de estranhezas  
ou nalguma ténue chama azulando-se em sílabas  
delicadas como asas. instalada no coração,  
uma palavra, uma oferenda de música e plantas silvestres,  
viria a irromper do orvalho, benfazeja, transportando  
se não o esquecimento, a paz. uma palavra.  
tudo o que celan pedia e não sabemos se obteve  
e talvez ainda procurasse numa noite de abril, no rio sena.

----------------------------------------

a máscara  
esta luz animada e desprendida  
duma longínqua estrela misteriosa  
que, vindo reflectir-se em nosso rosto,  
acende nele estranha claridade;  
esta lâmpada oculta em nossa máscara  
tornada transparente e radiante  
de alegria, de dor ou desespero  
e de outros sentimentos emanados  
do coração dum anjo ou dum demónio;  
este retrato ideal e verdadeiro,  
composto de alma e corpo e de que somos  
a trágica moldura, errando à sorte,  
é ela, é ela, a nossa aparição,  
feita de estrelas, sombras, ventanias  
e séculos sem fim surgindo, enfim,  
cá fora, sobre a terra, à luz do sol.

----------------------------------------

canto indecisco xxii  
cousas fraternas, cósmica lembrança  
divina esperança,  
que se expande num ímpeto infinito  
e se condensa em formas de granito,  
de terra e fogo, – as brutas formas belas!  
e acende na imperfeita criatura  
(humanizada noite, com figura)  
as almas, que são íntimas estrelas.  
a mais profunda e viva inspiração  
deixa, da sua enorme criação,  
em palavras de tinta, o resplendor dum verso.  
assim a esperança, eternamente a arder,  
seguindo etéreo rumo,  
vai deixando, no espaço, as formas do universo,  
vagos sinais de fumo,  
recordações mortais do seu divino ser.

----------------------------------------

retrato de uma princesa desconhecida  
para que ela tivesse um pescoço tão fino  
para que os seus pulsos tivessem um quebrar de caule  
para que os seus olhos fossem tão frontais e limpos  
para que a sua espinha fosse tão direita  
e ela usasse a cabeça tão erguida  
com uma tão simples claridade sobre a testa  
foram necessárias sucessivas gerações de escravos  
de corpo dobrado e grossas mãos pacientes  
servindo sucessivas gerações de príncipes  
ainda um pouco toscos e grosseiros  
ávidos cruéis e fraudulentos  
foi um imenso desperdiçar de gente  
para que ela fosse aquela perfeição  
solitária exilada sem destino

----------------------------------------

apolo  
dos fumos da distância,  
etéreos e azulados,  
surge, vertiginoso,  
um resplendor de chama.  
há fogueiras queimando  
os longes ensombrados;  
dir-se-á que o nosso olhar tudo o que toca inflama.  
abrasa todo o espaço  
um fogo de delírio;  
ao apagar-se, é pedra,  
é homem e arvoredo.  
vejo um clarão, no azul,  
que, em ermo outeiro, é lírio.  
vejo um raio tomar as formas dum penedo.  
vejo o incêndio de tudo;  
e sinto o grande sol  
crepitar no meu sangue,  
arder dentro de mim;  
fulgir num tronco em flor,  
na voz do rouxinol,  
derramar-se, na terra, em lágrimas sem fim.  
concentro-me na luz;  
subo na claridade  
que a imagem deste mundo  
aos outros mundos leva;  
e vejo bem que desço  
a uma profundidade,  
quando meu ser alaga a inundação da treva.  
a noite é a tua lira,  
apolo, que emudece.  
o dia é o som divino  
e puro que ela exala.  
ouvindo-o, na planície,  
o trigo amadurece;  
o lírio ri, na aurora; à tarde, a água fala.  
tenho um sentido astral,  
que sabe distinguir  
tua alegre canção  
de mística harmonia.  
meu sonho era poder,  
em versos, traduzir  
teu cântico de luz que os mundos extasia.

----------------------------------------

encontro  
do meu encontro vivo com as cousas  
humildes da natura, nascem almas,  
aparições divinas,  
que, abstractas, me contemplam, não sei donde,  
não sei de que lugar desconhecido  
e fora deste espaço em que aparecem  
as árvores e os penedos.  
vejo espectros, imagens do mistério,  
quiméricas figuras,  
perfis de lume impressos no crepúsculo,  
como sinais de agoiro. . .  
perfis de palidez alvorecendo ao longe,  
e tristezas que são retratos esvaídos,  
de ignotas divindades. . .  
estátuas do silêncio e da melancolia,  
na solidão dos montes. . .  
atitudes da esfinge no deserto,  
a sombra das pirâmides ao sol,  
e platão arrastando a túnica de luz,  
entre os padres do egipto, hieráticos e tristes,  
vestidos de poeira e de penumbras mortas,  
nos templos de luar e empedernidas nuvens. . .  
vejo, diante de mim, quiméricas presenças,  
horizontes de sonho que me cingem  
num doloroso abraço! escuras aves  
que me pousam na fronte anoitecida,  
e ventos que me levam através  
de névoas e relâmpagos. . .  
e, já perdido e morto, não sou mais  
que uma aparência humana,  
boiando sobre as ondas da emoção  
que brotam, cá de dentro, como sangue  
duma ferida aberta. . .  
e vou à flor das ondas que se espraiam  
em litorais de neve e branca espuma,  
em distâncias azuis de claridade infinda,  
e no vago nocturno em que as estrelas  
afloram, como risos do demónio. . .  
flutuo num sonho aéreo,  
em alturas de místico esplendor,  
onde abre o lírio branco do luar.  
flutuo num sonho aéreo, em que me vejo  
um ser indefinido. . . a noite imensa,  
que estende sobre mim as negras asas,  
não me pode esconder. a minha face,  
erguida para além da escuridão,  
contempla a luz divina./pre>

----------------------------------------

um cão para pompeia  
aos amantes enlaçados contraponho  
um cão de pompeia, decerto ele andaria  
a brincar junto ao forum, à cata de algum osso,  
quando o vesúvio o caçou, mais lesto,  
para moldá-lo em pedra-pomes.  
insisto em vê-lo como um bicho magro e descuidado,  
de penúria diuturna. passou de leve  
pelos peristilos, alheio ao luxo, à corrupção,  
à astrologia, e nunca dos triclínios  
lhe caiu um naco envenenado, nunca se tornou  
nem animal simbólico, nem mito que ganisse.  
nunca foi encontrado nas escavações, mas é para aqui chamado.  
era um cão, just a dog, com pulgas e  
que alçava a perna como todos os cães  
e ladrava e mordia quando era preciso.  
fazia pela vida e, fauno das esquinas, pelas cadelas no cio.  
alguma tabuleta diria cave canem em tésseras minúsculas,  
sem alaridos da história, e só sobreviveu  
nos livros de latim expurgados, misturada  
com a guerra das gálias e alguns nomes de deuses.  
eu canto um cão sem fábula nem pedigree, que não fugiu aos fados,  
um rafeiro vulgar, digamos, de plínio  
o velho que, a propósito, morreu perto dali,  
talvez uivando, uns dias depois dele.  
“você é um cerebral”, disse-me cloé, flava e enervada.  
“sim”, disse-lhe eu com prudência, “mas há tantos.  
e o amor e a morte sempre foram pensáveis”.  
e acrescentei “e depois? que mal faz isso ao cão?”

----------------------------------------

os navegadores  
o múltiplo nos enebria  
o espanto nos guia  
com audácia desejo e calculado engenho  
forçámos os limites –  
porém o deus uno  
de desvios nos protege  
por isso ao longo das escadas  
cobrimos de oiro o interior sombrio das igrejas

----------------------------------------

poeta  
quando a primeira lágrima aflorou  
nos meus olhos, divina claridade  
a minha pátria aldeia alumiou  
duma luz triste, que era já saudade.  
humildes, pobres cousas, como eu sou  
dor acesa na vossa escuridade. . .  
sou, em futuro, o tempo que passou;  
em mim, o antigo tempo é nova idade.  
sou fraga da montanha, névoa astral,  
quimérica figura matinal,  
imagem de alma em terra modelada.  
sou o homem de si mesmo fugitivo;  
fantasma a delirar, mistério vivo,  
a loucura de deus, o sonho e o nada.

----------------------------------------

para a educação sentimental  
tantas vezes se vive de uma arrebatada  
noção dos contrastes mais fortes entre o bem e o  
mal, entre a grandeza e a abjecção, entre as rápidas  
peripécias de um heroísmo ansioso e o destino inexorável,  
que o melodrama é da nossa mais funda natureza,  
nostálgica, obscuramente nostálgica do coração radical,  
do que vai à desfilada nos sonhos contraditórios,  
do que engendra imagens capciosas e julga viver em liberdade,  
mas é só imprudente e explosivo, mas esbarra  
nas malhas deste mundo, nos imprevistos  
da traição e da morte, ou tem de renunciar perante os rasgos  
mais sublimes. a paixão dilacera bruscamente as personagens  
apegadas à felicidade, os obstáculos  
também têm protagonistas, ajustes de contas, cruéis fulgores,  
perseguições, e nos casos desvairados de amor não há saída.  
desse falhanço insuportável nasce o melodrama,  
lírico, incontido, entre golfadas de espiral vertiginosa  
com o sangue e a memória, com o que não tem remédio e a música trágica,  
em que alguém vai morrer, alguém se perde alucinado,  
e alguém se salva e porventura alguém escreve  
a história e alguém lhe junta a música  
para as emoções serem mais opressivas e talvez mais devoradoras  
e mais fáceis, e alguém tem o desejo disso, um estremecimento  
de arrepio e vulgaridade, um ávido prazer inconfessado.

----------------------------------------

idílio  
conforme vai crescendo  
a noite sobre mim,  
mais próxima e real  
é a tua aparição. . .  
os teus olhos de sombra  
em rosto de marfim,  
tua voz, num murmúrio de oração.  
ó virgem da tristeza,  
ouço-te os passos. . . vejo  
impresso, na minh’alma,  
o talhe dos teus pés. . .  
vens, de longe. . . lá vens,  
sorrindo, dar-me um beijo,  
com uns lábios que a terra já desfez.  
teu contacto espectral  
de sombra enamorada  
afoga-me em silêncio  
e lívido palor. . .  
e a minha vida fica,  
extática e abismada,  
numa fundura lúgubre de amor.

----------------------------------------

elegia  
o futuro não o guardamos em casa, perde-se  
disperso entre a meia-noite e a folhagem. nu,  
exposto como uma província além da trincheira  
das janelas, fala-nos do ouro puído destes dias,  
desse sentido ganho nas coisas que se perdem,  
salivando a passagem das horas, sustendo  
contra a dor o dreno das nossas vidas.  
lembramos os pequenos oráculos da infância,  
os sonhos que são memórias já na sua escura  
torre do tombo, ao intimarmos, no sossego  
povoado, a evasiva alma do passado. buscamos  
no ontem uma recompensa, sabendo que não  
há outro homem para o homem deste lugar,  
sangue mais limpo correndo pela carne  
de quem nasce, a sua genuína morte pastoral.  
eis chegado o tempo da ceifa, dos presságios  
de longe trazidos no rumor das trompas outonais.  
as palavras, os trémulos ramos das palavras,  
pressentem o espírito da revelação em cada coisa.  
assim choramos a festa última dos instantes,  
dias de uma neblina fiel cobrem-nos os passos,  
obscurecendo essas mãos que gostariam de subir  
ao céu como escadas. se conhecesse a linguagem  
fácil do tributo cantaria a queda adivinhada  
a tempo de o poema terminar na forma de uma elegia.

----------------------------------------

rosário  
soluça ao longe a tua voz, na minha boca,  
a medalha que trago ao peito, não a esquece  
a neve, o frio que vai na alma, sob um céu  
que escorre a sua luz de cera derretida.  
corpo erguido para a cruz, sem olhos  
para a lágrima derradeira, passeiam as mãos  
pela branca pedra do teu rosto e quedam-se  
ante os teus lábios, o silêncio.  
o fumo, as sirenes do adeus escavam túneis  
na paisagem. olho a lanterna imóvel sobre o neva,  
a névoa eterna sobre o rio, e canto um cêntimo  
de vida sob o álamo, junto aos muros da prisão.  
não conhece verão o livro de lembranças  
do teu rosto, filho meu em voo pelas janelas,  
perde-se como um ícone na moldura  
a tua vida. não sou eu já quem te espera,  
sustendo nas minhas o calor das tuas mãos:  
a loucura escreve num verso o vão delírio  
de sonhar-te, tu, sombra, murmurada pela tarde  
quando passa o vento em tsarskoie selo.  
naufraga nas minhas pálpebras o mundo,  
uma lágrima. a essa carne raiada na morgue  
pela luz leio a fiada de contas do poema.  
a memória é a casa que me deixaste, na sibéria.

----------------------------------------

missa de aniversário  
há um ano que os teus gestos andam  
ausentes da nossa freguesia  
tu que eras deste campos  
onde de novo a seara amadurece  
donde és hoje?  
que nome novo tens?  
haverá mais singular fim de semana  
do que um sábado assim que nunca mais tem fim?  
que ocupação é agora a tua  
que tens todo o tempo livre à tua frente?  
que passos te levarão atrás  
do arrulhar da pomba em nossos céus?  
que te acontece que não mais fizeste anos  
embora a mesa posta continue à tua espera  
e lá fora na estrada as amoreiras tenham outra vez florido?  
era esta a voz dele assim é que falava  
dizem agora as giestas desta  
sua terra  
que o viram passar nos caminhos da infância  
junto ao primeiro voo das perdizes  
já só na gravata te levamos morto àqueles caminhos  
onde deixaste a marca dos teus pés  
apenas na gravata. a tua morte  
deixou de nos vestir completamente  
no verão em que partiste bem me lembro  
pensei coisas profundas  
é de novo verão. cada vez tens menos lugar  
neste canto de nós donde anualmente  
te havemos piedosamente de desenterrar  
até à morte da morte

----------------------------------------

deus absconditus  
deus é para vós um sonho incompreensível,  
atrás da janela simulada  
em que vos esconde o céu.  
expostos ao seu olhar de rapina,  
dele vos ausentastes como quem dorme  
entre ramos que se movem numa lembrança de vento.  
dependurado na vida dos santos,  
evacuado foi do espaço que habitais.  
vacila na ostensão própria de um rosto.  
deus do avesso de todas as coisas,  
uma paciência do tamanho da vossa idade,  
passeia às cegas sobre o hades, embalado  
num tentar difuso, numa ânsia de marcar fronteiras,  
peito chato de quem tossiu o universo  
e as estrelas recolhe no punho, às mãos-cheias.  
deus-despojo-de-si-mesmo, pela tarde:  
chaga aberta à fúria das bestas proscritas  
e ao registo de fumo das chaminés.

----------------------------------------

na colina do instante  
há um cheiro de absinto quando os capricórnios  
da casca apodrecida dos carvalhos velhos  
iniciam seu voo pelo mês de junho  
colhemos avelãs ao longo do jardim  
onde as tílias ao vento espalham o aroma  
a frescura da fruta vence o sol rasante  
somos quem fomos caminhamos tão de leve  
temos tamanha dignidade de crianças  
que nem a morte aqui de nós se lembraria  
nem mesmo a monstruosa flor de outros destinos  
nem qualquer outra das repúblicas do ódio  
encresparia o calmo mar do fim da tarde  
é à celebração sagrada do acaso  
à festa da essência mineral do mundo  
que o sol procede no segredo deste templo  
a tarde é tudo e tudo são caminhos  
somos eleitos cúmplices da hora  
aqui não chega o desatino do verão  
esqueço a aversão dos meus antepassados  
e levanto-me sobre a derradeira luz  
por instantes sou eu ninguém morreu aqui  
ó minha vida esse processo que perdi

----------------------------------------

laudator temporis acti  
entregue a verbenas e banhos, a europa,  
agastada porque respira um ar nocivo,  
entre o hábito da retórica e apodos  
em honra de aretino, vai adorando  
estátuas milenares a hermes e diana,  
cristos em talha, sensuais madonas,  
sem nada recear,  
o velho conciliábulo entre fome e peste  
que a levou tantas vezes à submissão.  
deleitada à vista dos seus domínios  
como senhor das ameias de um castelo  
derrama o olhar pela lisura das planícies  
assinalando, aqui, um mosteiro franciscano  
com o seu voto de abstinência na paisagem,  
ali, uma catedral onde anjos se imobilizam  
na pedra, sem gestos,  
e dirigem uma atenção gelada ao que, em baixo,  
perece ou se contrai em fatalidade e impenitência.

----------------------------------------

fúrias  
escorraçadas do pecado e do sagrado  
habitam agora a mais íntima humildade  
do quotidiano. são  
torneira que se estraga atraso de autocarro  
sopa que transborda na panela  
caneta que se perde aspirador que não aspira  
táxi que não há recibo estraviado  
empurrão cotovelada espera  
burocrático desvario  
sem clamor sem olhar  
sem cabelos eriçados de serpentes  
com as meticulosas mãos do dia-a-dia  
elas nos desfiam  
elas são a peculiar maravilha do mundo moderno  
sem rosto e sem máscara  
sem nome e sem sopro  
são as hidras de mil cabeças da eficácia que se avaria  
já não perseguem sacrílegos e parricidas  
preferem vítimas inocentes  
que de forma nenhuma as provocaram  
por elas o dia perde seus longos planos lisos  
seu sumo de fruta  
sua fragrância de flor  
seu marinho alvoroço  
e o tempo é transformado  
em tarefa e pressa  
a contratempo

----------------------------------------

adão  
estás sentado na soleira dos dias  
só com a cortesia dos teus gestos.  
uma janela abra à paisagem a tua vida,  
fragas onde repousas um momento o olhar  
sob o arco de abóbada do céu, ele que por ti  
fecha à noite as pálpebras, antes do sono.  
se pudesses não ser sob a lua, dormindo  
a teu lado como um cadáver! em vão  
esgrimem os teus braços a espada da sua luz  
como quem sonha negar o mundo à sua volta:  
as folhas que instituem para contigo falar  
um alfabeto, o vento que se dedica a trabalhos  
de renda sobre o mar, um salgueiro que dobra  
os joelhos como pelo ofício das tardes  
e os juncos que vacilam uma vontade na vénia inútil  
a ti que chegas, a ti que partes, sem palavras,  
o bico de um mocho indicando as trevas.  
para quê falar? já tudo sabem esses passos  
que derramas sobre a infância dos caminhos,  
perscrutando a sina das estrelas no alto.  
para quê inscrever aí o teu nome? ninguém  
sentirá a falta, na certeza de um mundo  
a que não podereis regressar, tu, convidado  
de honra para assistires ao fim de tudo,  
esperas unir aos outros no incêndio as tuas cinzas.

----------------------------------------

uma forma de me despedir  
há o mar há a mulher  
quer um quer o outro me chegam em acessíveis baías  
abertas talvez no adro amplo das tardes dos domingos  
oiço chamar mas não de uma forma qualquer  
chamar mas de uma certa maneira  
talvez um apelo ou uma presença ou um sofrimento  
ora eu que no fundo  
apesar das muitas palavras vindas nas muitas páginas dos dicionários  
bem vistas as coisas disponho somente de duas palavras  
desde a primeira manhã do mundo  
para nomear só duas coisas  
apenas preciso de as atribuir  
não sei se gosto mais do mar  
se gosto mais da mulher  
sei que gosto do mar sei que gosto da mulher  
e quando digo o mar a mulher  
não digo mar ou mulher só por dizer  
ao dizer o mar a mulher  
há penso eu um certo tom na minha voz sinto um certo travo na boca  
que mostram que mais que palavras usadas para falar  
dizer como eu digo a mulher o mar  
mar mulher assim ditos  
são uma maneira talvez de gostar  
e a consciência de que se gosta  
e um prazer em o dizer  
um gosto afinal em gostar  
enfim o mar a mulher  
pode num dos casos ser a/mar a mulher  
mera forma talvez de uniformizar o artigo  
definido do singular  
há ondas no mar  
o mar rebenta em ondas espraiadas nos compridos cabelos da mulher  
que ela faz ondular melhor de tarde em tarde  
no mês de setembro nas marés vivas  
o melhor da mulher talvez o olhar  
é para mim o mar da mulher  
e à mulher que um só dia encontro na vida  
de passagem um simples momento num sítio qualquer  
talvez a muitos quilómetros do mar  
mas mulher que não mais consigo esquecer  
mesmo imerso na dor ou submerso em cuidados  
a essa mulher qualquer  
eu chamo mulher do mar  
nos fins de setembro quando eu partir  
de uma cidade seja ela qual for  
quando eu pressentir que alguém morre  
que alguma coisa fica para sempre nos dias  
e ou nuns olhos ou numa água  
num pouco de água ou em muita água  
onda do mar lágrima ou brilho do olhar  
eu recear seriamente vir-me a submergir  
direi alto ou baixo conforme puder  
com a boca toda ou já a custar-me a engolir  
as palavras mar ou mulher  
com certo vagar e cada vez mais devagar  
mulher mar  
depois quase já só a pensar  
o mar a mulher  
não sei mas será  
talvez mais que outra coisa qualquer  
uma forma de me despedir

----------------------------------------

o último poeta romano  
enquanto rebentam as ondas junto às praias,  
e há troar de canhões além dos muros da cidade,  
queria o direito a uma hora indulgente e fugaz,  
num espaço inviolável,  
guardado pelas asas da musa e os provérbios da sibila  
como o actor recolhido aos bastidores do teatro.  
esquecidos os sonhos da cabeça adornada por folhas de louro  
ou os canapés onde se alongam as últimas almas epicuristas,  
num sossego adverbial, em que nada mais ouvisse,  
tudo ele pudesse guardar, no âmbito da sua arte,  
com a leveza que deixa a pluma ao roçar o papel.  
purificada, ao salivá-la como hóstia sob a língua,  
cada palavra tivesse a autoridade da grinalda  
ou do selo real  
e estreitasse numa sebe o mundo que conheceu,  
enquanto tudo se gentiliza e desmorona à sua volta.  
nesse trabalho de falcoaria sobre o tempo ido,  
escrever lembra-lhe os cortes feitos pela navalha  
do prisioneiro na parede da cela, contando os dias,  
certo de esperá-lo o nó corrediço da forca  
ou o tiro disparado de frente sobre o crânio.  
sabendo todo o seu trabalho entregue nessa hora  
à dispersão,  
deseja salvar, consoladora e suficiente,  
palavra sua na face de uma estela futura.

----------------------------------------

de temporum fine comoedia  
1  
assomas no arco da porta com teu rosto de cera  
e seguras o colar num gesto extravagante,  
defendida de mais uma piada suburbana.  
“espera-te o museu”, ia dizer, numa derrisão fatal.  
a palavra é recolher sem perda de tempo  
e tudo receber com uma última aclamação.  
rufam tambores, querida, como nos tempos  
antigos, ébrios de sangue, chamando-nos  
à cerimónia sacrificial. o rosto que nos promete  
o televisor, vê, tem algo de ancestral e terrífico  
quando o vemos a meio da fatídica arenga.  
mutismo. em casa não temos almofada de joelhos  
e a segurança, já o sabemos, é o teu sonho preferido,  
se te debruças para os toldos e a linha da água.  
vais até à varanda como testemunha ocular dos fogos  
que se acendem, inelutavelmente, na distância.  
vejo como o medo em ti cinzela uma estátua  
de olhar velado e face muda, inexpressiva,  
recolhida, como estás, dentro de ti,  
ao esconderijo mais abstruso de todos.  
2  
chegados um ao outro, felizes se ouvimos  
um ruído clamoroso na distância, olhamo-nos,  
pois cumprida é a promessa, o sacramento  
de ordem com que fomos investidos pelo tempo.  
que fazer, perguntas. içar o velame  
ou escavar em casa a galeria de mina,  
desertando os dois, por um fuso horário,  
na descida para os antípodas do mundo?  
tomar um revulsivo ou deixarmo-nos ir,  
movidos pelo vento, sob a aba dos telhados?  
nada poderás levar, num último arrebatamento.  
tu mesma serás presa, na tarde momentosa,  
de quando foi desejo teu e perdes sem apelo  
sob a lei da plebe ou uma qualquer ordem  
pretoriana, sentenciada ao motivo bíblico  
e à resignação de uma existência romana.  
hoje tens só a imitação do teu rosto  
no espelho. e nada mais te cumpre defender  
à hora de sublevarem-se as obras de deus  
(além do olhar, vê, tens ainda o mundo inteiro . . .).

----------------------------------------

oh as casas as casas as casas  
oh as casas as casas as casas  
as casas nascem vivem e morrem  
enquanto vivas distinguem-se umas das outras  
distinguem-se designadamente pelo cheiro  
variam até de sala pra sala  
as casas que eu fazia em pequeno  
onde estarei eu hoje em pequeno?  
onde estarei aliás eu dos versos daqui a pouco?  
terei eu casa onde reter tudo isto  
ou serei sempre somente esta instabilidade?  
as casas essas parecem estáveis  
mas são tão frágeis as pobres casas  
oh as casas as casas as casas  
mudas testemunhas da vida  
elas morrem não só ao ser demolidas  
elas morrem com a morte das pessoas  
as casas de fora olham-nos pelas janelas  
não sabem nada de casas os construtores  
os senhorios os procuradores  
os ricos vivem nos seus palácios  
mas a casa dos pobres é todo o mundo  
os pobres sim têm o conhecimento das casas  
os pobres esses conhecem tudo  
eu amei as casas os recantos das casas  
visitei casas apalpei casas  
só as casas explicam que exista  
uma palavra como intimidade  
sem casas não haveria ruas  
as ruas onde passamos pelos outros  
mas passamos principalmente por nós  
na casa nasci e hei-de morrer  
na casa sofri convivi amei  
na casa atravessei as estações  
respirei – ó vida simples problema de respiração  
oh as casas as casas as casas

----------------------------------------

a mão no arado  
feliz aquele que administra sabiamente  
a tristeza e aprende a reparti-la pelos dias  
podem passar os meses e os anos nunca lhe faltará  
oh! como é triste envelhecer à porta  
entretecer nas mãos um coração tardio  
oh! como é triste arriscar em humanos regressos  
o equilíbrio azul das extremas manhãs do verão  
ao longo do mar transbordante de nós  
no demorado adeus da nossa condição  
é triste no jardim a solidão do sol  
vê-lo desde o rumor e as casas da cidade  
até uma vaga promessa de rio  
e a pequenina vida que se concede às unhas  
mais triste é termos de nascer e morrer  
e haver árvores ao fim da rua  
é triste ir pela vida como quem  
regressa e entrar humildemente por engano pela morte dentro  
é triste no outono concluir  
que era o verão a única estação  
passou o solidário vento e não o conhecemos  
e não soubemos ir até ao fundo da verdura  
como rios que sabem onde encontrar o mar  
e com que pontes com que ruas com que gentes com que montes conviver  
através de palavras de uma água para sempre dita  
mas o mais triste é recordar os gestos de amanhã  
triste é comprar castanhas depois da tourada  
entre o fumo e o domingo na tarde de novembro  
e ter como futuro o asfalto e muita gente  
e atrás a vida sem nenhuma infância  
revendo tudo isto algum tempo depois  
a tarde morre pelos dias fora  
é muito triste andar por entre deus ausente  
mas, ó poeta, administra a tristeza sabiamente

----------------------------------------

e tudo era possível  
na minha juventude antes de ter saído  
da casa de meus pais disposto a viajar  
eu conhecia já o rebentar do mar  
das páginas dos livros que já tinha lido  
chegava o mês de maio era tudo florido  
o rolo das manhãs punha-se a circular  
e era só ouvir o sonhador falar  
da vida como se ela houvesse acontecido  
e tudo se passava numa outra vida  
e havia para as coisas sempre uma saída  
quando foi isso? eu próprio não o sei dizer  
só sei que tinha o poder duma criança  
entre as coisas e mim havia vizinhança  
e tudo era possível era só querer

----------------------------------------

os gregos  
aos deuses supúnhamos uma existência cintilante  
consubstancial ao mar à nuvem ao arvoredo à luz  
neles o longo friso branco das espumas o tremular da vaga  
a verdura sussurrada e secreta do bosque o oiro erecto do trigo  
o meandro do rio o fogo solene da montanha  
e a grande abóbada do ar sonoro e leve e livre  
emergiam em consciência que se vê  
sem que se perdesse o um-boda-e-festa do primeiro dia –  
esta existência desejávamos para nós próprios homens  
por isso repetíamos os gestos rituais que restabelecem  
o estar-ser-inteiro inicial das coisas –  
isto nos tornou atentos a todas as formas que a luz do sol conhece  
e também à treva interior por que somos habitados  
e dentro da qual navega indicível o brilho

----------------------------------------

as crianças  
são crianças que não gostariam de ter nascido.  
patinam sobre o gelo até ao fundo do bosque,  
convocando milagres com o olhar, buscando  
um rosto na baça luz dos cafés. cada dedo  
é um amuleto a guardá-las do quarto da lua  
ou do rebate dos sinos no alto da torre.  
sós, são velhas como as horas no quadrante.  
denunciam com a voz um outro poder,  
invisível, sugerido pelas sombras e o medo,  
a cidade à noite suspensa de seus braços.

----------------------------------------

fulget crucis mysterium  
estas são as cartas de casa. soltas as velas  
que partem sobre o grande escudo das águas  
a escrever as alegrias do mundo indiferente.  
nada se perde dessa alegria gravada nas rugas  
de um rosto desprevenido. a visão perfeita  
de um corpo atento à ousadia das estrelas no alto,  
às breves complacências do amor e da inocência:  
espera, exausto, o corpo a cruz que lhe sobe  
(pregos, espinhos) pelos rios da carne venal.  
o texto da privação absoluta escreve, o amor,  
sob o ar irrespirável, ó diligente cantor:  
esculturas de lava humana como ilhas de fumo  
na distância, sob trópicos da penúria e da sede.  
parte sobre as consoantes abertas do oceano a inventar  
de novo o riso fácil, o bom presságio, o mundo azul.

----------------------------------------

três ou quatro crianças  
mais ou menos aqui havia há pouco umas crianças  
três ou quatro crianças mais ou menos ali  
devia haver crianças há este sítio do sol  
aqui onde o vento vitima às vezes o verão  
e crianças no verão no montículo aqui  
crianças que o vento vitima  
minhas vítimas virtuais outras vezes  
vítimas agora dos meus olhos que agora as não vêem  
crianças em crise polvilhadas de pó  
puro pó ao vento revolto um momento  
crianças que um só pensamento pode levar  
crianças que se definem pelo crescimento  
que no contentamento por vezes de todo se contêm  
crianças canas que vergam leves ao vento  
do instante crianças que ora aqui se concentram  
ora se erguem ali sempre alheias a si  
crianças quase sem peso quase até sem pés  
oscilando nas hastes ao vento  
como por encanto por vezes envoltas no seu manto  
crianças coisas quase apenas pensadas  
coisas das quais se duvida às vezes  
que a gente quase não sabe se são ou não são  
que ora nos parece que são ora que não são  
que são vivas vítimas talvez da dúvida  
crianças pouco mais do que dúvidas  
que estavam que não estão aqui  
que mesmo quando aqui estavam não estavam aqui  
que quando muito podem talvez ter aqui estado  
ao vento dentro deste verão  
crianças coisas que voam coisas que se evolam  
aves de olhos leves três ou quatro vozes  
três ou quatro notas do tempo do vento  
crianças três ou quatro momentos ao todo  
três ou quatro casas ao vento  
casas ao alto erguidas e logo caídas  
casas caídas caiadas  
três ou quatro nadas  
canas vistas vergar há pouco nas frágeis vidas  
agora fugidas da minha vista  
três ou quatro crianças absortas nas suas vidas  
cada uma bem pouco três  
ou quatro crianças três ou quatro vezes a vida  
há aqui este cabeço estavam estariam aqui  
três ou quatro que havia três ou quatro que eu via que ouvia  
coisas que eu vi que talvez tenha visto  
pouco mais que um gesto  
pouco mais que um instante neste mês de agosto  
já não sei se as vi já não sei se as não vi  
haveria umas crianças mais ou menos aqui

----------------------------------------

a flor da solidão  
vivemos convivemos resistimos  
cruzámo-nos nas ruas sob as árvores  
fizemos porventura algum ruído  
traçámos pelo ar tímidos gestos  
e no entanto por que palavras dizer  
que nosso era um coração solitário  
silencioso profundamente silencioso  
e afinal o nosso olhar olhava  
como os olhos que olham nas florestas  
no centro da cidade tumultuosa  
no ângulo visível das múltiplas arestas  
a flor da solidão crescia dia a dia mais viçosa  
nós tínhamos um nome para isto  
mas o tempo dos homens impiedoso  
matou-nos quem morria até aqui  
e neste coração ambicioso  
sozinho como um homem morre cristo  
que nome dar agora ao vazio  
que mana irresistível como um rio?  
ele nasce engrossa e vai desaguar  
e entre tantos gestos é um mar  
vivemos convivemos resistimos  
sem bem saber que em tudo um pouco nós morremos

----------------------------------------

algumas proposições com pássaros e árvores que  
o poeta remata com uma referência ao coração  
os pássaros nascem na ponta das árvores  
as árvores que eu vejo em vez de fruto dão pássaros  
os pássaros são o fruto mais vivo das árvores  
os pássaros começam onde as árvores acabam  
os pássaros fazem cantar as árvores  
ao chegar aos pássaros as árvores engrossam movimentam-se  
deixam o reino vegetal para passar a pertencer ao reino animal  
como pássaros poisam as folhas na terra  
quando o outono desce veladamente sobre os campos  
gostaria de dizer que os pássaros emanam das árvores  
mas deixo essa forma de dizer ao romancista  
é complicada e não se dá bem na poesia  
não foi ainda isolada da filosofia  
eu amo as árvores principalmente as que dão pássaros  
quem é que lá os pendura nos ramos?  
de quem é a mão a inúmera mão?  
eu passo e muda-se-me o coração

----------------------------------------

o jogo do chinquilho  
renasce neste largo a minha infância  
a minha vida tem aqui nova nascente  
e jorra de repente com o ímpeto do início  
o tempo não passou ou só a consciência  
que provisoriamente sinto de voltar alguns anos atrás  
a sensação que sei de reflectir sobre esse tempo  
de ser um espectador de sucessivos sucedidos dias  
de não viver apenas não viver sem sequer saber que vivo  
num espaço demarcado onde as coisas e os homens  
eram tanto que eram simplesmente  
só essa consciência e sensação me fazem suspeitar  
de que passou o tempo que nunca passou  
o adro o fim da tarde o jogo do chinquilho  
o ruído das malhas os paulitos  
o sol poente sobre si redondo como simples  
malha atirada por alguém pelo espaço do dia  
e prestes a cair no mar como nas tábuas  
o gesto perdulário e impensado de jogar  
a malha como quem num gesto joga a vida  
as silhuetas hirtas dos que assistem  
de boné ou barrete na cabeça e mãos nos bolsos  
tudo se passa aqui ali há trinta e cinco anos  
como se aqui ninguém houvesse envelhecido  
nem sofrido ou morrido ou suportado  
toda a imensa fome requerida para produzir um rico  
como se aqui ninguém tivesse demandado  
longe de aqui o seu país noutros países  
tudo é o mesmo adro a mesma tarde o mesmo jogo  
até este café onde sentado olho e penso por olhar  
é afinal o mesmo onde bebi a meias com meu pai  
a primeira cerveja uma cerveja vinda  
através do calor do dia de verão  
nesse cesto de vime nesse poço mergulhado  
é o mesmo o sabor que sempre sinto nesta boca  
há muitos anos já mordendo o vinho o pão a vida  
o sabor das mulheres das raparigas  
inacessíveis sempre como um absoluto  
sempre impossível tido no entanto por possível  
o sabor da derrota ou o sabor da terra  
sensível dia a dia nos meus dedos  
e um dia susceptível de me encher a boca para sempre  
envelheci eu sei e só ganhei  
o que perdi. sou de uma adulta idade  
e entretanto tudo a noite rodeou e o jogo acabou  
e pelo céu do tempo houve um homem que passou  
ou uma certa malha arremessada por acaso à vida  
e viva na precária trajectória antes de caída

----------------------------------------

sibilas  
sibilas no interior dos antros hirtos  
totalmente sem amor e cegas.  
alimentando o vazio como um fogo  
enquanto a sombra dissolve a noite e o dia  
na mesma luz de horror desencarnada.  
trazer para fora o monstruoso orvalho  
das noites interiores, o suor  
das forças amarradas a si mesmas  
quando as palavras batem contra os muros  
em grandes voos cegos de aves presas  
e agudamente o horror de ter as asas  
soa como um relógio no vazio.

----------------------------------------

descobrimento  
um oceano de músculos verdes  
um ídolo de muitos braços como um polvo  
caos incorruptível que irrompe  
e tumulto ordenado  
bailarino contorcido  
em redor dos navios esticados  
atravessamos fileiras de cavalos  
que sacudiam as crinas nos alísios  
o mar tornou-se de repente muito novo e muito antigo  
para mostrar as praias  
e um povo  
de homens recém-criados ainda cor de barro  
ainda nus ainda deslumbrados

----------------------------------------

zona biográfica  
agora que o mundo deslizou como uma bola  
das mãos de deus e cruza a noite vazia  
dos espaços sabemos que a morte nos espera  
disposta como uma refeição à nossa mesa.  
rendemos à sorte de cada minuto as nossas  
vidas e corremos de monte em monte como  
correria uma canção levada pelo vento.  
a janela do comboio desenha, alisada  
pelo gelo e o fogo, as ermas paisagens conhecidas  
(ao longe, vê, a cinza e o sangue novo do crepúsculo).  
alma, era este o mundo, a imagem que retenho,  
ao inspirar, nos meus brônquios. quando o ar  
se evadir da minha boca sei que perdi tudo,  
é outro o mundo e sou eu, crê-me, a sua testemunha.  
nada nos resta senão lembrar as coisas tocadas  
e suprimidas nesse mapa de ausência compassiva:  
praga, hamburgo, leipzig, viena, essa obscura  
zona biográfica onde largámos o passado  
e perdemos a pauta dos horários futuros.

----------------------------------------

poema podendo servir de posfácio  
ruas onde o perigo é evidente  
braços verdes de práticas ocultas  
cadáveres à tona de água  
girassóis  
e um corpo  
um corpo para cortar as lâmpadas do dia  
um corpo para descer uma paisagem de aves  
para ir de manhã cedo e voltar muito tarde  
rodeado de anões e de campos de lilases  
um corpo para cobrir a tua ausência  
como uma colcha  
um talher  
um perfume  
isto ou o seu contrário, mas de certa maneira hiante  
e com muita gente à volta a ver o que é  
isto ou uma população de sessenta mil almas devorando almofadas escarlates a caminho do mar  
e que chegam, ao crepúsculo,  
encostadas aos submarinos  
isto ou um torso desalojado de um verso  
e cuja morte é o orgulho de todos  
ó pálida cidade construída  
como uma febre entre dois patamares!  
vamos distribuir ao domicílio  
terra para encher candelabros  
leitos de fumo para amantes erectos  
tabuinhas com palavras interditas  
– uma mulher para este que está quase a perder o gosto à vida – tome lá –  
dois netos para essa velha aí no fim da fila – não temos mais –  
saquear o museu dar um diadema ao mundo e depois obrigar a repor no mesmo sítio  
e para ti e para mim, assentes num espaço útil,  
veneno para entornar nos olhos do gigante  
isto ou um rosto um rosto solitário como barco em demanda de vento calmo para a noite  
se nós somos areia que se filtre  
a um vento débil entre arbustos pintados  
se um propósito deve atingir a sua margem como as correntes da terra náufragos e tempestade  
se o homem das pensões e das hospedarias levanta a sua fronte de cratera molhada  
se na rua o sol brilha como nunca  
se por um minuto  
vale a pena  
esperar  
isto ou a alegria igual à simples forma de um pulso  
aceso entre a folhagem das mais altas lâmpadas  
isto ou a alegria dita o avião de cartas  
entrada pela janela saída pelo telhado  
ah mas então a pirâmide existe?  
ah mas e então a pirâmide diz coisas?  
então a pirâmide é o segredo de cada um com o mundo?  
sim meu amor a pirâmide existe  
a pirâmide diz muitíssimas coisas  
a pirâmide é a arte de bailar em silêncio  
e em todo o caso  
há praças onde esculpir um lírio  
zonas subtis de propagação do azul  
gestos sem dono barcos sob as flores  
uma canção para ouvir-te chegar

----------------------------------------

poema  
faz-se luz pelo processo de eliminação de sombras  
ora as sombras existem as sombras têm exaustiva vida própria  
não dum e doutro lado da luz mas no próprio seio dela  
intensamente amantes loucamente amadas  
e espalham pelo chão braços de luz cinzenta  
que se introduzem pelo bico nos olhos do homem  
por outro lado a sombra dita a luz  
não ilumina realmente os objectos  
os objectos vivem às escuras  
numa perpétua aurora surrealista  
com a qual não podemos contactar  
senão como os amantes  
de olhos fechados  
e lâmpadas nos dedos e na boca

----------------------------------------

being beauteous  
o meu amigo inglês que entrou no quarto da cama e correu de um só gesto todas as cortinas  
sabia o que corria  
digo disse direis era vergonha  
era sermos estranhos mais do que isso: estrangeiros  
e tão perto um do outro naquela casa  
mas eu vejo maior mais escuro dentro do corpo  
e descobri que a luz é coisa de ricos  
gente que passa a vida a olhar para o sol  
cultivar abelhas no sexo liras na cabeça  
e mal a noite tinge a faixa branca da praia  
vai a correr telefonar para a polícia  
e não bem pelas jóias de diamante os serviços de bolso e as criadas  
digo ricos de espírito  
ricos de experiência  
ricos de saber bem como decorre  
para um lado o sémen para o outro a caca  
e nos doces intervalares  
a urina as bibliotecas as estações o teatro  
tudo o que já amado  
e arrecadado no canto do olho a implorar mais luz para ter sido verdade  
o meu amigo inglês não se lembrava  
senão dos gestos simples do começo  
e corria as cortinas e criava  
para além do beijo flébil que podemos  
a viagem sem fim e sem regresso

----------------------------------------

o navio de espelhos  
não navega, cavalga  
seu mar é a floresta  
que lhe serve de nível  
ao crepúsculo espelha  
sol e lua nos flancos  
(por isso o tempo gosta  
de deitar-se com ele)  
os armadores não amam  
a sua rota clara  
(vista do movimento  
dir-se-ia que pára)  
quando chega à cidade  
nenhum cais o abriga  
(o seu porão traz nada  
nada leva à partida)  
vozes e ar pesado  
é tudo o que transporta  
(e no mastro espelhado  
uma espécie de porta)  
seus dez mil capitães  
têm o mesmo rosto  
(a mesma cinta escura  
o mesmo grau e posto)  
quando um se revolta  
há dez mil insurrectos  
(como os olhos da mosca  
reflectem os objectos)  
e quando um deles ala  
o corpo sobre os mastros  
e escruta o mar do fundo  
toda a nave cavalga  
(como no espaço os astros)  
do princípio do mundo  
até ao fim do mundo

----------------------------------------

a idade do ouro  
uma curva no tempo, como num caminho,  
desvia o homem da direcção antiga. de súbito,  
uma paisagem diferente: casas de madeira,  
a cobertura negra da ponte, o verde dos  
campos. aí, senta-se numa pedra; não sabe  
onde está; nem ouve que o chamam,  
do fundo, para que regresse.  
ele sabe que pode avançar,  
se os olhos não fixarem  
a imagem conhecida. imóvel,  
uma transformação faz com que  
as coisas estranhas se tornem perceptíveis  
e familiares. assim, regressa ao rigor  
que os deuses lhe roubaram  
com o grito inicial.  
porém, outros homens avançam  
por essa paisagem, deitando abaixo  
os muros. têm foices, enxadas, rostos  
embranquecidos pela vigília. riem,  
uns; e cantam, quando a terra  
se abre em sulcos que sobem  
os montes, descem colinas,  
e se perdem na planície.  
um dia,  
talvez se encontrem.

----------------------------------------

a mão escreve na mente: a flecha  
que viaja no papel a rosa dos ventos:  
a clave do sol; la clef des jardins;  
a chave como um comboio de criança  
passando num pátio com palmeira, entre  
o crepúsculo branco e a manhã vermelha;  
a cidade crescera como os arcos das ondas  
ao encontro das aéreas construções das nuvens;  
a meio caminho triângulos acesos ondeavam  
e a terra recordava-se murmurante  
das raízes das árvores eléctricas  
em cujos ramos brilhavam os peixes  
profundos.  
nem com setas habitarias tal pátria  
e por isso as pões na pintura que delira  
e desenhas uma fairy queen: um canto  
árabe uma princesa árabe escrita em sarapilheira  
e aureolada pelo napalm; a floresta em construção  
multiplica a lua cheia pelas paliçadas lacustres;  
os barcos navegam uma noite branca  
que se ergue como um monte iluminado  
por monstruosas flores irregulares  
em cruz e em espiral à tua espera

----------------------------------------

aprende a falar – diz  
a rosa: escreve de noite  
e que o meu múltiplo sol  
te guie inúmeros  
os caminhos. põe-te numa sala  
com a luz apagada  
onde chegue acesa  
a de uma outra, e  
frágil,  
ao papel que para ela  
voltas. então falas  
das paixões, da pétala  
que cai no interior  
do coração  
e navega na sombra do  
sangue, de assombro em  
assombro.

----------------------------------------

a um rato morto encontrado num parque  
este findou aqui sua vasta carreira  
de rato vivo e escuro ante as constelações  
a sua pequena medida não humilha  
senão aqueles que tudo querem imenso  
e só sabem pensar em termos de homem ou árvore  
pois decerto este rato destinou como soube (e até como não soube)  
o milagre das patas – tão junto ao focinho! –  
que afinal estavam justas, servindo muito bem  
para agatanhar, fugir, segurar o alimento, voltar atrás de repente, quando necessário  
está pois tudo certo, ó “deus dos cemitérios pequenos”?  
mas quem sabe quem sabe quando há engano  
nos escritórios do inferno? quem poderá dizer  
que não era para príncipe ou julgador de povos  
o ímpeto primeiro desta criação  
irrisória para o mundo – com mundo nela?  
tantas preocupações às donas de casa – e aos médicos – ele dava!  
como brincar ao bem e ao mal se estes nos faltam?  
algum rapazola entendeu sua esta vida tão ímpar  
e passou nela a roda com que se amam  
olhos nos olhos – vítima e carrasco  
não tinha amigos? enganava os pais?  
ia por ali fora, minúsculo corpo divertido  
e agora parado, aquoso, cheira mal.  
sem abuso  
que final há-de dar-se a este poema?  
romântico? clássico? regionalista?  
como acabar com um corpo corajoso humílimo  
morto em pleno exercício da sua lira?

----------------------------------------

“sim, fui um profeta”  
experimento um contacto de sombras,  
o mal estar de uma efervescência de ruínas, das folhas  
que tomam a forma virgem de um tronco. sou já um hábito,  
habitado por diferentes direcções de espírito, ouvido no fundo dos poços  
humanos: um tom de voz que multiplica a contradição ofegante  
das nostalgias. diziam-me:  
“ – procura no coro dos mortos o primeiro grau  
da felicidade; na obsessão dos pescadores de ostras  
um derradeiro uivo de sofrimento . . . ” e as palavras chegavam-me  
em tumulto, numa pesada respiração, num estertor  
de velho. então, vi o fim: a queda sinuosa dos astros, o rosto  
de um gelo azul, o ruído de ondas sobrepondo-se à imagem  
do ventre rasgado até às entranhas. nenhum exorcismo me restituiu  
a força. entrei na procissão dos sonâmbulos,  
juntando a voz ao gemido comum. “ – quem é este?” –  
“ – o taciturno poeta, o antigo portador de absolvição.”  
e comentavam :  
“de que nos serve, agora? . . . ” e a maré engrossava  
como as nuvens do crepúsculo! entre os homens ainda há  
quem se lembre: o bêbado contador de histórias, o músico  
cego das feiras, a louca decifradora das sinas. as crianças apedrejam-nos  
à entrada das aldeias. um deles apareceu, de manhã, boiando  
no canal  
– e os seus olhos viam tudo.

----------------------------------------

voz numa pedra  
não adoro o passado  
não sou três vezes mestre  
não combinei nada com as furnas  
não é para isso que eu cá ando  
decerto vi osíris porém chamava-se ele nessa altura luiz  
decerto fui com ísis mas disse-lhe eu que me chamava joão  
nenhuma nenhuma palavra está completa  
nem mesmo em alemão que as tem tão grandes  
assim também eu nunca te direi o que sei  
a não ser pelo arco e flecha negro e azul do vento  
não digo como o outro: sei que não sei nada  
sei muito bem que soube sempre umas coisas  
que isso pesa  
que lanço os turbilhões e vejo o arco íris  
acreditando ser ele o agente supremo  
do coração do mundo  
vaso de liberdade expurgada do mênstruo  
rosa viva diante dos nossos olhos  
ainda longe longe a cidade futura  
onde “a poesia não mais ritmará a acção  
porque caminhará adiante dela”  
os pregadores de morte vão acabar?  
os segadores do amor vão acabar?  
a tortura dos olhos vai acabar?  
passa-me então aquele canivete  
porque há imenso que começar a podar  
passa não me olhes como se olha um bruxo  
detentor do milagre da verdade  
“a machadada e o propósito de não sacrificar-se não constituirão ao sol coisa nenhuma”  
nada está escrito afinal

----------------------------------------

meditação sobre ruínas  
desembarcou numa sala sem dourados nem cadeiras:  
madeiras velhas, jarras com flores de plástico, janelas  
de vidros partidos para a auto-estrada. nem vento,  
nem mar: só o ruído dos carros entrava pelas fendas  
para ecoar no tecto (madeiras à vista entre os restos  
de estuque). depois, na rua, pendurou-se nos ferros podres  
de antigas varandas. percebia-se, por entre os arbustos  
que invadiam tudo, uma vista que teria sido digna  
de um quadro romântico. o vale, coberto de casas, e  
os montes invadidos por ferro-velho, ocultam um passado  
de rebanhos e pastores. mas talvez não se tenha ouvido aqui  
a música da flauta. com efeito, esta casa limita-se  
a guardar antigos silêncios, que o uso transformou em manchas  
sépia na memória. agora, confundem-se com a cor das paredes;  
e só abrigam tocas répteis, que apenas se adivinham,  
no inverno, escondidos do universo. mas alguém passou por aqui,  
há pouco; e um monte de madeira fumega, ainda, enquanto  
o sol avança a partir do nascente, onde as cores frias  
da madrugada não se dissipam, nem pássaro algum saúda  
o nascer do dia.

----------------------------------------

nenhuma outra flor  
tem a dura beleza  
desta rocha vermelha  
que a si mesma sobe  
como uma maré por  
todos os lados subin  
do-nos  
fogo que por si mesmo sobe  
como em ondas  
nós

----------------------------------------

receita para fazer azul  
se quiseres fazer azul,  
pega num pedaço de céu e mete-o numa panela grande,  
que possas levar ao lume do horizonte;  
depois mexe o azul com um resto de vermelho  
da madrugada, até que ele se desfaça;  
despeja tudo num bacio bem limpo,  
para que nada reste das impurezas da tarde.  
por fim, peneira um resto de ouro da areia  
do meio-dia, até que a cor pegue ao fundo de metal.  
se quiseres, para que as cores se não desprendam  
com o tempo, deita no líquido um caroço de pêssego queimado.  
vê-lo-ás desfazer-se, sem deixar sinais de que alguma vez  
ali o puseste; e nem o negro da cinza deixará um resto de ocre  
na superfície dourada. podes, então, levantar a cor  
até à altura dos olhos, e compará-la com o azul autêntico.  
ambas as cores te parecerão semelhantes, sem que  
possas distinguir entre uma e outra.  
assim o fiz – eu, abraão ben judá ibn haim,  
iluminador de loulé – e deixei a receita a quem quiser,  
algum dia, imitar o céu.

----------------------------------------

é isto: a noite de manhã  
tu levantas-te  
manhã e noite não se vêem ao espelho  
antes o estilhaçam para dentro  
desencontram-se interminavelmente  
mas ouvem-se uma à outra entre as salas da casa  
tu estás súbita ali na esquina do corredor  
sinto por momentos a tua cara negra  
e a imensidão do teu corpo anoitecido  
passas-me a manhã devagar  
de mão a mão  
como um mapa fosforescente  
onde por certo íamos morrer

----------------------------------------

ética  
chego em frente do mar, das suas ondas,  
das marés que setembro enfurece, dos cinzentos  
e azuis que alternam com verdes estranhos;  
uma voz trata da loucura, ou do olhar vazio  
dos peixes, ou de um tema ressequido como as algas  
da maré baixa; um vento percorreu a praia,  
no silêncio da tarde, devolvendo ao corpo das águas  
uma unidade antiga. o mar, no entanto, supõe  
que o esqueçam. nos seus fundos dormem as imagens  
que o sonho já não guarda; braços que se agarram  
aos mastros do naufrágio. um barco abstracto  
passou devagar pelo horizonte que a manhã não viu,  
entrando no outro lado da terra, esquecido  
por instantes da música dos portos. o poema, disseram-me,  
ignorou essa distracção: atravessou  
o limite da eternidade, vestiu-se com as palavras  
nocturnas, deixou que a morte o contaminasse.  
à beira-mar, não dou por isso; e digo-o,  
devagar, repetindo em voz baixa  
todas as suas contradições.

----------------------------------------

de profundis amamus  
ontem às onze  
fumaste  
um cigarro  
encontrei-te  
sentado  
ficámos para perder  
todos os teus eléctricos  
os meus  
estavam perdidos  
por natureza própria  
andámos  
dez quilómetros  
a pé  
ninguém nos viu passar  
excepto  
claro  
os porteiros  
é da natureza das coisas  
ser-se visto  
pelos porteiros  
olha  
como só tu sabes olhar  
a rua os costumes  
o público  
o vinco das tuas calças  
está cheio de frio  
é há quatro mil pessoas interessadas  
nisso  
não faz mal abracem-me  
os teus olhos  
de extremo a extremo azuis  
vai ser assim durante muito tempo  
decorrerão muitos séculos antes de nós  
mas não te importes  
muito  
nós só temos a ver  
com o presente  
perfeito  
corsários de olhos de gato intransponível  
maravilhados maravilhosos únicos  
nem pretérito nem futuro tem  
o estranho verbo nosso

----------------------------------------

epitáfio  
morreram da epidemia, os melhores: a uns,  
levou-os a peste; a outros, a gripe a que  
chamaram pneumónica; e houve os da  
doença de s. vito; os da lepra, os da  
tísica, galopante ou não. isto, quando  
não davam um tiro na cabeça, não se  
enforcavam num candeeiro, não se deitavam  
ao rio. houve ainda os que deixaram  
de escrever; os que beberam até perder  
o juízo; os que, pura e simplesmente,  
desistiram sem nada explicar. como  
se a vida dependesse de tão pouco –  
linhas rabiscadas em papéis baratos,  
frases que podiam ou não rimar,  
pensamentos . . . que poderiam ter  
guardado para eles próprios. no  
entanto, quando os leio, percebo o seu  
desespero. a beleza não aparece  
todos os dias à vista do homem;  
a perfeição nem sempre parece  
uma coisa deste mundo. sim:  
subo as escadas até ao fim,  
de onde se vê a cidade, embora  
o tempo esteja de tempestade. o  
que se passa, neste instante, sob  
aqueles tectos? que epidemia, mais  
subtil, prende ao chão os que,  
ainda há pouco, sonhavam com o voo?

----------------------------------------

homenagem a s. joão da cruz  
quando colhi os frutos daqueles ramos  
que nunca deram sombra, a noite desceu  
depressa, sem poente nem crepúsculo: a noite  
que já estava dentro de cada fruto  
e se fazia mais espessa de cada vez que os meus lábios  
tocavam a ácida casca. que noite  
começou então? não foi, sem dúvida, a noite  
áspera do choro e do canto; nem a noite piedosa  
que antecede a madrugada; nem sequer  
a noite única do sonho e da insónia, confundindo-se  
no curso sonâmbulo dos corpos que o torpor amante  
contamina. noite sem fim – porque  
não teve um princípio – e definitiva no olhar  
cego de um reflexo sem memória: dando  
o nome às coisas que nunca o tiveram; e roubando  
substância a esses nomes – essa noite  
anda pelo meio de mim, entre quem sou  
e quem julgo ser, impedindo-me de ver cada um  
dos lados em que estou. noite, então,  
que caiu onde sempre esteve: amada, desejada,  
repudiada repetição do que escrevo  
quando escrevo – chamando, apenas,  
a chama que não vejo nesse obscuro desejo.

----------------------------------------

discurso ao príncipe de epaminondas,  
mancebo de grande futuro poema  
despe-te de verdades  
das grandes primeiro que das pequenas  
das tuas antes que de quaisquer outras  
abre uma cova e enterra-as  
a teu lado  
primeiro as que te impuseram eras ainda imbele  
e não possuías mácula senão a de um nome estranho  
depois as que crescendo penosamente vestiste  
a verdade do pão a verdade das lágrimas  
pois não és flor nem luto nem acalanto nem estrela  
depois as que ganhaste com o teu sémen  
onde a manhã ergue um espelho vazio  
e uma criança chora entre nuvens e abismos  
depois as que hão-de pôr em cima do teu retrato  
quando lhes forneceres a grande recordação  
que todos esperam tanto porque a esperam de ti  
nada depois, só tu e o teu silêncio  
e veias de coral rasgando-nos os pulsos  
então, meu senhor, poderemos passar  
pela planície nua  
o teu corpo com nuvens pelos ombros  
as minhas mãos cheias de barbas brancas  
aí não haverá demora nem abrigo nem chegada  
mas um quadrado de fogo sobre as nossas cabeças  
e uma estrada de pedra até ao fim das luzes  
e um silêncio de morte à nossa passagem

----------------------------------------

you are welcome to elsinore  
entre nós e as palavras há metal fundente  
entre nós e as palavras há hélices que andam  
e podem dar-nos morte violar-nos tirar  
do mais fundo de nós o mais útil segredo  
entre nós e as palavras há perfis ardentes  
espaços cheios de gente de costas  
altas flores venenosas portas por abrir  
e escadas e ponteiros e crianças sentadas  
à espera do seu tempo e do seu precipício  
ao longo da muralha que habitamos  
há palavras de vida há palavras de morte  
há palavras imensas, que esperam por nós  
e outras, frágeis, que deixaram de esperar  
há palavras acesas como barcos  
e há palavras homens, palavras que guardam  
o seu segredo e a sua posição  
entre nós e as palavras, surdamente,  
as mãos e as paredes de elsinore  
e há palavras nocturnas palavras gemidos  
palavras que nos sobem ilegíveis à boca  
palavras diamantes palavras nunca escritas  
palavras impossíveis de escrever  
por não termos connosco cordas de violinos  
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar  
e os braços dos amantes escrevem muito alto  
muito além do azul onde oxidados morrem  
palavras maternais só sombra só soluço  
só espasmos só amor só solidão desfeita  
entre nós e as palavras, os emparedados  
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

----------------------------------------

viático  
de noite, conhecem-se pela voz, pela  
respiração, por um negro afecto de braços;  
conhecem-se devagar, como se nunca se  
tivessem encontrado, nem trocado as palavras  
estranhas de uma despedida;  
conhecem-se pelo desespero da ignorância, que  
a uns e outros rouba o sentimento, deixando-os  
entregues à secura de um reflexo.  
vinde: desse cais que o inverno devastou,  
que os barcos não procuram, nem as aves, nem  
a mais louca das antigas prostitutas; e  
trazei convosco um refúgio de sombras nos  
lábios, uma infecção de alma no cansaço  
dos corpos, o fardo de um brilho na obscuridade  
dos olhos.  
comungai comigo na desordem da vida,  
na indecisão dos caminhos,  
na feira de um silêncio por onde escorrem,  
como as imagens de um sonho,  
um riso amado, outrora, e  
o teu rosto sem idade.

----------------------------------------

biografia  
incorreu no desejo, no pecado melancólico  
do amor, no gozo do instante que o tempo  
apaga. cedeu às espumas abstractas da vida  
a solidão herdada da noite. entrou num rio  
de palavras difusas, abandonando a segurança  
das margens.  
conheceu o pálido reverso dos rostos;  
acordou corpos dos quais só lembra um frio  
de sombra; viu a destilação da ausência  
nos sentidos que o outono entorpece, in-  
diferente, na expectativa dos júbilos  
primaveris.  
na estação que traz de vota a fúnebre  
rapariga, no entanto, algo correu mal. não  
marcou o despertador para a hora certa; não  
ouviu o nome que assinala o reconhecimento  
dos amantes. dormira pouco a noite passada;  
distraíra-se.  
sobrou-lhe de tudo isto um resíduo de  
canto: revelação de um eco de voz sem a  
opacidade de lábios, súbita como a imagem  
de uns cabelos antigos  
no vazio do verso.

----------------------------------------

arqueologia  
aqui, o molde dos que se limitaram a  
um contorno do divino – desfaz-se com os  
ventos e as marés. libertou-se da alquimia  
efémera das mãos; e comunga o segredo  
dos movimentos cíclicos, das mudanças de acaso,  
das decisões inscritas num rumo de astro.  
tiro a figura que parecia perdida. um  
olhar breve com o bater de asas da borboleta  
na incineração da tarde . . . procuro o seu dom  
de abismo, um fundo negro de poço que me fixa  
sem o reflexo da superfície: e encontro o seu vazio  
inquieto num silêncio de espelho.  
embora se diga que uma reprodução não terá  
nunca o fulgor do original, esta imagem dá-me um  
sabor de coisas mortas: a luz nascente, o ouro  
de um horizonte marítimo, o fumo húmido da respiração  
matinal. deixo-me estar com elas; e limito-me  
a sentir a sua lenta corrupção nas raízes da alma.

----------------------------------------

morreremos repetidamente sobre esta praia, nas margens da luz.  
a rosa declina a sua autobiografia, obliquamente caindo  
sobre quilómetros e quilómetros de florestas insistentes,  
sobre a sombria arquitectura desta terra longamente apaixonada,  
sobre a rosa que sobe até à aérea metalurgia das nuvens.

----------------------------------------

canto dos lugares  
tantas vezes os lugares habitam no homem  
e os homens tantas vezes habitam  
nos lugares que os habitam, que podia  
dizer-se que o cárcere de sócrates,  
estando nele sócrates, não o era,  
como diz séneca em epístola a hélvia.  
por isso cada lugar nos mostra  
uma vida clara e desmedida,  
enquanto o tempo oscila e nos oculta  
que é curto e ambíguo  
porque nos dá a morte e a vida.  
e os lugares somente acabam  
porque é mortal cada homem  
que houve em si algum lugar.

----------------------------------------

lisboa sob névoa  
na névoa, a cidade, ébria  
oscila, tomba.  
informes, as casas  
perdem o lugar e o dia.  
cravadas no nada,  
as paredes são menires,  
pedras antigas, vagas  
sem princípio, sem fim.

----------------------------------------

a magnólia  
a exaltação do mínimo,  
e o magnífico relâmpago  
do acontecimento mestre  
restituem-me a forma  
o meu resplendor.  
um diminuto berço me recolhe  
onde a palavra se elide  
na matéria – na metáfora –  
necessária, e leve, a cada um  
onde se ecoa e resvala.  
a magnólia,  
o som que se desenvolve nela  
quando pronunciada,  
é um exaltado aroma  
perdido na tempestade,  
um mínimo ente magnífico  
desfolhando relâmpagos  
sobre mim.

----------------------------------------

tríptico  
«transforma-se o amador na coisa amada», com seu  
feroz sorriso, os dentes,  
as mãos que relampejam no escuro. traz ruído  
e silêncio. traz o barulho das ondas frias  
e das ardentes pedras que tem dentro de si.  
e cobre esse ruído rudimentar com o assombrado  
silêncio da sua última vida.  
o amador transforma-se de instante para instante,  
e sente-se o espírito imortal do amor  
criando a carne em extremas atmosferas, acima  
de todas as coisas mortas.  
transforma-se o amador. corre pelas formas dentro.  
e a coisa amada é uma baía estanque.  
é o espaço de um castiçal,  
a coluna vertebral e o espírito  
das mulheres sentadas.  
transforma-se em noite extintora.  
porque o amador é tudo, e a coisa amada  
é uma cortina  
onde o vento do amador bate no alto da janela  
aberta. o amador entra  
por todas as janelas abertas. ele bate, bate, bate.  
o amador é um martelo que esmaga.  
que transforma a coisa amada.  
ele entra pelos ouvidos, e depois a mulher  
que escuta  
fica com aquele grito para sempre na cabeça  
a arder como o primeiro dia do verão. ela ouve  
e vai-se transformando, enquanto dorme, naquele grito  
do amador.  
depois acorda, e vai, e dá-se ao amador,  
dá-lhe o grito dele.  
e o amador e a coisa amada são um único grito  
anterior de amor.  
e gritam e batem. ele bate-lhe com o seu espírito  
de amador. e ela é batida, e bate-lhe  
com o seu espírito de amada.  
então o mundo transforma-se neste ruído áspero  
do amor. enquanto em cima  
o silêncio do amador e da amada alimentam  
o imprevisto silêncio do mundo e do amor.

----------------------------------------

as casas  
i  
as casas vieram de noite  
de manhã são casas  
à noite estendem os braços para o alto  
fumegam vão partir  
fecham os olhos  
percorrem grandes distâncias  
como nuvens ou navios  
as casas fluem de noite  
sob a maré dos rios  
são altamente mais dóceis  
que as crianças  
dentro do estuque se fecham  
pensativas  
tentam falar bem claro  
no silêncio  
com sua voz de telhas inclinadas  
ii  
prometeu ser virgem toda a vida  
desceu persianas sobre os olhos  
alimentou-se de aranhas  
humidades  
raios de sol oblíquos  
quando lhe tocam quereria fugir  
se abriam uma porta  
escondia o sexo  
ruiu num espasmo de verão  
molhada por um sol masculino  
v  
louca como era a da esquina  
recebia gente a qualquer hora  
caía em pedaços e  
vejam lá convidava as rameiras  
os ratos os ninhos de cegonha  
apitos de comboio bêbados pianos  
como todas as vozes de animais selvagens

----------------------------------------

frutos  
pêssegos, peras, laranjas,  
morangos, cerejas, figos,  
maçãs, melão, melancia,  
ó música de meus sentidos,  
pura delícia da língua;  
deixai-me agora falar  
do fruto que me fascina,  
pelo sabor, pela cor,  
pelo aroma das sílabas:  
tangerina, tangerina.

----------------------------------------

a água  
no café trazem-me um copo com água  
como se ele resolvesse todos os meus problemas.  
é ridículo – penso – não há saída.  
no entanto, depois de beber a água  
fico sem sede.  
e a sensação exclusiva do organismo  
acalma-me por momentos.  
como eles sabem de filosofia – penso –  
e regresso, logo a seguir, à angústia.

----------------------------------------

o poema ensina a cair  
o poema ensina a cair  
sobre os vários solos  
desde perder o chão repentino sob os pés  
como se perde os sentidos numa  
queda de amor, ao encontro  
do cabo onde a terra abate e  
a fecunda ausência excede  
até à queda vinda  
da lenta volúpia de cair,  
quando a face atinge o solo  
numa curva delgada subtil  
uma vénia a ninguém de especial  
ou especialmente a nós uma homenagem  
póstuma.

----------------------------------------

mulheres de henry moore nos jardins  
o cheiro da chuva inquinou os jardins  
mulheres de henry moore sorvem os ares.  
e tu alvejas-me, filho, camuflado  
na recôncava brandura desses seres.  
“morta! estás morta!” rejubilas.  
entre os mágicos projécteis à deriva,  
já crisálidas, já arcas no dilúvio,  
pedem paz elas num sossegado corpo  
com a terra, seus regos, suas relvas.  
naves nossas de regresso ao solo?

----------------------------------------

da voz das coisas  
só a rajada de vento  
dá o som lírico  
às pás do moinho.  
somente as coisas tocadas  
pelo amor das outras  
têm voz.

----------------------------------------

a dívida  
viva no instantâneo lábio do punhal  
na hora diariamente imóvel  
as dívidas crescem já são ásperas  
magoam a pele já são pus  
o dia começa pela sombra  
como um povo começa pelo pó  
luz e morte coincidem hora a hora  
a dívida alastra abre as asas  
leva-me sonhos débeis tudo a tenta  
atrás do meu gesto  
a mão sozinha os dedos conspirando  
assimétricos  
salientes do corpo até à morte  
já hoje os doava se pudesse  
com que arma porém os separar de mim?  
a dívida mais cresce  
enquanto eu penso

----------------------------------------

a cabeça em ambulância  
há feridas cíclicas há violentos voos  
dentro de câmaras de ar curvas  
feridas que se pensam de noite  
e rebentam pela manhã  
ou que de noite se abrem  
e pela manhã são pensadas  
com todos os pensamentos  
que os órgãos são hábeis  
em inventar como pensos  
ligaduras capacetes  
sacramentos  
com que se prende a cabeça  
quando ela se nos afasta  
quando ela nos pressente  
em síncope ou desnudamento  
ou num erro mais espaçoso  
ou numa letra mais muda  
ou na sala de tortura  
na sala escura, de infância.

----------------------------------------

acordar na rua do mundo  
madrugada. passos soltos de gente que saiu  
com destino certo e sem destino aos tombos  
no meu quarto cai o som depois  
a luz. ninguém sabe o que vai  
por esse mundo. que dia é hoje?  
soa o sino sólido as horas. os pombos  
alisam as penas. no meu quarto cai o pó.  
um cano rebentou junto ao passeio.  
um pombo morto foi na enxurrada  
junto com as folhas dum jornal já lido.  
impera o declive  
um carro foi-se abaixo  
portas duplas fecham  
no ovo do sono a nossa gema.  
sirenes e buzinas. ainda ninguém via satélite  
sabe ao certo o que aconteceu. estragou-se o alarme  
da joalharia. os lençóis na corda  
abanam os prédios. pombos debicam  
o azul dos azulejos. assoma à janela  
quem acordou. o alarme não pára o sangue  
desavém-se. não veio via satélite a querida imagem o vídeo  
não gravou  
e duma varanda um pingo cai  
de um vaso salpicando o fato do bancário

----------------------------------------

as palavras  
são como um cristal,  
as palavras.  
algumas, um punhal,  
um incêndio.  
outras,  
orvalho apenas.  
secretas vêm, cheias de memória.  
inseguras navegam:  
barcos ou beijos,  
as águas estremecem.  
desamparadas, inocentes,  
leves.  
tecidas são de luz  
e são a noite.  
e mesmo pálidas  
verdes paraísos lembram ainda.  
quem as escuta? quem  
as recolhe, assim,  
cruéis, desfeitas,  
nas suas conchas puras?

----------------------------------------

das coisas  
nem todas as coisas marcam para nós  
o tempo com tenacidade, nos seus halos.  
muitas ocultam ou não nos devolvem  
o pensamento com que as havíamos querido.  
ó coisa imaginada, reflexo na água,  
ó tanque que conténs a história do tempo,  
hora a hora nas quatro estações.  
tens o inverno, o verão, a primavera  
e sobretudo o outono perfeito, tão imóvel.  
e o miósporo e a ameixoeira  
não só te dão as imagens da imagem  
como te lançam as pétalas soltas  
para que o arquétipo tombe sobre a imagem.  
e não apenas do reino vegetal as figuras  
visitam o teu espelho, ó tanque antigo,  
como os peixes, as aves e os insectos  
passam, no inteiro tempo em que tu guardas  
os sinais do passado e do presente.  
tanta coisa passou sem me lembrar  
que passamos, só esta água  
parada no seu círculo e a escorrer  
tem uma força móvel e imóvel  
que me puxa de idade para idade.  
continuamente jorra, e sai pela caleira  
rasa ao chão, espalhada nos terrenos.  
e o tempo vai-se gastando como a água  
que nunca tem em si o mesmo espelho  
para as imagens vindas e perdidas.

----------------------------------------

quero um erro de gramática que refaça  
na metade luminosa o poema do mundo,  
e que deus mantenha oculto na metade nocturna  
o erro do erro:  
alta voltagem do ouro,  
bafo no rosto.

----------------------------------------